

# **Ensinar géneros de texto**

**Conteúdos, estratégias e materiais**

Coordenação

**Antónia Coutinho**

**Noémia Jorge**

Com

**Ana Silveira**

**Branca Rodrigues**

**Cristina Botelho**

**Gabriela Medeiros**

**Helena Perdigão Bruno**

**Isabel Cardoso**

**Ivone Coelho**

**Maria da Conceição Pires**

**Maria de Lurdes Fernandes**

**Maria José Almeida**

**Teresa Palma**

**Vera Borges**

## FICHA TÉCNICA

### Título

*Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais*

### Coordenadoras

Antónia Coutinho, Noémia Jorge

### Autoras

Ana Silveira, Antónia Coutinho, Branca Rodrigues, Cristina Botelho, Gabriela Medeiros, Isabel Cardoso, Ivone Coelho, Maria da Conceição Pires, Maria de Lurdes Fernandes, Maria José Almeida, Noémia Jorge, Teresa Palma, Vera Borges

### Ano

2019

### ISBN

978-989-20-9853-1

### Apoio

Centro Luís Krus – Formação ao Longo da Vida  
Escola de Verão da NOVA FCSH  
Associação de Professores de Português – APP  
Porto Editora



# ÍNDICE

- 04 | **Nota introdutória**
- 06 | **Sobre géneros de texto** | Antónia Coutinho
- 10 | **Géneros da atividade jornalística**
  - 11 | **Artigo de divulgação científica** | Helena Perdigão Bruno
  - 17 | **Texto de opinião** | Antónia Coutinho & Noémia Jorge
  - 21 | **Carta aberta** | Branca Rodrigues
  - 27 | **Crónica** | Cristina Botelho
- 33 | **Géneros do campo autobiográfico**
  - 34 | **Memórias** | Gabriela Medeiros
  - 40 | **Autobiografia** | Isabel Cardoso
  - 47 | **Diário** | Ivone Coelho & Vera Borges
  - 55 | **Relato de viagem** | Ana Silveira
- 62 | **Géneros da literatura tradicional**
  - 63 | **Oração protetiva (poesia popular)** | Maria de Lurdes Fernandes
  - 68 | **Conto popular** | Maria José Almeida
- 74 | **Géneros comuns a várias atividades**
  - 75 | **Síntese** | Maria da Conceição Pires
  - 86 | **Resumo** | Noémia Jorge & Antónia Coutinho
  - 92 | **Comentário** | Teresa Palma
- 100 | **Referências bibliográficas**

# NOTA INTRODUTÓRIA

A presente publicação dá a conhecer o trabalho desenvolvido no âmbito do Curso da Escola de Verão “Ensinar Português: conteúdos, estratégias e materiais”, que decorreu na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, em julho de 2019.

Para além de visar a consolidação de conhecimentos fundamentais na área da Gramática e do Texto e a familiarização com metodologias de ensino de conteúdos gramaticais e de compreensão e produção de textos, o curso incidiu na análise do processo de transposição didática de conteúdos de Linguística Textual (com destaque para os géneros de texto e os tipos de texto), tendo em conta os estudos teóricos, os documentos curriculares vigentes e os próprios textos empíricos, tal como circulam nas práticas de comunicação atuais.

Centrada no processo de didatização de géneros textuais – como o próprio título permite antever –, esta publicação dá a conhecer o trabalho realizado durante o curso, que passou pela análise conjunta de textos pertencentes a géneros diversos, pela deteção de regularidades e pela reflexão sobre a forma como o contexto de produção e a dimensão estrutural de um texto condicionam as marcas linguísticas do mesmo. Em articulação com este trabalho de tipo oficial, foram delineados *percursos didáticos* (conjuntos de atividades escolares organizadas, de forma sistemática, em torno de textos, géneros textuais ou agrupamento de textos com características semelhantes, privilegiando uma estreita articulação entre gramática e texto, numa perspetiva que inclui não apenas a produção, mas também a leitura e a análise de texto).

*Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* congrega trabalhos sobre treze géneros de texto distintos, produzidos em atividades sociais diversas: géneros produzidos no âmbito da atividade jornalística (*artigo de divulgação científica, texto de opinião, carta aberta, crónica*), géneros pertencentes ao campo autobiográfico (*memórias, autobiografia, diário, relato de viagem*), géneros integrados na literatura tradicional (*oração protetiva, conto popular*) e géneros comuns a várias atividades (*síntese, resumo, comentário*).

Os trabalhos são constituídos por duas partes: a primeira incide na descrição do género, ao nível contextual, estrutural e linguístico, tendo em conta a análise de textos empíricos e estudos teóricos sobre o género; a segunda integra percursos didáticos orientados para a apropriação (compreensão e produção) do género no Ensino Básico e Secundário, tendo como base a aprendizagem pela descoberta e valorizando a dimensão comunicativa do género. Na sequência do que acaba de ser dito, apresentam-se propostas de trabalho oficial, orientadas para atividades que se desejam promotoras do desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita e valorizadoras do processo de construção do conhecimento.

O produto que agora disponibilizamos é resultado do entusiasmo e do empenhamento de todas as participantes do curso – pessoas habituadas a ensinar que mantêm o gosto de aprender. E porque o saber é um bem comum, partilhamos o que construímos, na expectativa de que possa ser útil e que venha, eventualmente, a inspirar outras aplicações ou outros trabalhos (outros conteúdos, outras estratégias, outros materiais).

Neste mesmo sentido, agradecemos o apoio da [Associação de Professores de Português](#) – APP e da [Porto Editora](#), que assim nos auxiliam nesta intenção de alargar o círculo. Agradecemos também à [Escola de Verão da NOVA FCSH | Centro Luís Krus – Formação ao Longo da Vida](#) o contexto de organização deste curso – que, na prática, se prolongou como percurso até aqui.

# SOBRE GÉNEROS DE TEXTO<sup>1</sup>

ANTÓNIA COUTINHO<sup>2</sup>

---

Conversamos em casa, na escola, no trabalho, escrevemos *emails* e mensagens nas redes sociais, ouvimos notícias, assistimos a diferentes programas na televisão (entrevistas, reportagens, documentários), lemos romances e tiras de banda desenhada, biografias e autobiografias, vemos anúncios publicitários, lemos blogues (e talvez escrevamos também em blogues), assistimos a debates e prestamos atenção a discursos políticos quando o tema nos interessa ou a situação nos preocupa. Em todos estes casos interagimos através de textos, produzidos oralmente ou por escrito. E a lista poderia continuar, prolongar-se quase interminavelmente: de facto, o nosso dia a dia é preenchido por textos orais e escritos muito variados.

Não usamos indiferenciadamente todos estes textos: sabemos, por exemplo, que uma aula não se confunde com uma conversa (mesmo que haja momentos de conversa numa aula) e somos capazes de dizer que um debate a que assistimos foi tão mau que mais parecia uma conversa (de café). Quer isto dizer que a nossa experiência de comunicação vai acumulando conhecimentos sobre diferentes grupos de textos com características comuns, que conhecemos geralmente através de uma designação: entrevista, romance, debate, etc.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi publicada nos manuais escolares que integram o projeto *Encontros* (10.º, 11.º e 12.º anos), publicado pela Porto Editora entre 2015 e 2017.

<sup>2</sup> **Antónia Coutinho** é professora associada na NOVA FCSH (Departamento de Linguística), doutorada em Linguística (Teoria do Texto) pela mesma Universidade, orientadora de relatórios de estágio, teses de mestrado e de doutoramento na área dos estudos linguísticos sobre os textos e os discursos e da didática da língua materna e formadora reconhecida pelo CCPFC (Português / Língua Portuguesa e Linguística).

## Os géneros de texto e as atividades sociais

Em Ciências da Linguagem e em Teoria da Literatura estes grupos de textos são referidos como *géneros de texto* e considera-se que as características que permitem identificá-los e diferenciá-los são de duas ordens: contextuais (associadas à situação de comunicação) e organizacionais.

Características contextuais	Características organizacionais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quem fala ou escreve? E para quem?</li><li>• Que papel social desempenha quem fala / escreve? <i>Ex.: Fala como amigo(a)? Como professor(a)? Como estudante? Como pai ou mãe? Como representante da junta de freguesia?</i></li><li>• Que papel social atribui quem fala / escreve às pessoas a quem se dirige?</li><li>• Em que circunstâncias (de lugar e de tempo) se desenrola a comunicação?</li><li>• Que finalidades ou intenções tem quem fala / escreve?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Qual é a estrutura do texto? (Textos de diferentes géneros – como uma entrevista, um anúncio publicitário ou um relato de viagem, por exemplo – serão estruturados de forma diferente.)</li><li>• Que recursos gramaticais são utilizados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <i>Ex.: conectores, tempos verbais, pontuação</i></li><li>• No caso dos textos orais, que recursos não verbais são usados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <i>Ex.: entoação, ritmo, expressividade</i></li></ul>

Combinadas entre si, as características contextuais e organizacionais de cada texto concreto fazem dele um exemplar de um determinado género.

Chegamos assim a uma questão central, na problemática dos géneros de texto: a forma como se relacionam com os diferentes contextos em que se organiza a vida em sociedade. Podemos, nesse sentido, enumerar uma longa lista de atividades sociais: familiar, quotidiana, religiosa, política, partidária, comercial, jornalística, empresarial, publicitária, escolar, académica, científica, literária, jurídica. A lista não é exaustiva (nem pretende ser rigorosa). O que importa aqui é mostrar que os géneros de texto se estabilizam, se modificam, se transformam e se reinventam no âmbito das diferentes atividades sociais – e é nesse sentido que se pode falar, por exemplo, de géneros jornalísticos ou de géneros publicitários.

De uma forma geral, pode dizer-se que os géneros de texto não têm uma estabilidade rígida – dependendo, no interior de cada atividade, de fatores de época e de cultura.

Esta questão pode ver-se particularmente bem ilustrada na atividade literária: épocas houve em que foi regra a reprodução fidelíssima do género de texto (alguns sonetos de Camões são reproduções muito próximas de sonetos de Petrarca e *Os Lusíadas* existem na lógica clássica de imitação do género – o que em nada desmerece do génio poético do autor, como é evidente); hoje em dia, numa tendência inaugurada com o Romantismo, a imprevisibilidade relativamente ao género é particularmente apreciada e valorizada em termos literários.

## Géneros de texto e tipos de texto

Na bibliografia especializada, aparece frequentemente a noção de *tipos de texto* (ou *protótipos textuais*), nem sempre claramente diferenciada da de *géneros*, e os documentos normativos correm o risco de refletir essa ambiguidade – que se pode resolver de forma simples.

Enquanto os géneros de texto funcionam (aparecem, desaparecem, transformam-se) no contexto das atividades sociais a que estão associados, como atrás se viu, os tipos de texto correspondem a estruturas textuais fixas: consideram-se hoje, em geral, os tipos narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal. A partir daqui, podem compreender-se dois fatores distintivos: o facto de os géneros terem uma natureza empírica, enquanto os tipos são de carácter teórico; conseqüentemente, o dinamismo dos géneros, irredutíveis a uma lista fechada (verificando-se, por exemplo, a coexistência de géneros próximos, sem fronteiras nítidas), por oposição à contenção e rigidez dos tipos, que se definem pela presença (ou ausência) de um conjunto de características claramente identificadas (o que determina, em última análise, a condição tipológica, a que são alheios os géneros de texto).

Querirá isto dizer que há uma única escolha possível, no uso (metalinguístico) de géneros ou de tipos de texto? Sim e não. Sim, porque não se devem confundir as duas expressões: elas não são, de forma nenhuma, sinonímicas e, como tal, não são substituíveis entre si. Mas isso não quer dizer que sejam incompatíveis. Vejamos porquê.



Uma das maiores dificuldades com a noção de *tipo de texto* terá provavelmente a ver com a generalização do uso desta expressão relativamente a uma outra que lhe é próxima: *sequência prototípica*. Pode dizer-se da *sequência prototípica* o que atrás se disse do *tipo de texto*. A diferença que importa assinalar é esta: quando se fala num texto de tipo narrativo ou argumentativo, por exemplo, assume-se que se fala de um texto em que predominam sequências do tipo referido. Mas dizer que um romance é um texto de tipo narrativo apagará com certeza elementos significativos na composição interna deste ou daquele romance concreto. E o que dizer da crónica? Será um texto de tipo narrativo ou argumentativo? E os tipos dialogal ou descritivo estarão absolutamente excluídos, neste caso? Todas estas questões obtêm uma resposta clara se usarmos de forma controlada as noções em causa. Assim: romance e crónica são géneros de texto (da atividade literária e jornalística, respetivamente) que podem – como qualquer texto de qualquer género – usar como ingrediente, na sua composição interna, sequências de qualquer tipo.

O domínio dos géneros de texto, como atrás se viu, implica fatores de ordem vária – e não se pode limitar, portanto, a questões de tipologia textual. Faz parte da formação global da pessoa o domínio de diferentes géneros relevantes em termos sociais, profissionais e culturais. No termo do seu percurso escolar, qualquer jovem deverá ter adquirido fluência oral e escrita que lhe permita desempenhar bem as futuras funções profissionais. Da mesma forma, deverá conhecer o património estético, simbólico, cultural e artístico associado aos géneros literários. É um enriquecimento para cada pessoa aprender a conhecê-los, a situá-los no tempo e na história, saber identificá-los, descrevê-los e poder falar deles com precisão e com pertinência.

### Referências bibliográficas

- Coutinho, A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG/FCT.
- Coutinho, A., & Correia, C. N. (2013). Uma leitura de 'Homero'. In J. Markic & C. N. Correia (ed.), *Descrições e contrastes. Tópicos de gramática portuguesa com exemplos contrastivos eslovenos* (pp. 121 - 136). Ljubljana: Univerza v Ljubljani.
- Jorge, N., & Coutinho, A. (2017). Percursos (linguísticos) para análise (literária). *Palavras*, 50-51, pp. 77 - 87.
- Miranda, F. (2015). Considerações sobre o ensino de géneros textuais: pesquisa e intervenção. In E. Leurquin, A. Coutinho & F. Miranda (ed.), *Formação docente: textos, teorias e práticas*. Campinas: Mercado das Letras.

The background features a collage of newspaper clippings and a person writing. A person is shown from the side, writing on a document with a yellow highlighter. The word 'HIGHLIGHTER' is written vertically in yellow next to them. The newspaper clippings contain various headlines in Portuguese, such as 'Economia O acordo com exportação de carr...', 'ano para os', 'ma, que a', 'cional de suínos P', 'Saúde', 'Comunidade', 'na e resto', 'população', 'In acusações', 'Leit...', 'Câmara quer Feira', '10 Maio mais', and 'árvores do'.

# Géneros da atividade jornalística

Artigo de divulgação científica  
Texto de opinião  
Carta aberta  
Crónica

# ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

HELENA PERDIGÃO BRUNO<sup>3</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>4</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

O artigo de divulgação científica é de um género textual muito comum no meio jornalístico e que consiste na divulgação de pesquisas, descobertas e invenções científicas e tecnológicas provenientes de uma determinada área do saber. Este género textual visa a “*popularização da ciência*”, sendo este o termo mais utilizado para caracterizar atividades que buscam fazer uma difusão do conhecimento científico para o público não especializado. Trata-se, portanto, de explicar os assuntos, não no sentido de ensinar, mas sim adaptando o seu discurso ao nível de conhecimento do público. Divulgar é, nada mais, explicar simplesmente” (Vézina, 2011:6).

O produtor textual é um cientista / investigador / especialista numa determinada área do conhecimento ou um jornalista especialista na área da divulgação científica. Quanto ao formato, o artigo de divulgação científica tende a ser apresentado numa publicação periódica, digital ou impressa, com vista à divulgação científica (revista ou jornal). A intenção comunicativa é a divulgação de factos /acontecimentos / descobertas / resultados científicos.

### Caracterização: aspetos organizacionais

Embora não possuam um plano de texto fixo (já que a estrutura varia em função do suporte (digital ou impresso), os artigos de divulgação científica produzidos na atividade social jornalística costumam apresentar uma estrutura predominantemente expositiva, que pode ser atualizada de diferentes formas. Assim, geralmente estes textos partem da exposição de factos ou da contextualização do tema para a apresentação de fenómenos científicos de grande atualidade. Este género tende a caracterizar-se ainda pela multimodalidade, já que assenta na articulação entre texto (título, subtítulo, corpo do texto) e imagem (destacando-se a fotografia e a infografia).

---

<sup>3</sup> **Maria Helena Perdigão Bruno** é professora Escola Secundária Gabriel Pereira – Évora.

<sup>4</sup> **Referências bibliográficas:** Coutinho, 2007; Gonçalves & Jorge (org.), 2018; Silva, 2012; Vézina, 2011.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Os artigos de divulgação científica resultam da articulação entre dois tipos de discursos: o da ciência e o do jornalismo.
- O discurso da ciência reflete-se no emprego de vocabulário técnico/especializado (e na sua explicitação), na reprodução do discurso do cientista, em discurso direto (citação) ou discurso indireto (através de paráfrases e/ou sínteses).
- Quanto aos tempos verbais, recorre-se frequentemente quer ao presente do indicativo com valor aspetual genérico (associado à teorização científica) ou deítico (associado à divulgação de uma descoberta atual), quer ao pretérito perfeito simples (associado ao relato de factos passados).
- A explicitação das fontes, concretizada pela referência ao texto-fonte ou ao autor do texto-fonte (ex.: “Segundo a **Organização Meteorológica Mundial (OMM)**”), funciona como argumento de autoridade, dando credibilidade ao discurso do jornalista.
- Nos artigos de divulgação científica são frequentes reformulações, paráfrases, explicações, analogias (comparações, metáforas), que têm como objeto tornar o discurso científico acessível ao leitor não especializado.
- Dado que noticiam descobertas científicas recentes, estes textos contêm deícticos espaciais e temporais (ex.: “*Nos próximos 12 anos*”, “*Até ao fim do século*”).
- As marcas de modalização epistémica (com valor de certeza ou de dúvida, por parte quer do jornalista, quer do cientista) estão ao serviço do rigor e da objetividade. Pode haver também enunciados com valor deóntico, que criam um efeito de proximidade relativamente ao leitor.

## EXEMPLO DE ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (EXCERTOS)

**Excerto A**

Expresso | ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS | INTRO | PRESENTE E FUTURO | II. DEBATE MUNDIAL | III. SOLUÇÕES



**ESTAMOS CONDENADOS?**  
O PRAZO PARA SALVAR A TERRA TERMINA EM 2030

**Local da publicação**  
Jornal *Expresso*

**Estrutura do texto**  
- Texto multimodal (articulação entre texto e imagem – fotografia, gráfico)  
- Texto encabeçado por título e subtítulo

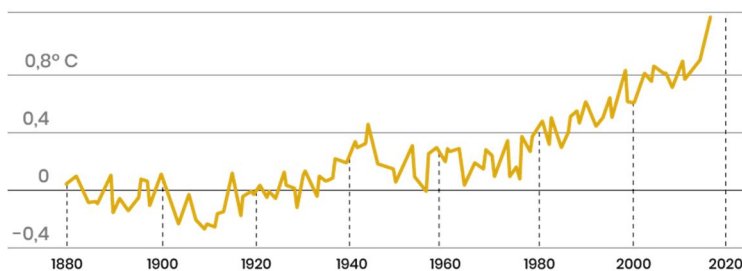
**Marcas linguísticas**  
- Presente do indicativo com valor deítico (“*estão a derreter*”) ou genérico (“*representa*”), pretérito

Tique-taque tique-taque, o relógio está a contar. A catástrofe climática parece inevitável e o mundo “está a falhar em travá-la”, como afirmou o secretário-geral da ONU, António Guterres, na Conferência da ONU sobre Alterações Climáticas (COP24) em Katowice, na Polónia.

Se não se tomarem medidas ambiciosas nos próximos 12 anos para limitar a subida média global da temperatura a não mais de 1,5° C até ao fim do século, os cenários que se antevêm revelam um planeta muito diferente daquele em que vivemos.

Para a maioria dos que leem estas linhas, a catástrofe pode parecer longínqua mas é já uma fatalidade para muitos. E como disse em 2016 o então secretário-geral da ONU Ban Ki-Moon: “Não existe um plano B, porque não temos um planeta B”.

## I. O MUNDO À BEIRA DA CATÁSTROFE



Olhe bem para o gráfico acima destas palavras. A linha amarela representa as alterações nas temperaturas globais em graus Celsius desde a época pré-industrial e não pára de ascender. Sobretudo nos últimos quatro anos, os termómetros do mundo atingiram recordes. Os glaciares estão a derreter a um ritmo mais acelerado do que se previa e as águas dos oceanos estão a subir e a roubar território. Perde-se biodiversidade a um ritmo nunca visto e os fenómenos extremos, como secas, ondas de calor, furacões e outras intempéries agravam-se.

Segundo a **Organização Meteorológica Mundial** (OMM), os 20 anos mais quentes do último século registaram-se todos desde 1996 e as temperaturas médias globais já subiram cerca de 1°C desde a era pré-industrial. Os cientistas temem que as temperaturas subam 1,5°C já em 2040 e que esta subida mais que duplique até final do século. [...]

TEXTO: CARLA TOMÁS  
INFOGRAFIA: SOFIA MIGUEL ROSA  
WEB DESIGN: TIAGO PEREIRA SANTOS  
WEB DEVELOPER: MARIA ROMERO  
FOTOGRAFIA: GETTY IMAGES  
FONTES DOS GRÁFICOS: NOAA/ESRL, NASA, UK MET OFFICE/CRU, ED DLUKOKENCKY AND PIETER TANS E MONGABAY COM DADOS DA EIA  
COORDENAÇÃO EDITORIAL: JOÃO SANTOS DUARTE, JOANA BELEZA, GERMANO OLIVEIRA

© EXPRESSO - IMPRESA PUBLISHING S.A. 2018

Tomás, Carla; Rosa, Sofia, in *Expresso*, 2018, <https://sdistribution.impresa.pt/data/content/binaries/custom/expresso/ambiente2018/index.html> (consultado em 26/07/2019, com supressões)

- perfeito simples (“disse”, “atingiram”), futuro (“tomarem”)
- 3.ª pessoa gramatical (“Perde-se”)
- Deícticos temporais (“Nos próximos 12 anos”, “Até ao fim do século”, “é já uma fatalidade”, “Nos últimos quatro anos”)
- Expressões com valor modal deóntico (“Olhe bem para o gráfico acima destas palavras.”)
- Vocabulário científico (“catástrofe climática”, “subida média global da temperatura”, “glaciares a derreter”, “os termómetros do mundo”)
- Expressões que remetem para as fontes, divulgando-as (“Secretário-Geral da ONU”, “Ban Ki-Moon”, “António Guterres”, “OMM”, “Cientistas”)

**Produtor textual**  
Equipa de profissionais do jornalismo

## PERCURSO DIDÁTICO

### Análise de artigo de divulgação científica (Ensino Secundário)

- Os alunos analisam coletivamente um excerto do artigo de divulgação científica “Estamos condenados?” (**Excerto A**), preenchendo a primeira coluna de uma grelha de análise comparativa.

#### Grelha de análise comparativa de excertos de artigo de divulgação científica

Categorias de análise		Texto “Estamos condenados?”		
		Excerto A	Excerto B	Excerto C
<b>Nível contextual</b>	Produtor textual (papel social)	Equipa de jornalistas		
	Objetivos / Intencionalidade Comunicativa	Divulgar dados científicos recentes sobre alterações climáticas; sensibilizar o público para o (grave) problema das alterações climáticas		
	Suporte / Formato	Versão digital do jornal <i>Expresso</i>		
<b>Nível temático</b>	Área do conhecimento	Ambiente		
	Tema	CLIMA / Alterações climáticas		
<b>Nível estrutural e linguístico</b>	Estrutura (plano de texto)	Multimodal (articulação entre texto, imagem – fotografia, gráfico)		
	Explicitação das fontes (argumento de autoridade)	Secretário geral da ONU; Conferência Internacional sobre AC; Cientistas		
	Pessoa gramatical	3.ª pessoa		
	Tempos verbais	Presente (valor deítico ou genérico); pretérito perfeito simples; futuro		
	Deíticos temporais	“Nos próximos 12 anos”, “Até ao fim do século”		
	Expressões com valor modal epistémico	“A linha amarela representa”, “os termómetros do mundo atingiram recordes”		
Expressões com valor modal deontico	“Olhe bem para o gráfico acima destas palavras”			

- Em pares, os alunos leem outros excertos do mesmo artigo (**Excertos B e C**) e completam o preenchimento da grelha de análise comparativa, refletindo sobre as regularidades contextuais, estruturais e linguísticas do género artigo de divulgação científica.



## O QUE JÁ ESTÁ A ACONTECER E O QUE VEM AÍ



### TEMPERATURAS

A temperatura tem estado a acelerar nos últimos anos de uma forma mais rápida na Europa que no resto do mundo, de acordo com dados do **sistema europeu de monitorização ambiental Copernicus**.



### DEGELO

Desde os anos 70 do século XX já desapareceu cerca de metade da camada de gelo que cobria o Ártico no verão. Estima-se que derreta por completo nas próximas décadas se não se cortarem as emissões de gases de efeito de estufa.

Os glaciares europeus estão a descongelar maciçamente desde 1997, tendo perdido entre sete e 23 metros de espessura. Se os termómetros subirem globalmente 3-5°C, o gelo do Ártico pode desaparecer por completo no fim do verão.



### SUBIDA DO NÍVEL DO MAR

O degelo e o aumento da temperatura da água (que faz expandir o volume) têm feito subir o nível médio dos oceanos, roubando terra em vários pontos do globo. “Portugal já perdeu 15 km<sup>2</sup> de território, engolidos pelo mar nos últimos anos”, lembra **o geofísico Filipe Duarte Santos**. O nível médio do mar subiu 15 milímetros entre 2014 e 2016, o que equivale a cinco vezes mais do que a tendência registada desde 1993. Cinco pequenas ilhas do Arquipélago das Ilhas Salomão, no Oceano Pacífico, já foram engolidas pelo mar. As ilhas Fiji ou Tuvalu podem desaparecer já em 2050. Nos próximos 30 anos, mais de um milhão de pessoas destas ilhas serão forçadas a migrar. Se nada se fizer para inverter a trajetória atual, as projeções apontam para uma subida média de dois metros do nível médio do mar até 2100. Com dois terços das principais cidades do mundo localizadas em zonas costeiras baixas, cerca de 500 milhões de pessoas podem ser afetadas. Partes de cidades como Nova Iorque ou Lisboa vão ficar submersas.



### ONDAS DE CALOR E SECAS

Em 2017, a Europa foi afetada por ondas de calor: duas em Portugal e cinco em França e Espanha. Na Bacia do Mediterrâneo os termómetros chegaram a ultrapassar os 40°C e a onda de calor estendeu-se por mais de 40 dias. Em 2018, também a Escandinávia e o Norte da Europa assistiram a ondas de calor e períodos de seca. No futuro, as ondas de calor podem prolongar-se ainda mais no tempo afetando a saúde humana, provocando seca extrema, desertificação de solos, escassez de água, mais incêndios e crises na produção agrícola. Em 2090, a superfície de terra sob seca extrema, que hoje ocupa uma área de 1-3%, pode estender-se por 30% da superfície da Terra.

Tomás, Carla; Rosa, Sofia, in *Expresso*, 2018, <https://sdistribution.impresa.pt/data/content/binaries/custom/expresso/ambiente2018/index.html> (consultado em 26/07/2019)

## Os cenários revelam-nos um planeta onde será mais difícil viver



De 1980 até 2017, a concentração global de CO<sub>2</sub> não parou de aumentar. Neste gráfico é possível ver as médias anuais em parte por milhão (ppm) de volume de ar e as conclusões são preocupantes. 2016 foi o ano em que a concentração de CO<sub>2</sub> ultrapassou a barreira de 0,04% da atmosfera (400 partes por milhão de volume de ar), sendo que um nível tão elevado deste gás de efeito de estufa só existiu no planeta antes de existirem seres humanos. E em 2017 as concentrações de CO<sub>2</sub>, metano e óxido de nitrogénio continuaram a subir. Aliás, 2018 registou um aumento das emissões globais depois de três anos de recuo ou estagnação. Estima-se que tenham sido libertadas para a atmosfera 37,1 gigatoneladas de CO<sub>2</sub>eq, uma quantidade nunca vista na história da humanidade. Três recentes relatórios de organismos da ONU vieram sublinhar que o mundo está à beira do ponto de não retorno e que, entre as promessas feitas pelos governantes que assinaram o Acordo de Paris em 2015 e as ações concretizadas ao longo destes três anos, há uma grande diferença. Tão grande que o último relatório do Programa das Nações Unidas para o Ambiente avisa: se o mundo quiser mesmo travar a subida média global da temperatura no planeta para que os termómetros não subam mais de 1,5°C até final do século, é necessário que os Estados que ratificaram o Acordo de Paris “tripliquem os esforços” para reduzir as emissões de gases de efeito de estufa.

[...]

### Que contributo pode dar cada um de nós?

Reduzir as emissões de gases com efeito de estufa também está nas mãos de cada um de nós em coisas tão simples do dia a dia como:

- desligar a luz das divisões da casa que não estamos a utilizar;
- isolar as janelas ou colocar vidros duplos para manter as temperaturas mais amenas dentro de casa;
- deixar as persianas, portadas ou cortinas abertas para o sol entrar e aquecer a casa no inverno, tal como fechá-las no verão para refrescar;
- optar por painéis solares para aquecer a água e produzir energia para autoconsumo, o que permite não só baixar a conta da eletricidade e do gás, como diminuir as emissões de GEE se as fontes forem combustíveis fósseis;
- reduzir o consumo em geral também contribui para baixar a produção de lixo e, como tal, de todo o processo energético associado à produção de bens e à eliminação de resíduos
- andar mais a pé, de bicicleta ou utilizar os transportes públicos e deixar o carro em casa é um enorme contributo que cada um de nós pode dar.

Tomás, Carla; Rosa, Sofia, in *Expresso*, 2018, <https://sdistribution.impresa.pt/data/content/binaries/custom/expresso/ambiente2018/index.html> (consultado em 26/07/2019, adaptado e com supressões)



# TEXTO DE OPINIÃO

ANTÓNIA COUTINHO & NOÉMIA JORGE<sup>5</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>6</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

Associados sobretudo à área do jornalismo, os textos de opinião são textos em que alguém – geralmente reconhecido como especialista ou perito na matéria em causa – apresenta a sua opinião sobre um tema da atualidade, de interesse social, com o objetivo de formar e influenciar a opinião pública. Trata-se de textos orais ou escritos, publicados e divulgados pelos meios de comunicação social (jornais, revistas, rádio, televisão), em secções específicas, etiquetadas geralmente como “Opinião”.

### Caracterização: aspetos organizacionais

Embora não possuam um plano de texto fixo, os textos de opinião produzidos na atividade social jornalística tendem a apresentar uma estrutura argumentativa, que pode ser atualizada de diferentes formas. Assim, se alguns textos partem da exposição de factos ou da contextualização do tema para a expressão de opiniões, outros são iniciados pela apresentação da tese (ponto de vista a defender), a que se segue a sua fundamentação, com recurso a argumentos, contra-argumentos e exemplos.

O peritexto disponibiliza sempre informação sobre o produtor – o que permite classificar este género como um “género autoral”.

### Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- A relação com a atualidade manifesta-se no recurso ao presente do indicativo (com valor deítico) como tempo base e a deíticos (espaciais e temporais), que localizam os acontecimentos no espaço e no tempo.
- Ocorrem também formas de presente do indicativo com valor genérico, associadas à apresentação de argumentos e à formulação da tese ou da conclusão (como estratégia de validação).


---

<sup>5</sup> **Antónia Coutinho** é professora associada na NOVA FCSH (Departamento de Linguística) e investigadora no CLUNL. **Noémia Jorge** é professora adjunta convidada no Instituto Politécnico de Leiria (ESECS – Departamento de Línguas e Literaturas), professora no Colégio Verde Água (Mafra) e investigadora no CLUNL.

<sup>6</sup> **Referências bibliográficas:** Bräkling, 2000; Cunha, 2002; Jorge & Gonçalves, 2019; Ohuschi & Barbosa, 2011; Uber, 2010.

- O carácter autoral justifica que os textos de opinião possam ser redigidos na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (evidenciando um elevado grau de implicação do produtor textual); mas podem também ser redigidos na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (com um valor inclusivo, que integra o produtor e os recetores) ou na 3.<sup>a</sup> pessoa (não havendo, nesse caso, marcas enunciativas do produtor textual).
- O plano dos textos de opinião pode ser mais ou menos marcado mas, em geral, estes textos integram conectores que estabelecem conexões entre partes do texto e orientam a argumentação, introduzindo argumentos (**ex.: *porque, uma vez que***), contra-argumentos (**ex.: *ainda que, embora, mas***) e exemplos (**ex.: *por exemplo, é o caso de, como***).
- Os textos de opinião podem incluir palavras ou expressões com valor epistémico (**ex.: *é evidente que***) e com valor deontico (**ex.: *é necessário, devemos***), que conferem assertividade à argumentação.

## EXEMPLO DE TEXTO DE OPINIÃO

Opinião	
<p><b>Que locais identifica na cidade ou na envolvente que possam ser transformados em zonas verdes?</b></p>	
 <p><b>João Marques da Cruz, arquiteto paisagista</b></p>	<p>Leiria deve combater a urbanização dispersa através da definição clara de centralidades urbanas densas e de uma estrutura ecológica urbana. Esta estrutura constrói-se através da rede contínua de ruas bem arborizadas, corredores verdes, jardins e parques agro-florestais. Estabelece um contínuo entre a cidade e o campo, assegura as boas condições climáticas dentro da cidade e serve como rede de circulação pedonal e ciclável. O Polis é um excelente modelo, que podia estender-se a toda a cidade. As ribeiras do Sirol e do Amparo são oportunidades para a instalação de corredores verdes. As várzeas do Lis e do Lena devem ser parques para a produção agro-florestal sustentável, conjugada com funções de lazer, desporto, circulação e estadia. A Mata dos Marrazes deverá consolidar-se como um pulmão verde da cidade. Os cumes, como o Castelo, cemitério, Senhora da Encarnação e Capuchos, deverão ser mantidos como espaços verdes e livres de edificação, porque disso depende a boa circulação do ar e o conforto térmico dentro da cidade.</p> <p style="text-align: right;"><small>Cruz, João, in <i>Jornal de Leiria</i>, 23/05/2019, p. 5</small></p>
<p><b>Local da publicação</b> <i>Jornal de Leiria</i>, secção "Opinião"</p>	
<p><b>Produtor textual</b> Arquiteto paisagista (especialista no assunto sobre o qual opina)</p>	
<p><b>Estrutura do texto</b> - Apresentação da tese a defender ↓ - Fundamentação da tese (argumentos e exemplos)</p>	
<p><b>Marcas linguísticas</b> - Presente do indicativo (com valor deítico ou genérico) - 3.<sup>a</sup> pessoa - Expressões com valor deontico - Conector com valor argumentativo ("porque")</p>	

## PERCURSOS DIDÁTICOS

### Triagem de textos jornalísticos (3.º Ciclo do Ensino Básico)

1. São disponibilizados aos alunos textos jornalísticos pertencentes a diferentes jornais / revistas e a géneros diversos (**ex.:** notícias, reportagens, entrevistas, editoriais, artigos de opinião), no suporte original.
2. Em grupos, os alunos agrupam os textos de acordo com o género textual a que pertencem.
3. Os grupos partilham o resultado do seu trabalho com os colegas, fundamentando as opções tomadas.

### Análise comparativa de textos de opinião (Ensino Secundário)

1. São disponibilizados aos alunos quatro textos de opinião distintos (ver página seguinte) e uma grelha de análise comparativa em que são especificadas as marcas linguísticas em análise.

**Grelha de análise comparativa de textos de opinião**

		Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4		
Contexto de produção	Produtor textual (papel social)						
	Objetivo do texto						
	Suporte/formato						
Tema							
Plano do texto							
Marcas linguísticas	Pessoa(s) gramatical(ais)						
	Tempo(s) verbal(ais)						
	Conectores que introduzem	partes do texto					
		argumentos					
		contra-argumentos					
		exemplos					
	Expressões com valor	epistémico					
		deôntico					

2. Em pares, os alunos leem os textos e analisam-nos, preenchendo a tabela.
3. Os alunos partilham o resultado do seu trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.
4. Com base nas regularidades detetadas, os alunos identificam as principais marcas do género texto de opinião.

## Opinião

### Que locais identifica na cidade ou na envolvente que possam ser transformados em zonas verdes?



**Patrícia Selada,**  
arquiteta

Existem no centro de Leiria grandes espaços de zonas verdes que, pela sua dimensão e localização (inseridos no centro da cidade), se assumem como espaços concomitantes, como é o caso do novo Jardim da Almuinha, do Polis ou do Jardim Luís de Camões, que oferecem zonas de passagem ou permanência, bem delimitadas, de vegetação centenária, no caso do jardim Camões ou da zona Polis. A cidade não carece de mais espaços verdes de grande dimensão, mas da presença de zonas arbóreas que, nos espaços do domínio público, ofereçam pontos de sombra e favoreçam a renovação do ar no centro urbano, de forma mais distribuída e constante no centro da cidade. Como exemplo, refiro o terreiro (Largo Cândido dos Reis) ou a Rua José Jardim, onde foi retirada parte da vegetação.



**Francisco Marques,**  
arquiteto e  
presidente da  
Adlei

Mais do que pensar em novos parques verdes, precisamos de fazer a manutenção e tratar bem do que já temos, a começar pelas árvores, que, nos últimos anos, têm sido alvo de quase vandalismo. É certo que se plantam novas, mas levam anos até terem um porte conveniente. Uma das zonas que precisa muito de árvores é o parque de estacionamento do estádio. Mesmo com a construção do multiusos, haverá espaços a arborizar. Um pouco por toda a cidade e até na periferia há urbanizações com espaços verdes desprezados. Não valerá a pena pensar em mais parques, se não tivermos capacidade e cuidado para fazer a manutenção do que existe. Fará, no entanto, sentido dar continuidade ao Polis e ao Jardim da Almuinha.



**João Marques da Cruz,**  
arquiteto  
paisagista

Leiria deve combater a urbanização dispersa através da definição clara de centralidades urbanas densas e de uma estrutura ecológica urbana. Esta estrutura constrói-se através da rede contínua de ruas bem arborizadas, corredores verdes, jardins e parques agro-florestais. Estabelece um contínuo entre a cidade e o campo, assegura as boas condições climáticas dentro da cidade e serve como rede de circulação pedonal e ciclável. O Polis é um excelente modelo, que podia estender-se a toda a cidade. As ribeiras do Sirol e do Amparo são oportunidades para a instalação de corredores verdes. As várzeas do Lis e do Lena devem ser parques para a produção agro-florestal sustentável, conjugada com funções de lazer, desporto, circulação e estadia. A Mata dos Marrazes deverá consolidar-se como um pulmão verde da cidade. Os cumes, como o Castelo, cemitério, Senhora da Encarnação e Capuchos, deverão ser mantidos como espaços verdes e livres de edificação, porque disso depende a boa circulação do ar e o conforto térmico dentro da cidade.



**Rui Ribeiro,**  
arquiteto

Ao longo das margens do Lis há bastantes espaços para intervenção neste domínio, que estão classificados com REN e RAN e que podem ser aproveitados e potenciados. Essa disponibilidade existe tanto a montante como a jusante do Jardim da Almuinha. A Leiria continuará a faltar um grande parque urbano na cidade. Essa questão não fica resolvida com o novo jardim. Nas margens do rio há várias possibilidades. É importante identificá-las, ver as vantagens e as possibilidades de cada uma.

# CARTA ABERTA

BRANCA RODRIGUES<sup>7</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>8</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

A carta aberta pode ser situada num grupo de textos jornalísticos, a par do editorial, da crónica, do artigo [de opinião], do comunicado de imprensa, etc.

A carta aberta é, como o próprio nome indica, uma carta, que comporta uma mensagem escrita a uma autoridade competente, difundida publicamente, com o objetivo de informar e convencer o público, sensibilizando-o para uma problemática de interesse comum. O destinatário da carta aberta tende a ser um indivíduo concreto, identificado de forma clara.

Ainda assim, afigura-se-nos importante sublinhar a ambiguidade do estatuto do destinatário, pois ele é na verdade duplo, já que, embora a carta aberta se dirija a alguém com um estatuto sociosubjetivo definido, através da sua publicação, pretende-se atingir e influenciar um destinatário plural, alargado (os seus potenciais leitores). Assim, a finalidade principal da carta aberta é transmitir uma mensagem em que o enunciador defende uma posição em relação a uma determinada problemática, o que condiciona a sua estrutura organizativa, predominando as sequências de tipo argumentativo.

### Caracterização: aspetos organizacionais

Quanto ao plano do texto, este género revela uma estrutura bem definida, compondo-se de três partes: uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. A introdução, ou ponto de partida, pode ser o relato de um pequeno episódio, um caso pessoal, ou um assunto a debater, a que se segue a enunciação de uma tese, ou de um ponto de vista, a interpelação do destinatário, isto é, a pessoa visada, e também a apresentação das linhas de pensamento que darão corpo ao conteúdo. A segunda parte, o desenvolvimento, constrói-se com base em argumentos sólidos e bem documentados, podendo apresentar contra-argumentos e exemplos, ao longo de vários parágrafos. Para concluir, o enunciador da carta pode apelar à razão, ou sentimentos do destinatário, recuperando a tese defendida e propondo soluções.

---

<sup>7</sup> Branca Rodrigues é professora no Agrupamento de Escolas Adelaide Cabette – Odivelas.

<sup>8</sup> Referências bibliográficas: Chartrand, Émery-Bruneau & Sénéchal, 2015; Dolz & Schneuwly, 1999; Khales, 2015.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Aproximando-se a carta aberta do género jornalístico artigo (ou texto) de opinião, partilha com este traços comuns do ponto de vista linguístico.
- Quanto aos tempos verbais, observa-se o presente do indicativo (com valor deítico) como tempo base e a deíticos (espaciais e temporais), que localizam os acontecimentos no espaço e no tempo.
- O texto tende a ser redigido na 1.ª pessoa do singular (evidenciando um elevado grau de implicação do produtor textual), mas pode também ser redigido na 1.ª pessoa do plural (com um valor inclusivo, que integra o produtor e os recetores).
- O plano da carta aberta pode ser mais ou menos marcado por conectores. Os conectores que predominam orientam o desenvolvimento da argumentação, assinalando a adição de ideias, ou exemplos, marcando conclusões parciais ou explicações e, obviamente, introduzindo a apresentação de contra-argumentos, de modo a refutar o que se pretende contestar.
- Destaca-se ainda o valor estilístico de alguns elementos que, em geral, reforçam o modo de interpelação do destinatário, nomeadamente através do recurso ao vocativo, a formulação de perguntas de carácter retórico, assim como a *simulação* de proximidade com o destinatário – o que é visível quer na forma de tratamento (**ex.:** “*Caro António Barreto*”), quer no tom oral / dialogante.
- A carta aberta, tal como o texto de opinião, pode incluir palavras ou expressões com valor epistémico (**ex.:** *é evidente que; Pois sim*) e deóntico (**ex.:** *é necessário, devemos, indiscutivelmente*), que conferem assertividade à argumentação.
- Tratando-se formalmente de uma carta, há que reter as formas de tratamento adequadas ao destinatário, ainda que, estilisticamente, se possa subverter a relação social expectável entre o enunciador e o destinatário.

## EXEMPLO DE CARTA ABERTA

Texto A
<p><b>Carta aberta a António Barreto</b></p> <p><i>Caro António Barreto,</i></p> <p>À falta de amigos comuns, venho aproveitar-me do Observador para o convidar para um café. No artigo que escreveu no Público afirmou taxativamente que não há cidadãos europeus, apenas nacionais. <i>Estranha-me muitíssimo</i> que nunca tenha conhecido um cidadão europeu, mas proponho-me desde já e com todo o gosto resolver essa questão: <i>Ana Rosado, cidadã europeia</i>, muito prazer. Como tem passado? Convido-o para um café e já poderá incluir cidadãos europeus na sua lista de conhecimentos.</p>

### Estrutura do texto

- **Introdução** do assunto a debater e da tese a defender: **Reconhecimento da Cidadania europeia**
- **Desenvolvimento**: fundamentação (**argumentos, contra-argumentos e exemplos**)
- **Conclusão**: confirmação da tese inicial



**Sim**, cidadã europeia, desejosa que me chegue um documento de identificação europeu para acabar com o caos de bi's, dni's e passaportes vários que é a minha carteira. *Já sei que está a pensar*, os cidadãos europeus também terão de ser cidadãos nacionais. **Talvez**, **mas** e de que nação? Eu não consigo dizer-lhe qual seria a minha nacionalidade. **É que**, sabe, sou sevilhana, natural de Borba, o meu avô era de Estremoz, a minha avó de Sevilha **mas** foi viver para Portugal, nunca aprendeu português sequer, **mas** o avô da minha avó espanhola era de Setúbal. *Nem que seja para o poupar a esta longa, confusa, e desinteressante explicação*, sou europeia. Podia ser simplesmente ibérica, dizer que o meu lar é o sudoeste da península, e já aí teria o meu país dividido por uma linha imaginária, sem entrar numa categoria canónica de nação.

**Mas** há mais, fui de Erasmus, fiquei a viver na Áustria, e a minha cidade passou a ser Graz. Não abduco de Glühwein na lista do meu património gastronómico e estou há tanto tempo sem ir a esta minha terra que tenho saudades físicas. **É possível que** lhe soe ao idealismo que critica no artigo de domingo, **mas** garanto-lhe que lhe expus factos objectivos sem ânimo de romanticismo.

Não se trata de ser europeu *contra* uma identidade nacional. Sociedades sem fronteiras não são o mesmo que sociedades sem identidade. Ser europeu é a sobreposição de muitos factores identitários. Qualquer português pode sentir-se europeu, sem deixar de sentir-se português. **Mas** cada vez mais gente, entre os quais me incluo, não temos (em abono da verdade, nem queremos muito) ter uma simples identidade nacional limitada a umas linhas imaginárias previamente traçadas. E se é possível compatibilizar uma cidadania nacional dentro de uma cidadania europeia, o que é de facto antagónico é a acumulação de várias identidades nacionais que essas sim, vão contra umas às outras.

Sabe o que custa ser portuguesa, nas ocasiões em que ser português passa muito por "não ser espanhol", sendo espanhola? Quando somos imunes à falácia de que o "estrangeiro" é o inimigo, **porque** também somos esse estrangeiro, torna-se muito fácil perceber uma coisa simples. *As simplificações nacionalistas são uma terrível mentira.*

Somos todos o mesmo povo e querem separar-nos. *Divide et impera.*

O melhor legado da geração *erasmus* e *interrail* **é que** nós, "cidadãos nacionais", nos fomos conhecendo uns aos outros, e descobrimos que não éramos diferentes. Temos as mesmas preocupações – oportunidades, emprego, migrações, ambiente, protecção de dados, ... – e nenhuma se confina a uma esfera nacional. Comemos diferente, falamos diferente. **Mas** porque raio é que isso alguma vez deveria significar direitos e oportunidades diferentes?

Não reclamo a invenção da cidadania europeia para a minha geração; sempre houve cidadãos europeus dentro das elites que podiam viajar. **Mas** o final do séc. XX e o estado de bem-estar europeu democratizaram a cidadania europeia. E um cidadão europeu não pode abdicar de partes da sua identidade para ser apenas de um país. As grandes divisões nacionais europeias – nem falemos da desagregação do império austro-húngaro – foram desenhadas quando o mundo não ia muito mais longe que as imediações da bacia do Mediterrâneo e faziam sentido nessa geografia. O mundo é hoje muito maior, e a esta escala, só tem sentido um bloco europeu. *A integração europeia far-se-á.*

Podemos ignorá-lo, como pretendem os nacionalistas e deixar que outros o façam contra os nossos interesses, ou **tomar controlo sobre o**

### Marcas linguísticas associadas ao género

- Presente do Indicativo (predominante)
- Pretérito (sobretudo na exemplificação)
- 1.ª pessoa do singular (predominante) ou do plural ("não temos", "nem queremos")
- Expressões da atitude do enunciador
  - valor apreciativo ("Estranha-me muitíssimo", "parece-me que")
  - valor epistémico de certeza ("Sim"; "Já sei que está a pensar", "De certeza que") ou dúvida ("Talvez", "É possível que")
- Conectores
  - Valor causal ("porque")
  - Valor de contraste ou oposição ("mas")
  - Expressão de hipótese ou condição ("se")
  - Valor explicativo ("É que")
  - Valor concessivo ("Pois sim")

### Marcas linguísticas associadas ao estilo do autor

- Tom oralizante/ dialogante ("Sim", "sabe", "Pois sim")
- Interrogações retóricas, interpelando quer o destinatário direto (António Barreto), quer o grande público, potencial leitor ("Sabe o que custa ...?")
- Simulação de proximidade com o destinatário ("Caro António Barreto", "... venho aproveitar-me do Observador para o convidar para um café.")

destino da Europa, sobre o nosso futuro como cidadãos e construir a Europa que queremos.

Pois sim, faz falta mais Europa. Faz falta mais representação dos cidadãos na Europa. Por favor, vamos discutir a Europa. O todo e as partes. Essa Europa que, como o Alentejo, não tem representação nos parlamentos nacionais e tem sobrevivido ao abandono com fundos estruturais e planos de desenvolvimento europeus. Como queremos organizar a Europa? Que instituições e como se elegem os representantes? Como queremos distribuir e hierarquizar poder e meios? Como assegurar instituições europeias verdadeiramente democráticas?

Essa Europa que *ainda é invejável pela cultura, pela protecção social, pelos direitos dos cidadãos e pela paz. Mas já não o é na ciência, na tecnologia, na inovação, na economia, na produtividade, na defesa e na força política no mundo.* Faz lembrar *A Vida de Brian: "All right, but apart from the sanitation, the medicine, education, wine, public order, irrigation, roads, the fresh-water system, and public health, what have the Romans ever done for us? Brought peace?"*

Como democrata aceito muitas visões e opiniões para a Europa que não são necessariamente as minhas. Menos uma: que não exista União Europeia. Sabe que, quando temos paz, direitos, protecção social e cultura, *parece-me que temos muitíssimo.* E podemos conseguir tudo o resto *se* estivermos dispostos a trabalhar juntos e a comunicação depende menos de um idioma comum ou 24 idiomas oficiais do que da vontade de escutar os outros. A Europa é muito mais que uma união de estados, é um projecto de sociedade de direitos iguais para todos os cidadãos. *De certeza que* lhe parece horrivelmente idealista, *mas* ainda que o caminho seja longo, a direcção é mais União Europeia e a maioria quer esse caminho.

*Se* havia dúvidas, hoje já temos partidos europeus transnacionais a defender uma construção democrática europeia. Bem-vindo à Europa.

*Candidata às eleições europeias do Volt em Espanha*

Rosado, Ana Costa, *Observador*, 23/5/2019, in <https://observador.pt/opinio/carta-aberta-a-antonio-barreto/> (consultado em 28/07/2019)

#### Produtor textual

Ana Rosado, cidadã europeia e Candidata às eleições europeias do Volt em Espanha (assume um estatuto sociosubjetivo duplo, revelando uma profunda implicação)

Local de publicação  
Jornal *Observador*

## PERCURSO DIDÁTICO (ENSINO SECUNDÁRIO)<sup>9</sup>

### Descoberta de regularidades do género carta aberta

1. Numa primeira fase, os alunos realizam, em grupo, a leitura e análise de uma das três cartas abertas a seguir referenciadas, preenchendo a coluna da grelha referente à carta que lhes foi atribuída, previamente explicada e disponibilizada pelo professor:

<sup>9</sup> O trabalho que propomos dirige-se ao nível secundário, e temos sobretudo em perspetiva os alunos adultos dos cursos EFA, cursos cuja estrutura e objetivos implicam a consciencialização dos vários papéis sociais que os cidadãos podem assumir ao longo da vida, em diversos contextos. A saber, mencionam-se quatro Domínios de Referência: Privado, Profissional, Institucional e Macroestrutural.



- **CARTA ABERTA A:** “Carta aberta a António Barreto, de Ana Costa Rosado, publicada no jornal *Observador*, em 23/05/2019 (disponível em <https://observador.pt/opiniao/carta-aberta-a-antonio-barreto/>, consultado em 28/07/2019);
- **CARTA ABERTA B:** “Carta ao presidente Bush”, de Mia Couto, publicada no jornal *Público*, em 27/03/2003 (disponível em <https://www.publico.pt/2003/03/27/jornal/carta-ao-presidente-bush-199542>, consultado em 03/08/2019);
- **CARTA ABERTA C:** “Carta aberta ao primeiro-ministro: as promessas levadas pelo vento”, de Ana Margarida Ricardo, publicada no jornal *Público*, em 18/07/2019 (disponível em <https://www.publico.pt/2019/07/18/ciencia/opiniao/carta-aberta-primeiroministro-promessas-levadas-vento-1880155>, consultado em 02/08/2019).

### Grelha de análise comparativa de cartas abertas

		Carta aberta A	Carta aberta B	Carta aberta C	
Produtor textual (papel social)					
Objetivo do texto					
Tema					
Plano do texto					
Marcas linguísticas	Pessoa(s) gramatical(ais)				
	Tempo(s) verbal(ais)				
	Conectores que introduzem	partes do texto			
		argumentos			
		contra-argumentos			
		exemplos			
	Expressões com valor	epistémico			
		deôntico			

2. Seguidamente, depois de se entregar a todos os alunos exemplares das restantes cartas, cada grupo apresenta o resultado da sua análise, incentivando-se o comentário e debate sobre as características selecionadas.
3. Numa terceira etapa, preenche-se a grelha comparativa, competindo ao professor o registo das várias conclusões, em diálogo com os alunos.

### Produção de uma carta aberta (trabalho individual)

1. Num momento posterior, para desenvolver as suas competências escriturais os alunos redigem uma carta aberta. Relativamente às fases de apresentação/contextualização e planificação da atividade, podem seguir-se as etapas apresentadas:

- (re)criação de um contexto de produção e de um contexto de receção credíveis;
- assunção de um estatuto sociosubjetivo o mais possível coincidente com a personalidade, interesses e preocupações do aluno;
- realização de pesquisa orientada pelo professor, com o objetivo de recolher informação e argumentos válidos sobre a temática escolhida;
- construção do plano do texto.

2. Antes e após a textualização, sugere-se que se incentivem os alunos a conceberem e preencherem uma grelha de “verificação” das características do género, análoga ou próxima da utilizada na análise comparativa.

# CRÓNICA

CRISTINA BOTELHO<sup>10</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>11</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

A crónica é um texto geralmente escrito, mas também pode ser oral, e é divulgada pelos meios de comunicação social (rádio, jornais, revistas, em papel ou na internet), em secções específicas; por isso aparece associada à área do jornalismo, embora, por vezes, assuma um estatuto híbrido entre o jornalismo e a literatura. Sujeita ao ritmo da publicação, não admira que tenha como ponto de partida, muitas vezes, um acontecimento do quotidiano, quer seja social, económico, político ou cultural, que serve de motivo para uma reflexão subjetiva que pretende sensibilizar os leitores para a realidade retratada.

As crónicas são escritas por especialistas, por vezes escritores que preferem os temas mais pessoais e até autobiográficos que prendem a atenção do leitor devido à qualidade literária da sua escrita. As crónicas tornaram-se também um meio de publicação da figura e da obra de um escritor, seja ele jovem ou consagrado.

A crónica tem conseguido sobreviver à sua efemeridade ao transitar para o formato em livro.

### Caracterização: aspetos organizacionais

Embora não possuam um plano de texto fixo, as crónicas tendem a apresentar uma estrutura semelhante que passa pela apresentação / contextualização do tema escolhido pelo cronista para depois passar para a reflexão sobre o mesmo; as mais intimistas podem ser mais fluídas, tendo como ponto de partida um pormenor que captou a atenção do autor para a partir daí nos conduzir para o tema que pretende realmente tratar; há, no entanto, outras, as autobiográficas, que retratam um episódio da vida do seu autor, que obedecem a um estilo pessoal e introspetivo.

---

<sup>10</sup> **Cristina Botelho** é professora no Agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade – Almada.

<sup>11</sup> **Referências bibliográficas:** Araújo & Barbosa, 2003; Bernardes *et al.*, 1998; Cândido, 2003; Coelho, 1997; Neiva, 2005; Reis, 2005.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- A relação com a atualidade manifesta-se no recurso ao presente do indicativo (com valor deítico) e a deíticos (espaciais e temporais), que localizam os acontecimentos no espaço e no tempo.
- O caráter pessoal e subjetivo justifica que as crónicas sejam redigidas na 1.ª pessoa do singular, reforçadas por deíticos pessoais, para traduzir a reflexão pessoal ou a intenção crítica do cronista.
- As crónicas também podem ser redigidas na 1.ª pessoa do plural, com o objetivo de implicar os outros na mensagem transmitida, ou na 3.ª pessoa do singular, quando o produtor textual não está implicado no acontecimento.
- Recorrem, por vezes, a um tom humorístico e até irónico para captar a atenção do leitor, servindo-se para o efeito de recursos expressivos como a ironia, a metáfora a hipérbole e a repetição.
- O uso de conectores serve sobretudo para estabelecer conexões lógicas entre partes do texto.
- Quanto aos tempos verbais, destacam-se o presente do indicativo (com valor deítico) como tempo base e os deíticos (espaciais e temporais) e outros localizadores (temporais), que situam os acontecimentos no espaço e no tempo.

## EXEMPLOS DE CRÓNICAS

### Texto A - Crónica publicada em jornal e compilada em livro

#### Os bárbaros

Primeiro vieram a cavalo e a galope. Guerreando porque serem guerreiros era a sua condição e a sua razão de viver. Os bárbaros. Alanos, Vândalos e Suevos. Mais tarde os Visigodos. Algo os atraía já neste claro azul quase africano. Vinham dos seus países brancos e invernosos, talvez gostassem do brando clima e do azul do céu, gostavam decerto das terras que conquistavam aos indígenas, e onde se instalavam. Depois pararam as visitas violentas. As últimas, e mais breves, foram as francesas.

E durante muito tempo não houve incursões. Até ao advento do turismo. E então ei-los que se puseram a chegar todos os anos pelo verão, voando ou de camioneta de vidraças panorâmicas e ar condicionado, de automóvel também, naturalmente, e até em auto-stop, que é a maneira atual de viajar na garupa do cavalo. Enchem os hotéis de todas as estrelas que há na terra e também os parques de campismo onde erguem as suas tendas de paz. Vêm armados de máquinas fotográficas e de filmar. E só lhes interessam as coisas, e eles próprios no meio delas. Quanto aos indígenas, querem lá saber. Como dantes.

É uma coisa engraçada, o turismo. Porque não traz nada de verdadeiramente novo. Como, de resto, nada neste mundo, ou tão pouco. As coisas é que mudam de nome e de rosto com o tempo. Mas repetem-se incessantemente.

Estou a escrever estas regras – já muitas vezes escritas – porque avistei agora mesmo, da minha janela, um grupo loiro e colorido de viking, saindo do seu drakkar terrestre e sem cabeça de dragão.

Carvalho, Maria Judite (1991). *Este tempo*. Lisboa: Caminho, p. 54

#### Estrutura do texto

- Contextualização do tema: antecedentes históricos (invasões do território nacional) e posterior paralelismo com turismo
- Reflexão sobre o comportamento dos turistas, em tom crítico
- Justificação do tema abordado

#### Marcas linguísticas

- Presente do indicativo (relação com a atualidade)
- Deíticos pessoais
- Deíticos temporais e outros localizadores temporais que estabelecem uma sequência temporal
- Pretérito perfeito e imperfeito usados na contextualização histórica do tema
- Conectores com valor causal
- Metáfora (“Vêm armados de máquinas fotográficas”)

Local da publicação: *O Jornal*, 18/07/1980; livro *Este Tempo*

Produtor textual: escritora

## Texto B - Crónica publicada em revista

### Chatícias

A experiência de assistir aos canais televisivos de notícias é, neste momento, muito semelhante à de aturar chatos numa festa. Nas festas há, simplificando (não quero aborrecer ninguém com uma taxinomia exaustiva), três grandes tipos de chato: o chato que fala apenas de um tema, o chato que fala desordenadamente de demasiados temas e o chato bêbado que repete várias vezes a mesma história. Os canais de notícias conseguem fazer o pleno das estratégias de chatice. Umhas vezes, são o chato que fala só de um tema. Há várias alturas em que todos os canais de notícias têm gente a discutir e a especular sobre futebol, e a lamentar o mal que as discussões e as especulações sobre futebol fazem ao futebol. Ao domingo há comentários ainda a quente, e por isso os ânimos exaltam-se. A segunda já é possível ter uma perspectiva mais distanciada e os ânimos exaltam-se por, apesar disso, toda a gente manter as posições exaltadas da véspera.

À terça analisa-se com mais pormenor a arbitragem, e os ânimos exaltam-se. À quarta examinam-se novas imagens que revelam que afinal não havia razão para que os ânimos se tivessem exaltado, e por isso os ânimos exaltam-se. À quinta já não há assunto. Por isso, os ânimos exaltam-se. À sexta começa a ser feita a antevisão da jornada seguinte. E os ânimos, em princípio, exaltam-se. E ao sábado há relatos em direto dos jogos, durante os quais, muitas vezes, os ânimos se exaltam.

Noutras ocasiões, os canais de notícias são o chato que quer agradar falando de vários temas: então o nosso Benfica? E isto do Bolsonaro, pá? E aquilo da EMEL e os carros em cima do passeio? São demasiadas conversas muito diferentes ao mesmo tempo. Este tipo de chato é o que se encarrega de escrever os rodapés que vão passando durante a emissão. Começa, por exemplo, com: "Especialistas alertam para perigo real de guerra entre EUA e Irão." A seguir, escreve: "Kim Kardashian tira selfie polémica." E depois: "Ovibeja: certame começa amanhã.

Por fim, são o bêbado que se repete. De hora a hora transmitem o mesmo noticiário. E quase todos os programas são emitidos mais do que uma vez. A única diferença em relação à experiência de aturar chatos em festas é que, quando estou a ver canais de notícias, não estou a beber nada. Mas vontade não me falta.

Pereira, Ricardo Araújo, in *Visão*, 12/07/2019

### Estrutura do texto

- O autor apresenta o tema: assistir aos canais televisivos de notícias é atualmente uma experiência muito chata.
- Num tom humorístico, o cronista vai expondo o seu ponto de vista, comparando a experiência de assistir a programas noticiosos com a experiência de aturar chatos numa festa.
- O autor termina o texto, reforçando a sua posição pessoal em relação ao tema tratado.

### Marcas linguísticas

- Presente do indicativo e uso da 3.ª pessoa (quando descreve a forma monótona como a atualidade é explorada pelos canais de notícias)
- Deíticos pessoais reveladores da implicação e posição crítica do enunciador
- Deíticos temporais ("neste momento")
- Recursos expressivos: repetições ("chato", "ânimos", "exaltam-se"), ironia ao referir a falta de critério na sequência de notícias apresentadas em rodapé, neologismo irónico do título
- Conectores com valor conclusivo ("por isso"), enumerativo ("por fim") e adversativo ("mas")

### Local da publicação

Revista *Visão*, 12/07/2019

### Produtor textual

Escritor

## Texto C - Crónica publicada em revista

### Conta lá a história das bibliotecas itinerantes

Às vezes, dou por mim a falar nisso perante uma plateia que me olha como se estivesse a dar notícias de um mundo meio real, meio imaginário. Não preciso de pensar muito no que estou a dizer porque, por preguiça, utilizo quase sempre as mesmas palavras, basta-me seguir o desejo de exotismo que encontro nos olhos que me fixam. Então, parece-me, sou um pouco como aqueles escritores africanos ou sul-americanos a quem se exige episódios coloridos, personagens singulares, anedotas, contos com moral.

Ainda assim, cada vez mais raramente, acontece estar alguém na sala que também conheceu essas bibliotecas, que também lá esteve. Então, de repente, as palavras voltam a ganhar significado, enchem-

### Estrutura do texto

- O autor contextualiza o tema: o papel das bibliotecas itinerantes (da Fundação Calouste Gulbenkian) na sua vida e a necessidade de preservar essa memória.
- O autor relata a sua experiência pessoal, contrapondo as ocasiões em que fala em público, enquanto escritor, e o tempo a que se reportam as memórias da sua infância, enquanto leitor.

se. **Ouçõ** essa pessoa contar as suas memórias e, durante aquele instante, somos irmãos no olhar. As descrições têm préstimo, **mas** há uma presença muito mais funda, invisível, há a certeza de que, afinal, aquele tempo e aquele lugar existiram mesmo. Até eu já começava a duvidar.

As fitas adesivas coladas nas lombadas eram reais.

Uma vez por mês, ao fim da tarde, a carrinha Citroën **chegava** ao terreiro de Galveias, calhava-nos as quartas-feiras. **Ficava** estacionada em frente da cooperativa. Em Galveias, depois do 25 de Abril, o clube dos ricos passou a sede da cooperativa. **Quando eu chegava**, vindo dos lados do São João, já havia outros rapazes e raparigas à volta da carrinha.

Impressionava-me a quantidade de livros. **Precisava** de **me** esticar para chegar às prateleiras mais altas e, por isso, parecia-me que não tinham fim. O senhor Dinis **conduzia** a carrinha, **recebia** os papéis preenchidos com os códigos dos livros que **requisitávamos**, foi então que aprendi esse verbo, e era dentista. **Eu** conhecia-o da sala de espera, aquele cheiro antisséptico, onde aguardava a minha mãe e as minhas irmãs. Encontrei-o no ano passado na biblioteca de Abrantes, **tirámos** uma fotografia juntos. **Aproveito** para lhe enviar um abraço. **Espero** que esteja a ler estas palavras, com saúde.

**Levávamos** sempre a quantidade máxima de livros. E, sim, é verdade aquilo que **costumo** dizer: **líamos** muito depressa os que **tínhamos** e, depois, **íamos** trocando entre nós até ao regresso da biblioteca no mês seguinte.

Esse era também o tempo das sessões de cinema do Inatel no centro paroquial e na casa do povo. Foi dessa forma que, em Galveias, descí a ladeira, passei pela travessa da fonte e cheguei a casa com o rosto incendiado pelo Apocalipse Now. Foi também assim que assisti ao Baile, de Ettore Scola, sentado em cadeiras de tábuas duras exatamente como aquelas em que assistia a bailes no salão da sociedade filarmónica. Poderia agora dar muitos outros exemplos.

**Conheço** as crianças de Galveias. Há dois anos, estive na escola onde também **eu** aprendi a ler e vejo-as na rua **quando lá** vou. No entanto, se quero identificá-las, tenho de perguntar-lhes quem são os seus pais. Nos sábados de manhã, ouve-se muito menos crianças a brincar do que no **meu** tempo. No ano passado, na **minha** terra, morreram mais de cinquenta pessoas e nasceram apenas duas.

As crianças de Galveias são iguais às de antes. **Sinto** pena que tenham menos do que eu tinha há quase trinta anos. Não se evoluiu. Na formação e na vida, a televisão não substitui a leitura e o cinema.

Ao falar de bibliotecas itinerantes aos meus filhos ou a essas crianças, **sinto** que **sou** como o **meu** pai **quando** me contava histórias da sua infância. Eu sabia que se tinham passado com ele **mas**, para mim, esse conhecimento era muito vago, pareciam lendas. No entanto, esse tempo era tão concreto como este. Um dia, **este tempo, hoje de manhã, ontem, este preciso momento**, será contado pelos **meus** filhos e por essas crianças com o mesmo tom com que **agora falo** de bibliotecas itinerantes. Naquele tempo, dirão. E aquele tempo será isto, tão concreto, tão prosaico, tão isento de magia. Estes objetos sem graça serão esse incrível futuro.

**Eu**, que **estou aqui neste instante**, também estava **lá**, a cheirar aqueles livros, a subir para a carrinha, a escutar a voz do doutor Dinis. **Por isso**, ainda que use as mesmas palavras até à exaustão, hei de continuar a repetir esta história. Sempre. É a **minha** história.

Peixoto, José Luís, in *Visão*, 31/03/2014

- O autor termina reforçando que a história que conta é a sua história.

#### Marcas linguísticas

- **Deíticos pessoais** (sobretudo para referir a sua experiência efetiva e frequente de falar com o público sobre bibliotecas itinerantes), que reforçam o caráter autobiográfico desta crónica

- **Deíticos temporais e espaciais** (“*este tempo*”, “*hoje de manhã*”, “*este preciso momento*”, “*agora*”, “*neste instante*”, “*lá*”, “*aqui*”)

- **1.ª pessoa do plural + pretérito imperfeito** (“*requisitávamos*”, “*líamos*”, “*tínhamos*”, “*íamos*”) – efeito de confirmação da veracidade dos acontecimentos, implicando outros

- **Pretérito imperfeito** (“*chegava*”, “*ficava*”, “*precisava*”, “*recebia*”) – permite recuar ao tempo da infância e à sua memória da biblioteca itinerante

- **Conectores com valor causal** (“*porque*”), adversativo (“*mas*”, “*ainda assim*”), conclusivo (“*por isso*”)

- **Recursos expressivos: metáfora** (“*rosto incendiado pelo Apocalipse Now*”)

#### Local da publicação

Revista *Visão*, 31/03/2014

#### Produtor textual

Escritor

## PERCURSO DIDÁTICO

### Análise de três crónicas (3.º Ciclo do Ensino Básico – 9.º ano)

1. Os alunos leem em voz alta a crónica “Os bárbaros”.
2. É entregue aos discentes uma grelha de análise comparativa de três crónicas; preenche-se em conjunto a primeira coluna da grelha de análise comparativa dos textos.

Grelha de análise comparativa de crónicas

Parâmetros de análise		“Os Bárbaros”	“Chatícias”	“Conta lá a história...”
Tema				
Ponto de vista do cronista				
Tom (irónico, humorístico, crítico, introspetivo, autobiográfico)				
Plano do texto				
Marcas linguísticas	Linguagem			
	Marcas da pessoa gramatical			
	Deíticos			
	Tempos verbais			
	Conectores			
	Recursos expressivos			

3. Trabalho de pares: após a distribuição das crónicas “Chatícias” e “Conta lá a história...” aos alunos, é-lhes pedido para as lerem e analisarem, preenchendo em seguida a grelha entregue anteriormente.
4. Os alunos partilham os resultados com a turma e, se necessário, far-se-ão as correções necessárias.
5. A partir da observação da grelha, procede-se ao levantamento das diferenças e dos pontos em comum entre as crónicas.



### Grelha de análise comparativa de crónicas (preenchida)

Parâmetros de análise		“Os Bárbaros”	“Chatícias”	“Conta lá a história ...”
<b>Tema</b>		A invasão dos turistas	Os programas dos canais televisivos de notícias são chatos	O papel da biblioteca itinerante na vida do cronista e a necessidade de manter viva essa memória
<b>Ponto de vista do cronista</b>		Subjetivo	Subjetivo	Subjetivo
<b>Tom</b> (irónico, humorístico, crítico, introspetivo, autobiográfico)		Crítico	Crítico Humorístico	Introspetivo Autobiográfico
<b>Plano do texto</b>		- Apresentação do tema - Reflexão sobre o mesmo - Reforço da ideia inicial	- Apresentação do tema - Reflexão sobre o mesmo - Reforço da ideia inicial	- Apresentação do tema - Reflexão sobre o mesmo - Reforço da ideia inicial
<b>Marcas linguísticas</b>	Linguagem	Cuidada Vocabulário simples, acessível a todos	Corrente (propositadamente repetitiva)	Cuidada Vocabulário simples, acessível a todos
	Marcas da pessoa gramatical	- Verbos na 1. <sup>a</sup> pessoa do singular (sujeito enunciador) - Verbos na 3. <sup>a</sup> pessoa do plural (de quem se fala)	- Verbos na 3. <sup>a</sup> pessoa do plural, (de quem se fala) - Verbos na 1. <sup>a</sup> pessoa do singular (sujeito enunciador)	Verbos na 1. <sup>a</sup> pessoa do singular (sujeito enunciador) Verbos na 1. <sup>a</sup> pessoa do plural (sujeito enunciador e companheiros de infância)
	Deíticos	- Pessoais (“estou”, “avistei”, “minha”) - Temporais (“agora”)	- Pessoais (“quero”, “estou”) - Temporais (“neste momento”)	- Pessoais (“me”, “eu”, “meu”, “minha”) - Temporais (“este tempo”, “hoje de manhã”, “este preciso momento, agora”) - Espaciais (“lá”, “aqui”)
	Tempos verbais	- Presente (“querem”, “vêm”) - Pretérito perfeito simples (“vieram”) - Pretérito imperfeito (“atraía”)	- Presente (“quero”, “estou”, “fazem”, “exaltam-se”)	- Presente (“dou”, “ouço”) - Pretérito imperfeito (“líamos”, “precisava”)
	Conectores	“porque”	“por isso”, “por fim”, “mas”	“porque”, “mas”, “ainda assim”, “por isso”
	Recursos expressivos	- Metáfora (“Vêm armados de máquinas fotográficas e de filmar.”)	- Repetição (“chato”, “ânicos”, “exaltam-se”) - Ironia (“Especialistas alertam para perigo real de guerra entre EUA e Irão.”)	- Metáfora (“... rosto incendiado pelo Apocalipse Now”)

6. Individualmente, os alunos elaboram uma síntese escrita das características da crónica (partindo-se do pressuposto que a síntese já foi objeto de estudo em aula).



The background is a collage of various elements. At the top, there's a faded image of a person's face. Below it, there are several newspaper clippings with text in Portuguese. One clipping on the left mentions 'Economia' and 'exportação de carr'. Another clipping in the middle mentions 'Câmara quer Feira' and '10 Maio mais'. There are also some abstract shapes and colors like orange and blue scattered throughout.

# Géneros do campo autobiográfico

Memórias  
Autobiografia  
Diário  
Relato de viagem

# MEMÓRIAS

GABRIELA MEDEIROS<sup>12</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO<sup>13</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

Embora mais associadas à área da Literatura, as memórias, enquanto género de carácter autobiográfico, podem ser adotadas noutras áreas, dependendo do contexto em que são produzidas (familiar, político, jornalístico...). Os textos memorialistas são textos em que alguém, mais ou menos reconhecido, apresenta de forma ulterior e seletiva as suas experiências pessoais que podem ir desde um episódio ou evento do quotidiano até à sua história pessoal integrada na história do seu tempo. O objetivo é transmitir o seu testemunho de uma vivência pessoal inscrita num contexto social externo e, muitas vezes, determinada por ele, estabelecendo-se, por isso, uma relação entre o privado e o público. Estes textos são comumente divulgados em jornais, revistas, edições em livro e, atualmente, em meios digitais, conforme a natureza mais ou menos literária ou a própria situação de produção.

### Caracterização: aspetos organizacionais

Os textos memorialistas, em regra, apresentam uma estrutura narrativa descontínua e fragmentada, que se desenvolve por sequências que podem assumir diferentes tipologias (nomeadamente narrativas – as que predominam –, descritivas, argumentativas, e até mesmo dialogais em alguns casos), conforme a perspetiva e o tom adotados pelo memorialista sobre os eventos narrados. A organização tende a ser cronológica, mas segundo uma lógica do tempo da memória, havendo avanços e recuos na linha temporal. É um discurso marcado por localizadores espaciotemporais, uma vez que é um relato que se assume num tempo e num espaço vividos pelo 'eu' que narra.

### Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- A relação com o passado manifesta-se no recurso aos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito (com valor deítico) como tempos base e a deíticos (espaciais e temporais), que localizam os acontecimentos no espaço e no tempo.

---

<sup>12</sup> **Gabriela Medeiros** é professora na Escola Secundária Dr. António Carvalho Figueiredo – Loures.

<sup>13</sup> **Referências bibliográficas:** Coutinho, 2014; Jorge, 2014; Jorge, 2016.

- Ocorrem também formas de presente do indicativo com valor genérico, associadas à apresentação de juízos, de máximas (como estratégia de validação ou de reflexão).
- O caráter autobiográfico e subjetivo justifica que os textos memorialistas sejam redigidos na 1.ª pessoa do singular (evidenciando o tom pessoal e retrospectivo).
- O plano dos textos de memórias tem uma organização, em geral, cronológica, por isso integram elementos como datas, e localizadores temporais (**ex.:** *quando, depois, entretanto*) que asseguram a progressão da narrativa na linha temporal, ainda que possa haver saltos no tempo.
- Os textos memorialistas podem incluir palavras ou expressões com valor epistémico (**ex.:** *Talvez, "se as datas não se me confundem"*), que conferem credibilidade ou autenticidade em relação aos factos narrados. Podem ainda apresentar expressões de teor apreciativo (expressões valorativas, expressão de sentimentos, pontuação, etc.).
- O vocabulário está relacionado com o campo lexical da memória (**ex.:** *"Quando lembro"*).

## EXCERTOS DE MEMÓRIAS

<b>Texto A</b>	
<p>[...] Era o Verão de 1933, eu tinha dez anos, e de todas as notícias que o <i>Século</i> publicou naquelas folhas de um certo dia do ano anterior só uma recordação vim a guardar: a fotografia, com respetiva legenda explicativa, que mostrava o chanceler austríaco Dollfuss a assistir a um desfile de tropas no seu país. Era o Verão de 1933, há seis meses que Hitler tomou o poder na Alemanha, mas dessa notícia, se a seu tempo a li no <i>Diário de Notícias</i> que meu pai levava para casa, em Lisboa, não tenho lembrança. Estou de férias, em casa dos meus avós maternos, e, enquanto meio distraído, vou coçando devagarinho os braços, surpreendo-me de como podia um chanceler (que era um chanceler?) ser tão baixinho. Nem Dollfuss nem eu sabemos que irá ser assassinado pelos nazis austríacos no ano seguinte.</p> <p>Foi por esta época (talvez ainda em 33, talvez já em 34, se as datas não se me confundem) que, passando um dia na Rua da Graça, meu costumado caminho entre a Penha de França, onde morava, e São Vicente, onde era então o Liceu Gil Vicente, vi, dependurado à porta de uma tabacaria, mesmo defronte do antigo Royal Cine, um jornal que apresentava na primeira página o desenho perfeitíssimo de uma mão em posição de preparar-se para agarrar algo. Por baixo, lia-se o seguinte título: «Uma mão de ferro calçada com uma luva de veludo». O jornal era o semanário humorístico <i>Sempre Fixe</i>, o desenhador, Francisco Valença, a mão figurava ser a de Salazar.</p> <p>Estas duas imagens – a de um Dollfuss que sorria vendo passar as tropas, quem sabe se já condenado à morte por Hitler, a de mão de ferro de Salazar escondida por baixo da macieza de um veludo hipócrita – nunca me deixaram ao longo da vida. Não me perguntem porquê. Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de poder recordar, outras vezes,</p>	<p><b>Plano do texto</b>  <b>Estrutura narrativa (descontínua)</b>  - Apresentação do assunto - relato da fotografia no <i>Século</i> – tempo passado  ↓  - Desenvolvimento do assunto com a referência à imagem publicada no <i>Sempre Fixe</i> e a comparação das duas imagens  ↓  - Conclusão - reflexão do autor sobre a memória das duas imagens e a impressão que elas lhe provocaram até ao presente.</p> <p><b>Marcas linguísticas</b>  - Pretéritos perfeito simples e imperfeito; presente  - 1.ª pessoa  - Expressões com valor epistémico e apreciativo  - Localizadores temporais (<i>"Verão de 1933", "esta época"</i>)</p> <p><b>Meio de publicação</b>  <b>Livro:</b> <i>As Pequenas Memórias</i></p>

recorrentes, obsessivos, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens, palavras soltas, fulgurância, iluminações, e não há explicação para elas, não as convocámos, mas elas aí estão. E são estas que me informam que já nesse tempo, para mim, mais por intuição, obviamente, que por suficiente conhecimento dos factos, Hitler, Mussolini e Salazar eram colheres do mesmo pau, primos da mesma família, iguais na mão de ferro, só diferentes na espessura do veludo e no modo de apertar.

Saramago, José (2006). *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Caminho, pp. 140-141 (com supressões)

rias, Caminho, 2006

#### Produtor textual

Escritor e jornalista (especialista de escrita)

### Texto B

#### José

HÁ TRÊS MESES, EM DELI, conheci a tradutora dos livros de José Saramago para hindi. Antes, conheci tradutores dos seus livros para búlgaro, alemão, holandês, italiano, croata, húngaro, romano, finlandês, etc. a certa altura, deixou de ser invulgar para mim chegar a um país e, antes ou depois de me apresentarem alguém, sussurrarem-me: é o tradutor do José Saramago. Entre os tradutores, entre aqueles que atravessam fronteiras com a delicadeza das palavras, traduzir a obra de Saramago é um estatuto. [...]

José Saramago disse-me muitas vezes: o José tem de pensar na sua obra. O José era eu. Aquilo que recordo com mais nitidez neste instante são as conversas que chegámos a ter, essa voz que me ensinava, que me incentivava a não me afastar do essencial: a vida, a vida. Eu ouvia.

Não sei há quantos anos foi, mas sei que foi no dia 1 de maio. Estava a participar na Feira do Livro de Buenos Aires e, enquanto me dirigia para a sessão com José Saramago, não imaginava aquilo que ia encontrar. Milhares de leitores, dezenas de jornalistas. Essas imagens passam-me agora pela memória. Tenho pena que, em Portugal, a maioria das pessoas não as conhecesse. Iriam ter orgulho, tenho a certeza.

Telefonaram-me de jornais e pedem-me um comentário à morte de José Saramago. Quando desligo, duvido dos adjetivos que escolhi, das palavras que fui capaz de dizer em segundos. O José tem de pensar na sua obra. A obra é tão oposta a tudo isto. Eu, José, não sei o que pensar.

[...]

Temos o nosso país, pequeno e grande, e temos, espalhadas por séculos, figuras com a força suficiente para erguer um espelho que nos reflete enquanto portugueses e enquanto seres humanos. Este dia, 18 de junho de 2010, ficará associado ao tempo de um desses enormes. Começaremos hoje a tentar perceber o tamanho do quanto perdemos. Esperemos ser capazes de não nos afastarmos do essencial: a vida, a vida. A vida, José.

Peixoto, José Luis (2016). *Abraço*. Lisboa: Quetzal, pp. 610-613 (com supressões)

#### Plano do texto

##### Estrutura narrativa (descontínua)

- Apresentação do assunto (tempo passado)



- Desenvolvimento do assunto relação entre o *outro* e o *eu* (tempo passado / presente)



- Conclusão em discurso reflexivo (tempo presente)

#### Marcas linguísticas

- Pretéritos perfeito simples e imperfeito; presente

- 1.ª pessoa

- Expressões com valor apreciativo

- Localizadores temporais (“há três meses”, “não sei há quantos anos”, “este dia”, “hoje”)

#### Meio de publicação

Livro: *Abraço*, Quetzal, 2016

#### Produtor textual

Escritor e colaborador em publicações jornalísticas (especialista de escrita)

### Texto C

#### Maria Teresa Horta – “Memória” de Maria Judite de Carvalho

“Conheci a Maria Judite de Carvalho mal cheguei à escrita com o meu livro de poesia *Espelho Inicial*. Aliás conheci-a enquanto mulher do escritor Urbano Tavares Rodrigues, pois resguardada em si mesma não só ela ainda não publicara, como nem contara a ninguém que escrevia, no resguardo do silêncio.

#### Produtor textual

Poetisa e colaboradora em diversos jornais (especialista de escrita)

#### Plano do texto

##### Estrutura narrativa

- Apresentação do assunto



E não sendo, também, dada a convívios e reuniões, mantinha-se afastada de quase todos nós, o que acendera a minha curiosidade a seu respeito. Ou seja, sobre ela quase nada se sabia e quase nada se dizia.

No entanto um dia, acabava eu de chegar ao jornal *Diário de Lisboa* para entregar uma crónica que me tinham pedido, o Urbano, que na altura trabalhava na sua redação, veio ter comigo e disse-me:

– A Maria Judite gostaria muito que a Teresa fosse a nossa casa, para a conhecer pessoalmente.

Aceitei o convite inesperado, mas tímida como era na altura, foi sobressaltada que subi a escada sombria de madeira velha de um prédio antigo da Rua Tomás Ribeiro. E foi a própria Maria Judite que me abriu a porta.

Ainda sem fôlego, deparei-me com o seu olhar inteligente e com um inesperado sorriso contido.

Levou-me até uma pequena sala cheia de livros e papéis, onde estivemos a conversar as duas: da vida e da avidez da escrita, das escritoras e dos escritores de quem gostávamos, do que podíamos ou não esperar de um Portugal sem liberdade, sentindo-a aqui e ali mais reservada; mas, embora sem nos abrimos muito, dissemos o suficiente para ficarmos a gostar uma da outra.

Já ao fim da tarde, quando me acompanhou de volta à escada empoeirada, lembro-me de ela ter posto, de súbito, a sua mão firme e muito morena no meu ombro, dizendo-me:

– A Teresa tem de aprender depressa a defender-se do mundo...”

In *JL*, 4 a 17 de julho de 2018, pp. 11-13

- Desenvolvimento do assunto com recurso ao discurso direto



- Conclusão com fecho em discurso direto

#### Marcas linguísticas

- Pretéritos perfeito simples e imperfeito

- 1.ª pessoa e 3.ª pessoa (presença do *outro*)

- Expressões com valor apreciativo

- Localizadores temporais

#### Meio de publicação

*Jornal de Letras (JL)*, 4 a 17 julho 2018 e [lusografias.wordpress.com/2019/01/16](https://lusografias.wordpress.com/2019/01/16).

## TEXTO D

### CAPÍTULO PRIMEIRO/ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: a diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às 2 horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha 64 anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de 300 contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. (...)

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor não me creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

### CAPÍTULO II / O EMPLASTRO

[...]

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondriaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distri-

#### Plano do texto

##### Estrutura narrativa

Apresenta-se o assunto sob a forma de reflexão



Inicia-se o relato, invertendo deliberadamente a cronologia



Dá-se continuidade ao relato, narrando factos e expressando e avaliando atitudes e sobre sentimentos



Remete-se para o leitor o julgamento (sobre o apego do ser humano à glória)

#### Marcas linguísticas

- Pretéritos perfeito simples e imperfeito; presente.

- 1.ª pessoa e 3.ª pessoa (leitor)

- Expressões com valor apreciativo

- Localizadores temporais (“*algum tempo*”,

buição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas têm palavras: *Emplastro Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me argúam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: - amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços da infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplastro.

Assis, Machado de (1978). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Edições Abril Cultural, pp. 15-17

**Nota:** indicação dos capítulos conforme a edição consultada; manteve-se a ortografia brasileira da edição consultada.

“sexta-feira”, “agosto”, “1869”)

**Meio de publicação**  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas (Romance)*, Machado de Assis, Abril Cultural, 1978

**Produtor textual**  
Escritor (especialista de escrita)

## PERCURSOS DIDÁTICOS

### Análise comparativa de excertos de memórias (Ensino Secundário)

1. A turma é dividida em três grandes grupos, atribuindo-se a cada grupo um dos textos (A, B e C).

#### Grelha de análise comparativa de excertos de memórias

		Texto A	Texto B	Texto C
Produtor textual (papel social)				
Objetivo do texto				
Tema				
Plano do texto (estrutura)				
Marcas linguísticas	Campo lexical de <i>memória</i>			
	Pessoa(s) gramatical(ais)			
	Tempo(s) verbal(ais)			
	Localizadores espaciais			
	Localizadores temporais			
	Expressões com valor	epistémico		
deôntico				



2. Em pares, dentro de cada grupo, os alunos leem e analisam os textos, preenchendo uma grelha de análise comparativa de excertos de memórias.
3. Por grupo e por ordem sequencial dos textos, os alunos partilham o resultado do trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.
4. No final, em conjunto, são sistematizadas as marcas do género memórias mais relevantes.

Sistematização das marcas do género memórias	
<b>Carácter</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Plano de texto</b> (estrutura interna e tipo de estrutura predominante)	
<b>Marcas linguísticas</b>	<b>Pessoa</b>
	<b>Tempos verbais</b>

### Análise e comparação de textos de memórias verdadeiras e memórias fictícias (Ensino Secundário)

1. Coletivamente, procede-se à leitura expressiva dos **textos A e D**.
2. Em trabalho individual, os alunos identificam:
  - as marcas de género comuns aos dois textos;
  - as diferenças entre os dois textos.
3. Em trabalho colaborativo, envolvendo toda a turma, são explicitadas as diferenças entre os textos A e D, com base em elementos textuais e paratextuais.

### Produção escrita (Ensino Secundário)

1. Produção de texto pertencente ao género memórias:

Num texto predominantemente narrativo, relate um episódio da sua infância que o tenha marcado particularmente.

Ao produzir o seu texto, deverá respeitar as principais marcas do género memórias.

# AUTOBIOGRAFIA

ISABEL CARDOSO<sup>14</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>15</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

A *autobiografia* é um género em que as relações entre autor e narrador e as fronteiras algo fluidas entre a matéria ficcional e a experiência real convocam algumas considerações. Afinal, como se apropria o autor do seu passado e o recria com outro significado, almejando, ainda, conquistar uma plateia de leitores?

O conceito de autobiografia, narrativa que alguém faz, retrospectivamente, acerca de si próprio e da sua personalidade, em termos diacrónicos, tem origem na Antiguidade Clássica e percorre toda a Idade Média com aquilo que poderíamos chamar de textos precursores/embrionários deste género; numa fase posterior, aparecem produções autobiográficas a partir dos séculos XVII/XVIII; com produção efetiva, nitidamente, a partir do século XIX (é teoricamente sustentado que a escrita autobiográfica é considerada um fenómeno recente).

Assim, diz-se que a *autobiografia* é “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tónica na sua vida individual, em particular na história da sua personalidade” (Lejeune, 1975) e que “a narrativa autobiográfica procura dar sentido à vida passada e transmiti-lo aos outros” (Hatavara, 2013).

### Caracterização: aspetos organizacionais

A autobiografia consiste no registo de uma narrativa não ficcional, caracterizando-se como uma espécie de retrato interior daquilo que vivenciamos. Consequentemente, tende a ser concretizada por meio de uma estrutura narrativa retrospectiva e englobante, organizada cronologicamente, mesmo quando os episódios narrados se encontram agrupados pela temática que abordam. Dentro da estrutura narrativa surgem encaixadas sequências descritivas, que remetem para a representação de pessoas, objetos e locais, ambientes.

---

<sup>14</sup> Isabel Cardoso é professora na Escola Professor Armando de Lucena – Malveira.

<sup>15</sup> Referências bibliográficas: Hatavara, 2013; Jolly, 2001; Jorge, 2014; Lejeune, 1975; Lejeune, 2003; Reis, 2018; Rocha, 1992.



O eu autobiográfico é produtor textual e personagem, apresentando-se aqui o lado mais íntimo da vida de um indivíduo que resgata acontecimentos do passado e os faz emergir dos recônditos da memória, recuperando-os e efetivando-os através da escrita. Nesse sentido, a autobiografia assemelha-se a outros gêneros como as memórias, o romance autobiográfico, as confissões e o diário, por exemplo.

### Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Sendo um texto marcado pelo *eu*, o seu caráter autoral apresenta-se nas formas verbais de primeira pessoa do singular ou plural, nos pronomes pessoais e nos determinantes e pronomes possessivos.
- O relato tem características retrospectivas e é marcado por localizadores temporais e espaciais, que situam os acontecimentos enunciados em espaços concretos e num tempo passado; conseqüentemente, recorre-se com frequência aos tempos do pretérito (pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito).
- No relato da narrativa autobiográfica, denota-se a utilização de verbos com caráter epistémico em que o autor / narrador / personagem expressa a sua atitude sobre a verdade ou falsidade daquilo que conta.
- Há, ainda, por vezes, o recurso a verbos de cariz mais perceptivo (ex.: *ouvir, ver, sentir*) como forma de sugerir sensações fortes, quase físicas, ao leitor.

### EXEMPLO DE AUTOBIOGRAFIA (EXCERTO)

#### A FAMÍLIA DO PAÇO

O avô Teixeira, com todo o ar dostoiewskiano, casou em Março de 1867 com Justina, filha de José Bento de Bessa, do lugar do Barral. Ele tinha 41 anos quando casou e ela 28, idade que, para uma noiva, era já um pouco avançada, nesse tempo. Explica-se isso porque Justina ficara enamorada desde os sete anos por José, com 20 anos, quando ele a ajudou a passar um ribeiro em dia de invernía e lhe disse que se casaria com ela, um dia. Esse dia chegou a 3 de Março de 1867. O casamento durou trinta e cinco anos, sem que se apagasse nunca a memória do amor da infância e o espírito duma união em que os elementos tiveram a sua parte mais sensível. É possível que fosse em Março que se viram pela primeira vez. Como em Março nasceram quatro dos seis filhos.

O rapazinho à direita é meu pai [remete para a fotografia que acompanha o texto], Arthur Teixeira de Bessa, que foi para o Brasil aos doze anos, por efeito da ruína da casa de lavoura e duma questão perdida em tribunal. Amélia, que foi modelo para *A Sibila*, tinha 17 anos quando o irmão partiu para o Rio de Janeiro, onde esteve vinte e cinco anos e fez fortuna considerável. Uma parte da Rua do Ouvidor pertencia-lhe. Eram tempos airosos de fantasia para quem se fazia ao mundo. Eu tive que abrandar o espírito de aventura e do sabor do ganho não tirei partido. Porém, gosto do triunfo que, para ser desculpado, se diz que é aprovação de Deus. [...]

**Plano de texto**  
Texto de caráter narrativo organizado a partir dos ascendentes familiares:

- Avô

## MEU PAI, O BRASILEIRO

Não gostava que lhe fizessem lembrar a pequena condição do brasileiro de torna-viagem, que, em geral, se ficava pelo negócio do restaurante típico ou pelo armazém de secos e molhados.

O português trabalhava, o brasileiro era funcionário público. **Meu pai**, levado por um tio que tinha comércio de frutas na Baía, foi colocado no Rio, não sei se numa pastelaria onde o deixaram comer doces até os ter por inimigos para o resto da vida. Creio que me transmitiu o desinteresse pelas coisas doces, que eu prefiro o sal e o vinagre. [...]

**A avó Justina** fiava a estriga de linho, tinha um casaquinho de veludo preto que **eu** ainda lhe **conheci** quando lhe tiraram o retrato na soleira da porta. Eu tinha medo dela, já não estava no perfeito juízo. [...]

**Minha avó** morreu tinha eu dez anos.

Foi muito censurado eu não vestir luto carregado. Era nas férias grandes e não há luto que chegue ao Setembro delicioso dos nossos dez anos.

## O TIO DO MATO

Era irmão da minha avó Justina e uma figura tutelar da família. Havia uma ascendência inglesa nessa gente do **Barral**, e creio que por isso se chamaram Leite, por terem a pele muito branca. Loiros claros até ao ouro vermelho. O tio do Mato (**a casa do Mato, junto à estação de Vila Meã**, ainda lá está como uma dacha russa) era uma pessoa de princípios, dessas que se fazem autores das doenças neuróticas da gente lá de casa. Viveu na cidade de **S. Salvador** onde casou, já perdida a juventude e rico, com uma menina de doze anos bonita de morrer, filha dum médico, creio. [...]

## A MÃE

Há uma cena num filme de Manoel de Oliveira, o *Vale Abrão*, em que um desconhecido, num restaurante, lhe oferece um prato de figos. Foi assim que meu pai abordou a jovem Laura, que estava vestida de preto, não por luto mas por promessa. Casaram e não tiveram muitos meninos. **Fui só eu e meu** irmão José Artur. [...]

Amava-me mas sem demonstrações, a educação passava pela disciplina das emoções. Eu pensava que minha mãe não era uma pessoa justa: faltava-lhe a independência que faz a alma imortal. Achou sempre, e meu pai também, que o meu talento era devido a meu irmão e que eu o usurpara, como Jacob a Isaú. Contudo, meu pai mandou dactilografar o meu primeiro romance, e ainda hoje me pergunto o que foi feito dessa senhora Champollion que decifrou o que eu escrevi. Mais tarde, ele pagou a edição de *Os Super-Homens* não porque acreditasse em mim, mas porque não perdia a ocasião de apostar num provável vencedor. Quando *A Sibila* se fez um sucesso de livraria e eu assentei nas letras de direito próprio, ele pareceu um pouco desiludido. Os jogadores não gostam de ganhar. [...]

Devo dizer que nasci na região de Amarante e que sou um produto da região, como o vinho verde, que não embriaga mas alegre. Meu pai, com umas saudades de se converter ao rural depois de muitos anos de vadiagem buliçosa, quando se casou pensou arrumar-se na província. Aborrecia-se de morte, e a casa que comprou em Vila Meã e onde eu nasci vendeu-a logo a seguir. Fomos viver para Gaia e havia defronte um pequeno zoo, não sei se particular. Minha mãe achava que aquilo era uma excentricidade dalgum brasileiro, e não nos deixava visitá-lo.

Meu pai entrou no mundo do espetáculo com o jardim Passos Manuel, um café-concerto com teatro ligeiro, canto, palhaços. E um cinema. Às quintas-feiras **levava-me e deixava-me** em liberdade. **la** para o escritório dele ver fotografias de atrizes que acompanhavam os filmes. Era um mundo de beleza ao alcance da imaginação, e aí tive companhia de grandes astros, de perfil, a

- Pai

- Avó

- Tio

- Mãe

(ordem cronológica)

**Marcas linguísticas**

- Formas verbais, pronomes e determinantes de 1.<sup>a</sup> pessoa

fumar um cigarro turco. O cinema, os livros e a D. Inês deram **comigo** em escritora. Tudo o que **eu podia** desfrutar do tempo infantil **me parecia** vulgar e estranhamente impróprio para **mim**. **Eu amava** a vida dos adultos, os seus perigos, mistérios, paixões, desgraças. O erotismo da infelicidade depressa o entendi como se fosse a vocação das pessoas.

Por detrás do Jardim Passos Manuel havia o Clube do Porto, que não era uma associação de futebol, mas uma casa de jogo. Pertencia ao **meu** pai, evidentemente, e **meu** tio António ia para lá gastar o ordenado de engenheiro. Jogava mal e, em contrapartida, as mulheres adoravam-no. Percebo porquê: era culto e desprendido de tudo, de dinheiro e de destino. Viajava muito, era estrangeirado e achava Portugal uma terra de tolos que faziam um sobretudo para estar em casa no Inverno. Nunca fez fortuna e tinha um toque de loucura serena que deixava supor qualquer talento desconhecido. Era **meu** padrinho, o que me parecia um parentesco enigmático. [...]

A propriedade de **Águas Santas**, na **Maia**, foi vendida e fomos para a **Póvoa**, onde frequentei o **colégio das Doroteias**. Eu sabia ler na perfeição, mas não sabia mais nada, não tinham ideia da classe em que eu devia ser posta, e por lá andei um pouco mal arrumada, mas feliz com a vida de convento, o jardim onde se faziam os enterros dos grilos que morriam, as freiras que falavam baixo.

[...]

**A Póvoa** foi a grande terra da minha idade de prata. Meu pai tinha obtido a concessão do **Casino**, que antes se destinara a **Viana do Castelo**, e isso determinou a nossa mudança. Primeiro para o **Largo do Chinês** onde havia um **casino** no tipo macaense, mobilado com tremendos móveis de mandarins e lanternas e retratos de beldades nas paredes. [...]

### A PÓVOA EM TODA A SUA GLÓRIA

Era a **Póvoa**, nesse tempo, abrigo de alguns escapados da monarquia, gente ilustre e caída nalgum desprovemento de fortuna. Essa medida pelo antigo regime fez da **Póvoa** uma terra de ideias tidas por veneráveis e sagradas. Mas o que prevalecia era o pescador com o seu génio independente e justo, diferente de qualquer outro clã que houvesse em Portugal. Não tinham leis, tinham costumes. Eu gostei da Póvoa, vivi lá os passos mais prometedores da minha vida, entre o sagrado e o profano. [...]

Comecei a pensar na **cidade**, a querer mudar, a querer conhecer novas caras. Lia cada vez mais, sabia já francês além do espanhol que era a língua materna. [...]

Só nos livros eu encontrava companhia que não me obrigava a ceder. [...]

Mudei de leituras e, de repente, passei a coisas mais substanciais, *Madame Bovary*, para começar. O estilo impunha-se, dava-me um arpejo uma bela frase, a literatura francesa era a preferida, com Dumas e Victor Hugo. *O Conde de Monte Cristo* e a série de José Balsamo pareciam-me deslumbrantes. Meu pai tinha trazido do Brasil uma enciclopédia universal onde eu encontrei os melhores textos do mundo. Vicie-me na leitura, minha mãe achava que eu estava a isolar-me demasiado, a perder o contacto com a realidade.

Bessa-Lúis, Agustina (2014). *O Livro de Agustina*, 2ª edição. Lisboa: Guerra e Paz, pp. 10, 51 (com supressões, sublinhados nossos)

**Nota:** Foi respeitada a grafia da edição consultada.

**Marcas estruturais**  
- Encaixe de  
sequências descritivas (espaços)

## PERCURSO DIDÁTICO

### Produção de texto autobiográfico com vista à sua publicação no jornal da região (Ensino Secundário, 11.º/12.º ano)

1. Num primeiro momento, os alunos pesquisam textos de carácter autobiográfico e analisam-nos em grupos de três elementos<sup>16</sup>. Será necessária uma sala de informática ou dispositivos de pesquisa. Outra opção será os alunos trazerem a pesquisa feita previamente.
2. Em grupo, são apresentadas as conclusões acerca dos aspetos organizacionais e linguísticos mais recorrentes nos textos analisados e projetadas as conclusões, através do quadro interativo, quando disponível. Pode optar-se por um momento de interação verbal para apresentação de conclusões, através de um porta-voz de grupo.
3. É distribuída aos alunos uma ficha de trabalho intitulada *À procura de uma autobiografia*. Os grupos, após leitura atenta, assinalam qual o trecho que consideram reunir as características mais recorrentes deste género de texto. A ficha é distribuída sem identificação dos textos (sem referências bibliográficas) – essa informação será fornecida no final da análise.

#### Ficha de trabalho *À procura de uma autobiografia*



1. Não se pode dizer que o “realismo mágico” da escrita de José Saramago tenha tido muita sorte nas adaptações ao cinema, talvez porque a realidade mais ou menos tangível do cinema se dê mal com os surrealismos paredes-meias com o fantástico que o escritor gostava de explorar. Depois do esquecível *A Jangada de Pedra* de Georges Sluizer e do esforço honesto de Fernando Meirelles com o *Ensaio sobre a cegueira*, é a vez do canadiano Denis Villeneuve se atirar ao *Homem Duplicado*, numa adaptação admirável em termos formais, controladíssima mas tão frustrante como as anteriores. Instalando o filme numa atmosfera de desorientação e inquietação, Villeneuve torna a história de um professor que descobre a existência de um seu sócia num quebra-cabeças algo estéril, paredes-meias com o cinema fantástico e apoiado numa interpretação rigorosíssima de Jake Gyllenhaal. Mas os problemas de adaptar Saramago mantêm-se, encerrando *O Homem Duplicado* num clima de pesadelo que parece esgotar em si próprio as potencialidades do filme, um mal-estar existencialista que o canadiano parece tecer sem esforço a partir do nada mas que elide qualquer tipo de explicação linear sem oferecer em troca mais do que um formalismo cuidado, finalmente oco.

Mourinha, Jorge, “Os problemas de adaptar Saramago”,  
<https://www.publico.pt/2014/06/19/culturaipilon/critica/o-homem-duplicado-1659563>

<sup>16</sup> Num universo de 24 a 27 alunos sugere-se a organização da turma em oito ou nove grupos.



2. José surpreendeu-se com aquela mão seca, os ossos por baixo da pele lisa. No primeiro instante em que apertaram a mão, formigou um prurido elétrico em todos os pontos onde se tocaram. Os dedos de um envolveram a mão do outro, palmas coladas, sensibilidade máxima. A mão de Saramago era seca, nenhuma transpiração a atrasar o toque, era lisa, polida, os dedos de José deslizaram nessa pele. Não houve mais força do que a simples necessidade, não houve quente ou frio, apenas medidas certas que, por isso, não se notaram. O polegar de José tocou nas costas da mão de Saramago, veias salientes, altas, tendões que lhe articulavam os dedos. Na sombra cinzenta, durante um lampejo, as ramificações desenhadas nas costas da mão de Saramago pareceram de mármore. [...]

Como se tivesse mergulhado a mão noutro mundo, levava ainda a informação da pele, mas perdera qualquer abrigo perante aquela vigilância sem tréguas. A pele era humana, o olhar era inumano.

Peixoto, José Luís (2019). *Autobiografia*, Lisboa: Quetzal, pp. 42-43



3. O avô Teixeira, com todo o ar dostoiewskiano, casou em Março de 1867 com Justina, filha de José Bento de Bessa, do Lugar do Barral. Ele tinha 41 anos quando casou e ela 28, idade que, para uma noiva, era já um pouco avançada, nesse tempo. Explica-se isso porque Justina ficara enamorada desde os sete anos por José, com 20 anos, quando ele a ajudou a passar um ribeiro em dia de invernía e lhe disse que se casaria com ela, um dia. Esse dia chegou a 3 de Março de 1867. O casamento durou trinta e cinco anos, sem que se apagasse nunca a memória do amor da infância e o espírito duma união em que os elementos tiveram a sua parte mais sensível. É possível que fosse em Março que se viram pela primeira vez. Como em Março nasceram quatro dos seis filhos.

O rapazinho à direita é meu pai, Arthur Teixeira de Bessa, que foi para o Brasil aos doze anos, por efeito da ruína da casa de lavoura e duma questão perdida em tribunal. Amélia, que foi o modelo para *A Sibila*, tinha 17 anos quando o irmão partiu para o Rio de Janeiro, onde esteve vinte e cinco anos e fez fortuna considerável. Uma parte da Rua do Ouvidor pertencia-lhe. Eram tempos airosos de fantasia para quem se fazia ao mundo. Eu tive de abrandar o espírito de aventura e do sabor do ganho não tirei partido. Porém, gosto do triunfo que, para ser desculpado, se diz que é aprovação de Deus.

Bessa-Luís, Agustina (2014). *O Livro de Agustina*, 2.ª edição. Lisboa: Guerra e Paz, pp. 10-11



4. Daquela mesma varanda, tempos mais tarde, namorei uma rapariga de nome Deolinda, mais velha do que eu três ou quatro anos, que morava num prédio de uma rua paralela, a Travessa do Calado, cujas traseiras davam para as da minha casa. Há que esclarecer que namoro, o que então se chamava namoro, dos de requerimento formal e promessas mais ou menos para durar (“A menina quer namorar comigo?”, “Pois sim, se são boas as suas intenções”), nunca o chegou a ser. Olhávamo-nos muito, fazíamos sinais, conversávamos de varanda para varanda por cima dos pátios intermédios e das cordas da roupa, mas nada de mais avançado em matéria de compromissos. Tímido, acanhado, como me estava no carácter, fui algumas vezes a casa dela (vivia, creio recordar, com uns avós), mas, ao mesmo tempo, decidido a tudo ou ao que calhasse. Um tudo que daria em nada. Ela era muito bonita, de rostinho redondo, mas, para meu desprazer, tinha os dentes estragados, e, além do mais, deveria pensar que eu era demasiado jovem para empenhar comigo os seus sentimentos. Divertia-se um pouco à falta de pretendente idóneo, mas, ou muito enganado ando desde então, tinha pena de que a diferença de idades se notasse tanto. Em certa altura desisti da empresa. Ela tinha o apelido de Bacalhau, e eu, pelos vistos já sensível aos sons e aos sentidos das palavras, não queria que mulher minha fosse pela vida carregando com o nome de Deolinda Bacalhau Saramago.

José Saramago (2006). *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Caminho, pp. 46-47

4. Finalmente, e após os alunos serem solicitados a fazer uma pesquisa familiar (de onde vieram os avós? Onde nasceram? Onde foram criados? Onde moravam? O que faziam? Que histórias ou curiosidades marcaram a família?), darão início à escrita da sua própria autobiografia.
5. Perante os textos produzidos, há que reler e verificar quais os localizadores utilizadas para situar, temporalmente, os acontecimentos (*ex.: depois/de seguida/pouco tempo depois/semanas antes/mais tarde/alguns anos depois*); há que verificar, igualmente, as inestéticas repetições e substituí-las por expressões equivalentes ou eliminá-las.
6. Os alunos reorganizam as ideias e produzem a versão final da sua autobiografia.
7. Momento de autoavaliação: os alunos avaliam a atividade, através de uma menção qualitativa, dando conta do cumprimento das características essenciais do género trabalhado. No final, fazem uma curta reflexão sobre a experiência introspetiva realizada.

#### Grelha de autoavaliação de produção de autobiografia

Itinerário do meu percurso autobiográfico	Suficiente	Bom	Muito Bom	A melhorar
Contei aspetos particulares da minha vida?				
Registei os acontecimentos e revesti-os de aspetos emocionais?				
Contei na 1. <sup>a</sup> pessoa?				
Utilizei localizadores temporais e espaciais?				
Organizei o meu texto de acordo com uma ordem cronológica?				
Reli e melhorei o meu texto?				
O que senti ao realizar este trabalho?				

8. Depois de terem sido asseguradas as questões éticas relacionadas com a produção de textos de carácter autobiográfico, os alunos enviam os textos produzidos para o jornal da região.

# DIÁRIO

IVONE COELHO & VERA BORGES <sup>17</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO<sup>18</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

Os diários são textos em que alguém – geralmente um autor reconhecido – apresenta os seus registos e reflexões sobre ocorrências do seu dia a dia, acontecimentos de que teve conhecimento, aspetos da sua intimidade, e outros. São textos escritos durante uma longa extensão de tempo, nos quais o autor terá como objetivo a construção de uma imagem ao expor aspetos da sua vida e deixá-los como legado. Associados sobretudo à atividade literária ou pessoal, são textos escritos em formato próprio (o diário) ou publicados e divulgados em livro.

De acordo com Martins & Azevedo (2016), “O diário concretiza-se como um relato fracionado, escrito retrospectivamente, e com um curto espectro de tempo entre o acontecido e o seu registo, em que um *eu*, com vida extratextual, comprovada ou não, anota periodicamente, com o auxílio de datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um *eu narrador*, sempre muito próximo dos factos”. Nele predominando o registo das vivências e sentimentos de um *eu* face ao mundo que o rodeia, e possuindo, por esse motivo, um carácter intimista e confidente. A identidade entre autor, narrador e protagonista é uma marca do género.

As temáticas andam à volta, predominantemente, das vivências do *eu*, das relações do *eu* com os outros, de testemunhos de situações marcadas por contextos históricos, políticos e sociais em que o *eu* se insere, de reflexões sobre problemáticas individuais, de confissões e confidências, entre outras. Trata-se de um género textual condicionado por aspetos como a necessidade de afirmação pessoal e / ou a situação de isolamento do escritor.

---

<sup>17</sup> Ivone Coelho é professora na Escola Secundária Jorge Peixinho – Montijo. Vera Borges é professora no Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos – Vila Franca de Xira (Grupo 300, em mobilidade estatutária na DGEstE).

<sup>18</sup> Referências bibliográficas: Brauer-Figueiredo & Hopfe (org.), 2002; Coelho, 1987; Coutinho, 2004; Coutinho, 2007; Coutinho, 2012; Coutinho *et al.*, 2013; Guimarães, 2006; Hanenberg, 2002; Jorge, 2014; Lejeune, 1975; Lejeune, 2005; Lejeune & Bogaert, 2006; Machado & Bezerra (org.), 2002; Marcushi, 2008; Marcushi, 2013; Martins & Azevedo, 2016; Pereira & Cardoso (coord.), 2013; Muniz-Oliveira, 2013; Paschen, 2002; Pullig Bastos, 2016.



O *eu* é uma entidade que se encontra numa situação unilateral de comunicação, sendo que o destinatário é um e o mesmo sujeito, não existindo, conseqüentemente, reação de interlocutores, porque, muitas vezes, o diário é escrito em isolamento, tendo um estatuto de *confidencialidade*.

Como testemunho do quotidiano, o diário assume, por vezes, algumas descontinuidades, em relação à narração intimista dos factos, desejos e emoções do *eu*, adquirindo interesse nacional ou internacional, enquanto testemunho histórico-político, social e cultural. São disso exemplos os diários de Miguel Torga, Sebastião da Gama, Anne Frank, José Saramago (*Cadernos de Lanzarote*), entre outros.

Os diários são textos escritos durante um longo período de tempo, apresentando-se como um projeto discursivo do autor, que o apresenta explicitamente, situando-se num lugar social – que pode ser a instituição literária (no caso dos diários produzidos por escritores) ou a das interações quotidianas (no caso dos diários escritos por não especialistas).

### Caracterização: aspetos organizacionais

O diário diferencia-se da autobiografia na *perspetiva retrospectiva da narração*. No diário, o relato dos factos é retrospectivo; contudo, a natureza da matéria manipulada pelo *eu* difere da matéria do escritor das demais formas autobiográficas, pois, nestas, o assunto é conhecido pelo autor, tornando possível a sua evocação. O mecanismo do escritor de diários mantém apenas uma conexão imediata, mas sem deixar de ser retrospectiva, com a realidade descrita.

Desta forma, o diário apresenta um conjunto de particularidades que o definem ao nível do plano do texto, pois tende a apresentar-se fragmentado, criando a ilusão da espontaneidade e do imediatismo, numa tentativa de racionalização da experiência do quotidiano.<sup>19</sup>

Em termos formais, os diários possuem um plano de texto fixo (são textos divididos em blocos textuais autónomos, comumente designados *páginas de diário*). Em geral, as *páginas de diário* são compostas por data, saudação inicial (vocativo), bloco textual principal (concretizado através de estruturas sequenciais diversas, com eventual predomínio para a narrativa, em que se encaixam sequências descritivas, dialogais e argumentativas) e despedida. As datas que aparecem nas anotações deste género, além de tentativa de organização de uma possível existência, visam a ordenação dos acontecimentos dentro da narrativa, criando um elo que une, muitas vezes, acontecimentos sem nenhuma ligação entre si.

---

<sup>19</sup> Hanenberg (2002) defende que este género textual se assume através da qualidade de orientação no caos e no labirinto das experiências humanas, constituindo uma resposta à fragmentação da vida moderna.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- O discurso na 1.<sup>a</sup> pessoa é abundante, comprovando o predomínio do *eu* (presente ou subentendido). A presença e a subjetividade do enunciador são marcadas por: formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa, determinantes e pronomes possessivos (**ex.:** *meu/minha*), vocabulário com sentido conotativo e emotivo (frequentemente reforçado por meio de recursos estilísticos), nomes abstratos, adjetivação expressiva, interjeições, pontuação sugestiva (frases do tipo exclamativo e interrogativo, suspensões marcadas pelas reticências), verbos do domínio do *ser* (definição/permanência) e do *estar* (caracterização do momento), verbos epistémicos (**ex.:** *achar, acreditar, pensar*), verbos perceptivos (**ex.:** *ouvir, sentir, ver*); verbos volitivos (**ex.:** *desejar, esperar, querer*), verbos de rememoração (**ex.:** *recordar-se, lembrar-se*). Tais marcas evidenciam uma visão unilateral dos factos, que convergem para a pessoa do autor.
- Ainda que recorra ao uso da 1.<sup>a</sup> pessoa, conferindo a este registo um tom confessional e subjetivo, a narrativa é intercalada com comentários, análises e reflexões, frequentemente apresentadas na 3.<sup>a</sup> pessoa.
- A prosa narrativa decorre da necessidade de relatar acontecimentos passados e manifesta-se no recurso ao pretérito perfeito simples, que tem como função o relato de acontecimentos passados. Há indicação da data dos factos e da sequência cronológica em que se desenvolvem.
- O presente do indicativo surge associado a inferências e à formulação de observações / comentários. Os factos apresentados fazem parte da experiência do quotidiano do autor e estão ligados ao seu projeto discursivo.
- O carácter autoral inscreve nos textos o *aqui* e *agora* do *sujeito da enunciação*, apresentando-se a dêixis como marca organizadora dos discursos. A dêixis pessoal, espacial e temporal organiza o discurso e localiza os acontecimentos no espaço e no tempo (determinando as características do momento em que se escreve). A dêixis reflete-se ainda quer na escrita datada, quer na presença do vocativo e de formas de despedida, quer ainda na presença de nomes próprios (as pessoas e os locais referidos são identificados pelo nome próprio ou por uma abreviatura).
- O imediatismo do diário proporciona um estilo pouco elaborado.

## EXEMPLOS DE PÁGINAS DE DIÁRIOS

**Texto A**

**Évora, 4 de Julho (domingo)**

Parece que o meu colega R. varejou, a fogo cerrado, o batalhão dos examinandos de Latim. Desconfio que se desnor-teou. Lembra-me a propósito uma história carimbada de moral.

Quando eu era estudante, a música de guitarras era uma exigência como o tabaco, o bilhar e as demais supérfluas necessidades de moço. Precisei de uma viola, não tinha dinheiro. Um dia descobri à porta de um homenzinho de Melo uma coisa em feitiço de violão. Os garotos socavam os tampos como a um tambor. Não tinha cordas. Não tinha cravelhas. Não tinha muitos dos graus da escala. Apesar disso era uma viola. Falei ao homem:

- Quer você vender isso?

Tomou o objecto nas mãos, estudou-o como surpreso da sua existência.

- Os garotos têm dado cabo disto. Pensava em mandar compor.
- Mas quer vender?

Foi dentro guardar a preciosidade, voltou impando de importância. A verdade é que em tempos tocara viola numa tuna, gostaria de recordar.

- Mas vende?
- Já vê, aquilo custou no tempo do barato coisa para duzentos mil réis. Menos de cento e cinquenta, não vale a pena.

A viola continuou em tambor dos garotos. Vi a um dia sem braço, mais tarde com um tampo partido e daí em diante nunca mais nos encontramos. Uma súbita importância imprevista, por haver quem reparasse no traste, entonteceu o homem. Tinha um objeto de valor. Largá-lo de mão era deitar a perder um instante de peito inchado. Ficou com a viola, a viola seguiu o seu destino de cacós, mas o homem teve um momento alguém a seus pés. Ah, valorizarmo-nos nem que seja com um crime...

Porque é que são geralmente os professores ignorantes os que mais exigem?

Ferreira, Vergílio (2010). *Diário Inédito*, 2ª ed. Lisboa: Quetzal, pp. 97-98.

Local, data [1945]

### Marcas linguísticas

- 1.ª pessoa (valor deítico)
- Presente do indicativo (valor deítico - tempo da enunciação)
- Pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito (tempo dos acontecimentos relatados - anteriores ao momento da enunciação)
- Localizadores temporais (situam no tempo os acontecimentos narrados)

### Aspetos organizacionais

- Sequência narrativa
- Situação inicial [Sequência dialogal encaixada em sequência narrativa]

- Complicação

- Resolução

- Reflexão

**Texto B**

**11 de Agosto**

Temos um cão em casa, vindo não se sabe donde. Apareceu assim, sem mais, como se andasse à procura de donos e finalmente os tivesse encontrado. Não tem maneiras de vadio, é novinho e nota-se que foi bem ensinado lá onde viveu antes. Assomou à porta da cozinha quando almoçávamos, sem entrar, olhando apenas. Luís disse: "Está ali um cão." Movia levemente a cabeça a um lado e a outro, como só sabem fazê-lo os cães: um verdadeiro tratado de sedução disfarçada de humildade. Não sou entendido em bichos caninos, sobretudo se pertencem a raças menos comuns, mas este tem todo o ar de ser cruzamento de cão-d'água e fox-terrier. Se não aparecer por aí o legítimo dono (outra hipótese é que o animal tenha sido abandonado, como acontece tantas vezes neste tempo de férias), vamos ter de levá-lo ao veterinário para que o examine,

Local, data [1993]

### Marcas linguísticas

- 1.ª pessoa (valor deítico)
- Presente do indicativo (valor deítico - tempo da enunciação)
- Deíticos temporais e espaciais
- Pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito (tempo dos acontecimentos relatados - anteriores ao momento da enunciação)

vacine e classifique. E há que dar-lhe um nome: já **sugeri** Pepe, que, como se sabe, **é** diminutivo espanhol de José... **Amanhã** será lavado e espulgado. **Ladra** baixinho, **por enquanto**, como quem não quer incomodar, mas **parece** ter ideias claras quanto às suas intenções: a minha casa **é esta**, **daqui** não **saio**.

Saramago, José (1994). *Cadernos de Lanzarote, Diário – I*. Lisboa: Caminho, pp. 100-101.

da enunciação)

#### Aspetos organizacionais

- Sequência narrativa
- Sequência dialogal
- Sequência descritiva (alternância de tipos de estruturas sequenciais)

### Texto C

19 de fevereiro

Hoje houve um debate sobre droga lá na escola e fiz uma triste figura. Ainda coro, só de recordar. E tudo por causa da minha fraca sabedoria a História.

O encontro foi na sala polivalente, a minha turma foi uma das selecionadas, veio um psicólogo convidado e outra pessoa que não cheguei a perceber quem era.

Primeiro falaram um bocado, suponho que disseram as coisas do costume, mas eu não ouvi porque não despregava os olhos do relógio. Se o debate animasse, havia ordens para não interromper; caso contrário acabava a sessão e nós ao último tempo tínhamos teste de História. Não me serviu de nada tentar convencer a professora a dispensar-me, porque era um teste de revisão, só sobre a matéria do primeiro período. Ora o pouco que sabia já esqueci. Estava a rezar a todos os santos para a sessão animar. Olhava para o relógio, olhava para os meus colegas a ver se adivinhava qual deles faria perguntas, também olhava para a malta da outra turma a ver quem tinha cara de ir meter o bedelho. Por azar, pareciam todos hipnotizados. Se tivessem selecionado a minha turma do ano passado, nunca mais se calavam. Mesmo que só dissessem baboseiras, haviam de prolongar a sessão para evitar o teste. De facto, as boas turmas têm muitos inconvenientes!

O tempo ia passando, os psicólogos já não sabiam que mais haviam de dizer, só houve duas ou três perguntas bastantes chochas. Então resolvi encher-me de coragem e perguntei a primeira coisa que veio à cabeça:

– Quando uma pessoa experimenta droga por brincadeira e afinal gosta, o que deve fazer?

Ainda tremo quando revejo a sala polivalente em peso a olhar para mim. Fiquei roxa até aos cabelos e com a atrapalhão vieram-me as lágrimas aos olhos. A esta hora toda a gente lá na escola deve estar convencida de que experimentei droga por causa do acidente\* ou por outro motivo qualquer. Se a diretora de turma estivesse presente, já sei que tínhamos programa, pois ela ia logo chamar-me para uma conversa em privado e depois era capaz de chamar a minha mãe. Como faltou talvez me safe.

Do teste de História já me safei, pois a minha pergunta funcionou como pedrada no charco e nunca mais se calaram. Ao menos isso!

Magalhães, Ana Maria e Alçada, Isabel (2003). *Diário de Camila*, 4.ª edição. Lisboa: Caminho

\* Uma queda que obrigou a uma operação ao joelho.

#### Aspetos organizacionais

- Data
- Relato de factos e emoções experimentadas (a autora / narradora da página do diário não se encontra na escola, no momento em que narra o episódio)
- . Situação inicial
- . Nó desencadeador
- . Reações
- . Situação final
- . Moral (balanço)

#### Marcas linguísticas

- Presente do indicativo com valor deíctico
- Pretérito perfeito simples do indicativo
- 1.ª pessoa do singular e 1.ª pessoa do plural (*eu* e *os outros – nós*)
- Deícticos
- Estilo pouco elaborado (expressões da cultura popular para evocar a comparação)

## PERCURSOS DIDÁTICOS

### Produção de textos diarísticos (Ensino Básico, 8.º ano)

1. Procede-se à apresentação geral do trabalho a realizar (produção de textos pertencentes ao género diário).
2. Os alunos da turma são divididos em grupos de trabalho, sendo facultados a cada grupo três textos:

- *Grutas de Lascaux, 11 de junho de 1958* (Miguel Torga, *Obra Completa. Diário (volumes V a VIII)*, Círculo de Leitores);
- *Página de um diário, 19 de fevereiro* (Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Diário de Camila*, Caminho);
- *Um poeta na turma* (Sebastião da Gama, *Diário (1948-1949)*, Ática)

3. Explica-se o trabalho a realizar: leitura silenciosa dos textos, seguida do registo de respostas à questão seguinte – quais são as características (textuais e gramaticais) comuns aos três textos?
4. Sistematização das regularidades (trabalho com o grupo turma): a reflexão conjunta e a discussão das informações recolhidas pelos grupos é norteada por um conjunto de questões, simplificadas, que pretendem mobilizar/despertar os alunos para as características globais do diário.

#### Guião para a discussão conjunta do trabalho realizado em grupo

- Quem escreve? E para quem escreve?
- Qual é a intenção do narrador ao relatar os factos e as emoções experienciadas (ou ficcionadas)?
- Que assunto é abordado?
- E a estrutura organizacional? Como se apresenta a sequência dos factos narrados?
- Que marcadores linguísticos / gramaticais são usados?
- Em que pessoa o relato é feito? Que tempo verbal é usado? Porquê?
- Quais são as expressões de tempo e de espaço? Conferem veracidade ao relato?
- Como é que são utilizados os sinais de pontuação? Quais os efeitos de sentido que são produzidos?
- E a linguagem utilizada nos textos? É variada? É formal ou espontânea?
- O que é que parece ser a finalidade do género?

5. Uma vez apuradas as características contextuais e organizacionais dos textos, os alunos são convidados a produzir, individualmente, um texto do género diário. Para tal, são propostos dois exercícios distintos: o primeiro prende-se com a planificação e o segundo tem que ver com a revisão do texto produzido.

Produção de página de diário – Planificação do texto	
Data	
Local (opcional)	
Fórmula de saudação (opcional)	
Tópicos abordados	
Tipos de estrutura (narrativa, descritiva, dialogal)	
Características linguísticas <ul style="list-style-type: none"> <li>• Léxico</li> <li>• Deíticos</li> <li>• Tempos verbais</li> <li>• Localizadores temporais</li> </ul>	
Assinatura (opcional)	

Produção de página de diário – Revisão do texto	
Referência ao local e à data	
Recurso à 1.ª pessoa <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas verbais</li> <li>• Pronomes pessoais (<b>ex.:</b> <i>eu, nós</i>)</li> <li>• Determinantes e / ou pronomes possessivos (<b>ex.:</b> <i>meu</i>)</li> </ul>	
Recurso à 2.ª pessoa (diário como confidente) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas verbais</li> <li>• Pronomes pessoais (<b>ex.:</b> <i>tu</i>)</li> <li>• Determinantes e/ou pronomes possessivos (<b>ex.:</b> <i>teu</i>)</li> </ul>	
Recurso a deíticos <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pronomes e/ou determinantes demonstrativos (<b>ex.:</b> <i>este, esse, aquele</i>)</li> <li>• Advérbios com valor de lugar (<b>ex.:</b> <i>aquí, ali, cá, lá</i>)</li> <li>• Advérbios/expressões com valor de tempo (<b>ex.:</b> <i>agora, ontem, neste momento</i>)</li> </ul>	
Recurso a localizadores temporais, que situam os acontecimentos relatados no tempo ( <b>ex.:</b> <i>um dia, então, algum tempo depois</i> )	
Recurso a linguagem familiar e a vocabulário simples	
Relato de factos e emoções experimentadas / sentimentos	
Uso de pontuação adequada aos diferentes tipos de enunciados	
Correção ortográfica verificada através da consulta do dicionário	
Assinatura da página do diário	

## Análise comparativa de excertos de diários (Ensino Secundário)

1. São disponibilizados aos alunos dois textos de diários distintos (**textos A e B**) e uma grelha de análise em que são especificadas as marcas em análise.
2. Em pares, os alunos leem os textos e analisam-nos, preenchendo a grelha.
3. Os alunos partilham o resultado do seu trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.
4. Preenche-se, em sistematização, a grelha de análise com os contributos apresentados, interpretando-se as marcas linguísticas, estruturais e temáticas em função da especificidade do género *diário*.

### Grelha de análise comparativa de excertos de diários (preenchida)

		Texto A	Texto B		
Produtor textual		Vergílio Ferreira, escritor	José Saramago, escritor		
Objetivo do texto		Narrar acontecimentos, refletir sobre eles; construir uma imagem	Registrar um acontecimento, narrá-lo; construir uma imagem		
Título do diário		<i>Diário Inédito</i>	<i>Cadernos de Lanzarote</i>		
Tema		Ocorrência do quotidiano	Ocorrência do quotidiano		
Estrutura	Plano global do texto	Local e data Corpo do texto	Local e data Corpo do texto		
	Estruturas sequenciais	Narrativa	<i>"Parece que o meu colega R. varejou [...] mais exigem."</i>	<i>"Apareceu assim [...] um verdadeiro tratado de sedução disfarçada de humildade."</i>	
		Descritiva	<i>"uma coisa em feitiço de violão. [...] Apesar disso era uma viola."</i>	<i>"Não tem maneiras de vadio, é novinho"</i>	
		Dialogal	<i>"Falei ao homem: – Quer você vender isso?"</i>	<i>"Luís disse: "Está ali um cão"."</i>	
		Argumentativa	<i>"– Quer você vender isso? – Os garotos têm dado cabo disto. Pensava em mandar compor."</i>	<i>"Não sou entendido em bichos caninos, sobretudo se [...], mas este tem todo o ar de ser"</i>	
Marcas linguísticas	Pessoa gramatical	1.ª pessoa do singular	1.ª pessoa do plural		
	Tempos verbais	Modo indicativo <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente: <i>"parece", "desconfio"</i></li> <li>• Pretérito perfeito simples: <i>"varejou", "desnorteou"</i></li> <li>• Pretérito imperfeito: <i>"era", "tinha"</i></li> </ul>	Modo indicativo <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente: <i>"temos", "sabe"</i></li> <li>• Pretérito perfeito simples: <i>"apareceu", "viveu"</i></li> <li>• Pretérito imperfeito: <i>"movia"</i></li> </ul> Modo conjuntivo <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente: <i>"examine"</i></li> </ul>		
		Deícticos	personais	<i>"Desconfio", "lembra-me"</i>	<i>"Temos", "almoçávamos"</i>
			espaciais		<i>"Lá", "ali", "aí", "daqui"</i>
	temporais			<i>"Antes", "amanhã", "já",</i>	
	Localizadores temporais	<i>"Um dia", "mais tarde"</i>	<i>"neste tempo"</i>		



# RELATO DE VIAGEM

ANA SILVEIRA<sup>20</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>21</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

O relato de viagem é um género textual associado às áreas jornalística, literária e familiar / quotidiana. Trata-se de um género em que o produtor textual, o narrador-viajante (jornalista, escritor, turista...), tem como intenção não apenas relatar o que observou durante a sua viagem (real ou fictícia) ou informar sobre os locais visitados, mas também transmitir as suas impressões sobre lugares, culturas e pessoas com as quais se deparou no seu percurso, assim como narrar experiências vivenciadas que o afetaram emocionalmente. Assume frequentemente um importante valor documental e é rico em imagens do *Outro*.

O relato de viagem escrito é publicado em livros, revistas, jornais ou blogues. O relato de viagem oral é divulgado pelos meios de comunicação social (televisão, rádio, internet) ou surge em contexto familiar / nas práticas quotidianas.

### Caracterização: aspetos organizacionais

O relato de viagem apresenta uma estrutura essencialmente narrativa (com introdução, desenvolvimento e conclusão), em que se articulam sequências narrativas e descritivas, podendo ainda integrar sequências explicativas ou dialogais. Ou seja, a par do relato das peripécias da sua viagem, o narrador-viajante descreve espaços, pessoas, culturas e, por vezes, transmite informações e explicações sobre uma determinada realidade ou reproduz trocas verbais, que conferem ao texto maior dinamismo e realismo.

Este género textual tem um carácter multimodal, uma vez que se pode apresentar em diversos formatos e recursos: livro, imagem em movimento (televisão, cinema, internet), registo oral (rádio, *podcast*, interação verbal do quotidiano), entre outros.

A possibilidade de identificação do produtor permite classificar o relato de viagem como um género autoral.

---

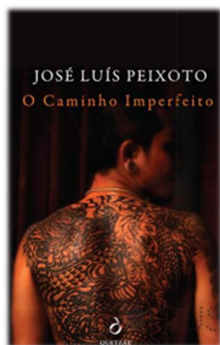
<sup>20</sup> Ana Silveira é professora na Escola Secundária da Ramada – Odivelas.

<sup>21</sup> Referências bibliográficas: Bono, 2005; Cunha & Cintra, 1986; Figueiredo, 2012; Gonçalves, 2013; ME-DGE, 2008; Sá, 2019; Schemes, 2015.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- O relato de viagem caracteriza-se pelo discurso de 1.<sup>a</sup> pessoa (do singular ou do plural), marca linguística que evidencia a implicação de um produtor textual cujo discurso é marcado pela subjetividade; ao longo do relato, o narrador integra as suas impressões, os seus sentimentos, as suas interpretações e, por vezes, juízos de valor.
- Por ter uma estrutura marcadamente narrativa, a informação surge organizada temporalmente, com recurso a localizadores com valor espacial e temporal (com destaque para os deícticos), o que permite ao leitor acompanhar a viagem realizada pelo narrador.
- Articuladas com as sequências narrativas, encontram-se sequências descritivas em que se verifica o uso de uma linguagem valorativa, a presença de vocabulário do domínio sensorial e o recurso ao sentido conotativo e metafórico das palavras. Nas sequências explicativas, em que as marcas enunciativas do produtor textual tendem a desaparecer, encontram-se conectores com valor causal, explicativo, de consequência e vocabulário técnico / especializado.
- Tratando-se de um discurso retrospectivo, predominam os tempos do passado (pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito do indicativo) ou o presente histórico.
- Pode incluir palavras ou expressões com valor epistémico de probabilidade / possibilidade (**ex.:** talvez, possivelmente), de certeza (**ex.:** certo é que) e com valor apreciativo (**ex.:** felizmente). A modalidade pode ainda ser expressa através da entoação (relato oral), dos tipos de frase e da pontuação (relato escrito), da variação no modo verbal, de advérbios, adjetivos e verbos modais (**ex.:** auxiliares como *dever* ou principais com valor modal como *crer, pensar*), entre outros.

## EXEMPLO DE RELATO DE VIAGEM (EXCERTO)



À entrada da aldeia das tribos, havia desenhos que apresentavam a espiral metálica que as mulheres Padaung usam no pescoço. Um desses desenhos mostrava os ossos e dava a entender que, por ação desse artefacto de metal, as vértebras se separavam do crânio – o que é um mito. Havia também uma dessas espirais sobre uma mesa, podíamos mexer-lhe ou pesá-la numa balança.

Não me recordo do preço dos bilhetes. [...]

Nos folhetos das aldeias das tribos, depois de se enaltecer o número de tribos disponíveis para a visita, era explicado que se tratava de refugiados que tinham chegado ao Myanmar

### Tema abordado

Exploração das mulheres da tribo tailandesa Padaung como atração turística

### Conteúdo temático

- Apresentação da aldeia das tribos: desenho da espiral metálica; uma das espirais; folhetos turísticos
- Reação dos turistas coreanos às mulheres Padaung
- Realidade social das tribos
- Mulheres como atração turística rentável
- Descrição das mulheres que vendem *souvenirs*
- Aproximação dos turistas corea-

no final dos anos oitenta e que, ali, tinham condições para manter as suas tradições intactas.

Enunciava-se também a missão da aldeia – distribuir o rendimento do turismo pela comunidade de forma justa e promover o encontro com as populações.

Quando os coreanos repararam nas mulheres Padaung, desinteressaram-se pelas Akha. Às vezes, a medo, esticavam o indicador e tocavam-lhe nas espirais à volta do pescoço. Afastavam logo os dedos, muito bruscamente, como se queimasse, e davam grandes gargalhadas coletivas, faziam comentários em coreano. Depois das fotografias, as mulheres Padaung ficavam a estender a mão.

Existem várias aldeias de tribos na província de Mae Hong Son, junto à fronteira com o Myanmar. O pouco inglês da parte deles – suficiente apenas para dizer preços – e o nosso desconhecimento total do birmanês não nos permitiu comunicar para além do olhar.

Foi mais tarde, em filmes e reportagens legendadas, que pude ouvir aquelas pessoas a falarem das suas dificuldades – sem documentos, não podem sair da aldeia; mesmo com documentos, não podem sair da região ou trabalhar fora da aldeia; candidatam-se a documentos, mas não lhes são atribuídos; o Estado tailandês afirma que apenas melhorará o acesso à água, eletricidade, esgotos e estradas quando todos tiverem documentos.

Apesar de parecerem anéis sobrepostos, trata-se de uma espiral enrolada à volta do pescoço. São um vestígio da tradição Padaung e, nas aldeias tailandesas de tribos, são a certeza de vender mais e tirar mais fotografias ao lado de turistas.

Passámos depressa pelas ruas onde se vendia *souvenirs* em bancas, não queríamos ser alcançados pelos coreanos. Mulheres de várias tribos ofereceram-nos pequenas bonecas com as mesmas roupas que elas próprias tinham vestidas. Faltava alguma coisa ao olhar dessas mulheres. Tinham bebés deitados ao seu lado, no estrado de madeira, sobre cobertores. Tinham crianças que corriam à sua volta, inocentes de outros mundos. Diante das suas casas de madeira, essas mulheres estavam rodeadas pelo silêncio da natureza — árvores vivas, aves ou música, o cheiro da seiva. Lá ao fundo, como uma preocupação, a algazarra dos coreanos aproximava-se.

Peixoto, José Luís (2017). *O Caminho Imperfeito*. Lisboa: Quetzal, pp. 125-127 (com supressões)

nos como uma ameaça

### Estrutura do texto

Conjugação de **sequências textuais, narrativas, descritivas** (caracterização do espaço e de personagens reais), **explicativas** (apresentação de informação e explicação da realidade da tribo; condução do leitor à compreensão da informação)

### Marcas linguísticas

- 1.<sup>a</sup> pessoa (enunciador implicado)

- Pretérito perfeito simples do indicativo (sequências narrativas); pretérito imperfeito do indicativo (sequências descritivas); presente do indicativo (sequências explicativas)

- Expressões com valor epistémico de certeza (“*sem documentos, não podem sair da aldeia*”) e com valor apreciativo (expresso através do segmento destacado, enfaticamente, por travessão duplo: “*– suficiente apenas para dizer preços –*”)

- Vocabulário do domínio sensorial (“*grandes gargalhadas coletivas*”; “*silêncio da natureza*”; “*o cheiro da seiva*”, “*a algazarra dos coreanos*”)

- Deíticos espaciais (“*ali*”, “*Lá ao fundo*”)

- Localizadores temporais “*depois de*”, “*Quando*”, “*às vezes*”)

### Produtor textual

Escritor-viajante José Luís Peixoto

### Meio de transmissão

Obra literária *O Caminho Imperfeito*, Editora Quetzal

## PERCURSO DIDÁTICO

### Interpretação e produção de relatos de viagens (Ensino Secundário)<sup>22</sup>

1. Em trabalho de pares, os alunos leem o excerto de *O Caminho Imperfeito*, de José Luís Peixoto (atrás apresentado) e analisam-no preenchendo a grelha de análise do relato de viagem.

#### Grelha de análise de relato de viagem

		Excerto de <i>O Caminho Imperfeito</i>
Produtor textual (papel social)		
Recetor/destinatário		
Objetivo do texto		
Tema		
Conteúdo temático (informação significativa)		
Sequências textuais	descritivas	
	narrativas	
	explicativas	
Marcas linguísticas	Pessoa(s) gramatical(ais)	
	Marcas de subjetividade	
	Tempo(s) verbal(ais)	
	Deíticos espaciais	
	Localizadores temporais	
	Expressões com valor	epistémico
apreciativo		

2. Os alunos partilham o resultado do seu trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.

<sup>22</sup> O texto selecionado permite igualmente, no âmbito da Autonomia e Flexibilidade Curricular, a construção de um domínio da autonomia curricular (DAC): Projeto interdisciplinar a desenvolver tendo como referência a área de Cidadania e Desenvolvimento; Projeto interdisciplinar a desenvolver em função de temáticas comuns ou familiares do património de disciplinas como a Filosofia (10.º ano: *Temas / Problemas do mundo contemporâneo*), a Biologia e Geologia (11.º ano: *Evolução biológica*) ou a Biologia (12.º ano: *Património genético*).

3. Com vista à posterior produção de um relato de viagem, os alunos participam num debate, baseado na técnica *Os seis chapéus do pensamento*, de Edward de Bono.

### Material de apoio ao desenvolvimento da atividade

“Apesar de parecerem anéis sobrepostos, trata-se de uma espiral enrolada à volta do pescoço. São um vestígio da tradição Padaung e, nas aldeias tailandesas de tribos, são a certeza de vender mais e tirar mais fotografias ao lado de turistas.”

Peixoto, José Luís (2017). *O Caminho Imperfeito*. Lisboa: Quetzal, p. 127

Mulheres-girafa...

... um jardim zoológico humano?

... uma forma de sobrevivência económica?

... uma tradição cultural a respeitar?

Como se sentirá a mulher Padaung e como poderemos contribuir para pôr fim a esta realidade?



Evans, Steve, <https://www.flickr.com/photos/babasteve/351227116>  
(consultado em 22/08/2019)



Domínio público, <https://pxhere.com/fr/photo/1402994>  
(consultado em 22/08/2019)






Domínio público, <https://pxhere.com/fr/photo/1093128>  
(consultado em 22/08/2019)



## Desenvolvimento da atividade

- **Etapa 1:** Cada aluno retira um cartão de um saco que contém cartões de cinco cores em número idêntico (branco, verde, amarelo, preto e vermelho) e a determinar em função do número de alunos da turma.
- **Etapa 2:** São formados cinco grupos constituídos pelos alunos que retiraram o cartão da mesma cor.
- **Etapa 3:** O professor (Chapéu Azul) apresenta as regras do debate e os grupos têm 15 minutos para registar os argumentos que vão apresentar, de acordo com a linha de pensamento associada à cor do seu chapéu.
- **Etapa 4:** Após 15 minutos, dá-se início ao debate, que é orientado pelo professor, respeitando-se a seguinte ordem: Chapéu Azul (professor), Chapéu Branco, Chapéu Verde, Chapéu Amarelo, Chapéu Preto, Chapéu Vermelho e Chapéu Azul (professor).

### *Os seis chapéus do pensamento (Edward de Bono)*

<p><b>O orientador</b> <i>(papel assumido pelo professor)</i></p> <p>Expõe a situação e apresenta as regras do debate. Estabelece o(s) passo(s) seguinte(s) do pensamento.</p>	<p>Chapéu <b>AZUL</b></p> 
<p><b>O objetivo</b></p> <p>Expõe os <b>factos</b> e as <b>informações relevantes</b> sobre a realidade sociocultural da mulher Padaung.</p> <p>O que podemos/devemos fazer?</p>	<p>Chapéu <b>BRANCO</b></p> 
<p><b>O criativo</b></p> <p>Apresenta <b>ideias</b> sobre como se poderá contribuir para pôr fim à situação.</p> <p><b>Novas ideias</b> ou <b>formas</b> de encarar a situação / problema.</p>	<p>Chapéu <b>VERDE</b></p> 

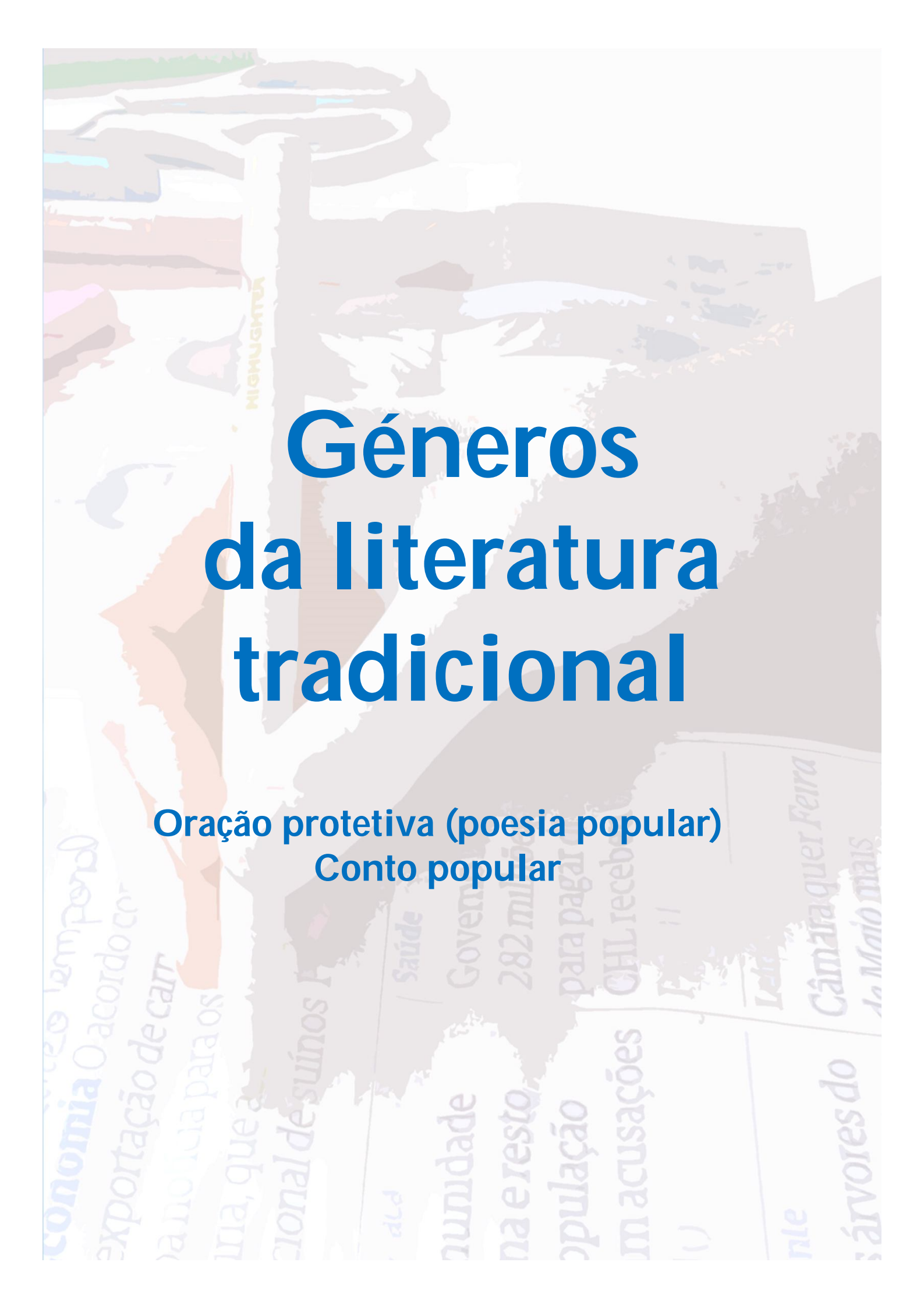
<p><b>O otimista</b></p> <p>Expõe as <b>vantagens</b> e os <b>benefícios</b> das ideias apresentadas.</p> <p>Por que motivos são ideias válidas?</p>	<p>Chapéu <b>AMARELO</b></p> 
<p><b>O pessimista</b></p> <p>Apresenta <b>argumentos contra</b> as ideias apresentadas.</p> <p>Serão seguras? Poderão ser concretizadas?</p>	<p>Chapéu <b>PRETO</b></p> 
<p><b>O emotivo</b></p> <p>Apresenta as <b>emoções</b> e os <b>sentimentos</b> despertados na mulher Padaung pelas ideias apresentadas.</p> <p>O que é que sentem estas mulheres?</p>	<p>Chapéu <b>VERMELHO</b></p> 

4. Em trabalho individual, os alunos produzem um relato de uma viagem:

Recorde uma viagem que tenha realizado e escreva o respetivo relato, adotando a perspetiva que o seu grupo assumiu durante o debate realizado em aula.

O seu texto deverá respeitar as principais características do género relato de viagem.



The background features a collage of a newspaper page and a person reading. The newspaper text is partially visible and includes words like 'Economia', 'Saúde', 'Govern', '282 mil', 'para pagar', 'CHL recebe', 'F', 'L', 'Câmaraquer Feira', 'de Maio mais', 'comunidade', 'na e resto', 'população', 'em acusações', 'árvores do', and 'Câmaras do'. A person is shown reading a newspaper, with a yellow highlighter visible. The overall theme is related to literature and news.

# Géneros da literatura tradicional

Oração protetiva (poesia popular)  
Conto popular

# ORAÇÃO PROTETIVA (POESIA POPULAR)

MARIA DE LURDES FERNANDES<sup>23</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>24</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

A literatura popular é aquela que brota da alma do povo, a que ele entende e através da qual manifesta os seus sentimentos e a sua sensibilidade. Por mais analfabeto ou rude que nos pareça, quando ele conta as suas histórias, as suas lendas, ou reza as suas orações, deixa transparecer a sua emoção no brilho do seu olhar ou na poesia das suas palavras.

Associadas à religiosidade popular, as orações faziam parte das tradições e constituem, ainda hoje, recordações da infância, sobretudo as que eram “ditas” ao serão, junto à lareira, ou quando se deitavam as crianças e se pedia proteção divina. Trata-se de textos curtos, transmitidos oralmente, fáceis de memorizar, dirigidos a Deus ou a um santo que interceda junto dele, com vocabulário simples, mas simbólico, com o objetivo de fazer um pedido ou uma súplica.

Estas orações populares inserem-se no que Maria Aliete Galhoz chama *orações protetivas*. O género oração protetiva teve uma intensa circulação na Época Medieval e “propagou-se a todo o mundo cristão e volvida nas línguas autóctones tornou-se das mais populares e difundidas oralmente, tanto mais que entrou no património infantil, pois era uma das orações que primeiro se ensinavam às crianças mais pequenas” (Galhoz, 1995).

---

<sup>23</sup> Maria de Lurdes Cardoso Fernandes é professora na Escola Secundária de Camões – Lisboa.

<sup>24</sup> Referências bibliográficas: Amor, 1999; Galhoz, 1995, Coutinho, 2014; Jorge & Coutinho (coord.), 2019.

## Caracterização: aspetos estruturais

As orações protetivas são, em geral, textos em verso, rimados, que não obedecem a um plano fixo. Tendem a ser constituídas por vários segmentos: invocação (e caracterização) da entidade invocada; pedido; saudação laudatória (que reforça a funcionalidade do texto enquanto oração).

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- As orações protetivas são orações religiosas e populares iniciadas com um vocativo em que se identifica a entidade invocada (ex.: “*Padre Nosso...*”).
- Trata-se de textos construídos em torno de atos ilocutórios diretivos (ex.: “*Padre Nosso Pequenino [...] nunca o pecado se m’encontre*”), já que o seu objetivo é fazer um pedido.
- Por serem textos da literatura oral, ditos num momento concreto e sempre presente (o contexto poderá ser qualquer um em que a oração seja rezada ou ensinada), recorrem predominantemente ao presente do indicativo, com valor deítico (ex.: “*m’encontre*”, “*cantam*”, “*s’alevantam*”). A oração protetiva “Padre Nosso Pequenino” apresenta ainda como marca distintiva a existência de advérbios com valor deítico temporal (ex.: “*Já*”, “*Nunca*” e “*sempre*”).
- Além do presente ocorrem nas orações protetivas outros tempos verbais, que decorrem do seu carácter narrativo (pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito).
- Dado que se trata de orações dirigidas por um *eu* a um *tu*, são recorrentes nestes textos marcas de 1.ª e da 2.ª pessoas, referentes ao enunciador (altamente implicado na oração que faz) e no seu interlocutor (entidade a quem o pedido é feito). A presença do *tu* é atestada pelo recurso aos vocativos (ex.: “*Padre Nosso pequenino*”, “*Jesus*”), por vezes associados ao diminutivo, que pode ser entendido como uma fórmula de tratamento carinhoso e que implica familiaridade entre as duas entidades (ex.: “*pequenino*”).
- O seu carácter popular e religioso leva a que as orações protetivas sejam ainda caracterizadas por vocabulário coloquial (com eventual presença de expressões com valor simbólico), pelo ritmo cadenciado e por recursos expressivos, recursos que, para além de contribuírem para a construção do sentido global do texto, conferem musicalidade e expressividade à oração, facilitando a memorização e a transmissão oral.

## EXEMPLO DE ORAÇÃO PROTETIVA<sup>25</sup>

Padre Nosso Pequenino  
Quando Deus era menino  
Tinha os sete paraísos  
Quem lhos desse quem lhos daria  
Cruz na fonte cruz no monte  
Nunca o pecado se m' encontre  
Nem de noite nem de dia  
Nem ao pino do meio-dia  
Já os galos pretos cantam  
Já os anjos s' alevantam  
Já Deus subiu à Cruz  
Pra sempre Amém Jesus.

Júlia de Jesus Cardoso Fernandes, 49 anos,  
em Proença-a-Nova, a 24/03/1984

**Estrutura interna:** Invocação e caracterização da entidade invocada > Pedido > Saudação laudatória ("Ámen")

**Estrutura externa:** poema de 12 versos, com rima (exceção nos versos 3 e 4)

### Marcas linguísticas

- Tempos verbais (presente do indicativo: momento da enunciação / oração)
- Pessoas gramaticais: 1.ª e 2.ª (vocativo)
- Deíticos temporais
- Recursos expressivos: antítese, anáfora, diminutivos
- Vocabulário com valor simbólico ("sete paraísos", "cruz", "fonte", "monte", "noite", "galos pretos")

**Local e data de recolha:** Proença-a-Nova, em 24/03/1984

**Produtor textual / Informante:** Júlia Fernandes, 49 anos

## PERCURSO DIDÁTICO

### Análise comparativa de contos populares (Ensino Secundário, 10.º ano)<sup>26</sup>

1. O texto "Padre Nosso Pequenino" é disponibilizado aos alunos. Explica-se a escolha do texto e faz-se o seu enquadramento, ligando-o à literatura oral e tradicional e à forma de divulgação da poesia e das orações populares, de "boca em boca" (tal como a poesia da Idade Média) e de geração em geração. Faz-se ainda referência à necessidade de preservação das tradições e da recolha e estudo deste género de textos.
2. Feita a leitura silenciosa do texto, um aluno lê-o texto. De seguida, é disponibilizada a audição da oração, gravada em 1984, e, coletivamente, os alunos analisam os aspetos prosódicos da versão gravada.
3. Procede-se à distribuição de fotocópias com o poema do grupo Madredeus e, eventualmente, de outras versões da oração "Padre Nosso Pequenino" e uma grelha de análise comparativa, especificando-se o trabalho a desenvolver (objetivos, tema, estrutura, marcas linguísticas, simbolismo...).

<sup>25</sup> A oração "Padre Nosso Pequenino", em que se baseia este trabalho, foi recolhida em Proença-a-Nova, em 24/03/1984 para a realização de um trabalho da disciplina de Literatura Tradicional e Oral, do Curso de Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses (FCSH). A mesma foi recolhida com o recurso à gravação e representa uma das muitas orações que a informante (Júlia de Jesus Cardoso Fernandes, 49 anos), minha mãe, me ensinava em criança e que reproduziu na data e local acima indicados. Tal como me ensinou a mim, terá aprendido com a sua mãe, esta com a sua, e assim sucessivamente.

<sup>26</sup> Propõe-se que este trabalho seja feito na sequência do estudo da Poesia Trovadoresca, nomeadamente as Cantigas de Amigo, e o subgénero *cantigas de romaria*, que espelhavam bem a religiosidade do Homem medieval.

4. Em grupos de quatro, os alunos leem os textos e analisam-nos, preenchendo a tabela.

Texto A	Texto B
<p>Padre Nosso Pequenino Quando Deus era menino Tinha os sete paraísos Quem Ihos desse quem Ihos daria Cruz na fonte cruz no monte Nunca o pecado se m' encontre Nem de noite nem de dia Nem ao pino do meio-dia Já os galos pretos cantam Já os anjos s' alevantam Já Deus subiu à Cruz Pra sempre Amém Jesus.</p> <p>Texto inédito, proferido por Júlia de Jesus Cardoso Fernandes, 49 anos, em Proença-a-Nova, em 24/03/1984</p>	<p><b>O Menino</b> Meu padre nosso pequenino Que tem a chave do menino – quem Iha deu, quem Iha daria, Foi S. Pedro, santa Maria  Cruzei montes, cruzei fontes, O pecado não encontro Nem de dia, nem de noite Nem ao pino do meio-dia  Já os galos pretos cantam Já os anjos se alevantam Já o senhor subiu a cruz Para sempre Ámen Jesus</p> <p>Madredeus (1990), in <i>Existir</i>, 1990<sup>27</sup></p>
<p>Texto C</p> <p>Pai Nosso Pequeninho Nos levai em bom caminho Sete Luas nos alumie Jesus Cristo, meu pai e padrinho Usando a cruz na minha testa Para que o demônio não me atente Nem de dia, nem de noite Nem no pino do meio-dia O galo cantou Os anjos já levantou (sic) Jesus Cristo ressuscitou E subiu pela cruz Para sempre com o meu Jesus.</p> <p><a href="http://www.meusserto.es.com.br/2016/12/20/pai-nosso-pequenino/">http://www.meusserto.es.com.br/2016/12/20/pai-nosso-pequenino/</a> (consultado em 26/07/2019)</p>	<p>Texto D</p> <p>Pai nosso pequenino Tem a chave do paraíso Quem te deu e te daria Foi a Virgem Maria Cruz em montes, cruz em fontes Meus inimigos não me encontrem Nem de noite, nem de dia Nem ao pino do meio-dia O galo canta pela luz, Os anjos cantam pela cruz, Valei-me meu bom Jesus!</p> <p><a href="https://www.flickr.com/photos/pedaco-deamor/470778197">https://www.flickr.com/photos/pedaco-deamor/470778197</a> (consultado em 26/07/2019)</p>

<sup>27</sup> Audição da música (3,53') em <https://www.youtube.com/watch?v=S2Dz5SBgBck&feature=youtu.be>

### Análise comparativa de várias versões de oração protetiva

		Texto A	Texto B	Texto C	Texto d
Produtor textual / Locutor (papel social)					
Objetivo do texto					
Tema					
Estrutura	Externa				
	Interna (partes do texto)				
Marcas linguísticas	Pessoa(s) gramatical(ais)				
	Tempo(s) verbal(ais)				
	Recursos expressivos				
	Vocabulário com valor simbólico				
	Marcas que dão um cariz oralizante ao texto				

5. Os alunos partilham o resultado do seu trabalho com a turma, fundamentando as conclusões a que chegaram. São sistematizadas conclusões, no quadro.
6. A atividade é concluída com a audição e análise coletiva da música do grupo Madredeus – “O Menino”.
7. Apresenta-se, por fim uma proposta de atividade: em casa, junto de familiares, os alunos recolherão textos da tradição oral para partilha na turma e eventual divulgação no boletim da escola.

# CONTO POPULAR

MARIA JOSÉ ALMEIDA<sup>28</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>29</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

Narrar, contar histórias, é uma necessidade humana. Assim sendo, os contos populares estão associados à partilha, no seio de uma comunidade, de conhecimentos essenciais e de crenças de natureza religiosa, valores éticos, sociais e educativos, constituindo uma forma de socialização e de formação ideológica coletiva. São narrativas breves em que alguém – geralmente anónimo — conta uma história que adapta a si próprio (às suas características enquanto intérprete) e às características do contexto situacional, ou seja, ao espaço onde vive e onde vivem aqueles para quem conta. No entanto, no essencial, o contador / intérprete tem de se submeter à lógica profunda dos esquemas existentes na tradição.<sup>30</sup>

O conto popular é uma narrativa anónima que ganha vida e é aceite pela comunidade em que circula. Esta encarrega-se de (re)emitir uma herança cultural como se só de um indivíduo se tratasse, mas, de facto, os intérpretes / contadores são vários (a explicação para a existência, em certos casos, de várias versões do mesmo conto).

No sentido de tudo o que foi referido, é importante percebermos a especificidade do conto popular no que diz respeito à sua comunicação e à sua difusão (processos de transmissão). Os contos populares vivem na e através da oralidade, já que passaram de geração em geração através da difusão oral, da memória — embora tenha havido um esforço considerável e louvável, principalmente a partir do Romantismo, século XIX, de os registar, por escrito. Nesse trabalho de campo moroso e complexo (recolha, compilação, transcrição das narrativas que estavam, sobretudo, na memória das gentes que, na sua maioria, não sabia ler ou escrever) distinguiram-se nomes, como é o caso de Adolfo Coelho (de cuja obra, *Contos Populares Portugueses*, foi retirado o conto que nos serve de exemplo), mas também Almeida Garrett ou Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos ou Consiglieri Pedroso, entre outros.

---

<sup>28</sup> **Maria José Pinheiro de Almeida** é professora no Agrupamento de Escolas Fernando Namora – Brandoa.

<sup>29</sup> **Referências bibliográficas:** Coelho, 1988; Coutinho, 2007; Coutinho, 2008; Faria, 2009; Jorge, 2019; Reis & Lopes, 2002; Segate, 2010; Silva, 2013.

<sup>30</sup> Por esse motivo, e segundo Reis & Lopes (2002), os estudos sobre este género, atualmente, assentam menos na procura das origens e mais num “perfil matricial” que possa responder à variedade que encontramos nestes textos.



Podemos, então, concluir que, neste género, a tradição supera a inovação. Trata-se de um género textual com estabilidade, pouca mutabilidade, porquanto a uniformização cultural atual (chamada civilização ocidental), através da internet e da televisão (programas que são adaptados de país para país e *consumidos* por toda a gente), já não permite estas marcas distintivas entre lugares, povos (ruralidade), tradições, hábitos. A literatura oral está a desaparecer, na medida em que a prática de “contar uma história” existe, apenas, para as crianças pequenas. Restam-nos, infelizmente, poucos documentos, lembranças e testemunhos de pessoas ainda vivas que nos possam lembrar da importância que o narrar, contar uma história se revestia nas comunidades rurais.<sup>31</sup>

### Caracterização: aspetos organizacionais

O conto popular tende a caracterizar-se por uma estrutura narrativa. Na maioria destas narrativas, parte-se de uma parte inicial (situação inicial), em que se apresentam os elementos da família ou se apresenta o herói / heroína mencionando o seu nome ou descrevendo o seu estado e estatuto. Seguidamente, na parte preparatória, assistimos à apresentação dos elementos necessários à evolução da história, onde se anunciam as peripécias que só terão lugar na parte seguinte da narrativa. No nó da intriga a narrativa ganha dinamismo e evolui em cadeia. Esta é a parte mais movimentada de um conto; a narrativa avança numa sucessão de acontecimentos que se provocam uns aos outros e que culminam no desfecho. O desfecho é um evento ou conjunto de eventos que, no final de uma narrativa, resolve as tensões acumuladas e institui uma situação de relativa estabilidade que, na grande parte das vezes, encerra a história. Uma morte, um casamento, um reencontro são exemplos de eventos que podem constituir desfechos. A situação final pode ou não existir, dependendo da estrutura do conto que se esteja a trabalhar.

Embora as narrativas sejam variadas tematicamente, há elementos que são comuns (*fundo arquetípico universal*) à maior parte destas narrativas a que chamamos contos populares (que fazem parte do corpus dos textos a que se convencionou chamar Literatura Oral Tradicional ou Literatura Popular de Tradição Oral), qualquer que seja o seu lugar de origem, geográfica e culturalmente: as personagens e o plano enunciativo. As primeiras são *referenciais*, já que nos remetem para características culturalmente comuns: o moleiro, o rei, a princesa e o príncipe, a menina formosa, o padre... O segundo, o plano enunciativo, prende-se, sobretudo, com o espaço e o tempo. O espaço e o tempo, nestas narrativas, são indeterminados (**ex.:** “Era um rei que tinha uma filha...”, “Era uma vez...”, “naquele tempo...”, “há muito, muito tempo...” e “num palácio...”, “na corte...”, “num jardim...”, “numa floresta...”, “num reino muito distante...”). O que importa, o cerne do conto, não está no *quando* ou no *onde*, mas no

---

<sup>31</sup> No entanto há, ainda, alguns resilientes que contra ventos e marés tentam salvaguardar essa memória com recolhas, mais autênticas, principalmente na área da música, logo dos romances / rimances como é o caso dos programas *Povo Que Canta* ou, até, *Lugar ao Sul*, da RTP e Antena 1, respetivamente.

exemplo que dele a audiência pode retirar. A história é situada num passado remoto, para que quem conta possa atestar os acontecimentos, mas, ao mesmo tempo, distanciar-se deles e torná-los exemplares.<sup>32</sup>

### Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Nos contos populares, podemos perceber que existe uma desvalorização dos momentos de pausa (descrição) por oposição à valorização dos momentos de avanço (narração). A prova disso é a predominância do pretérito perfeito simples do indicativo e não do pretérito imperfeito. Se atentarmos no conto “A pele do piolho”, verificamos que existe uma intensa velocidade narrativa (para chegar rapidamente ao fim da história), muito à custa da elipse (não temos quaisquer indicações sobre caracterizações físicas das personagens ou dos espaços).
- A relação do presente com um passado, com um mundo ancestral, manifesta-se no recurso ao pretérito perfeito simples do indicativo como tempo base. Os localizadores temporais e espaciais são do tipo “Era um rei”, “corte” que nos remetem para um *passado indefinido e permanentemente reatualizável*. Percebe-se, assim, a utilização dos nomes comuns em vez dos próprios.
- O narrador é heterodiegético, narra na 3.ª pessoa (dizendo *ele, ela, eles, elas*). Isto deve-se ao facto de, na maioria das vezes, o intérprete não corresponder ao autor nem a uma personagem. Trata-se, portanto, de contar algo que ouvimos contar. De igual modo, a 3.ª pessoa contribui para o afastamento / distanciamento de quem conta daquilo que é contado (tempo remoto). Assim, assegura-se a exemplaridade do que é contado e a função moralizadora fica assegurada.
- Existem marcas de oralidade, no texto, muito evidentes (o que nos remete para o circuito de comunicação e difusão deste tipo de narrativas – oral). É o caso dos conectores “Então” (advérbio que significa *naquela circunstância*) e “Ora” (valor expletivo — resquício da oralidade). A presença do polissíndeto em orações que, à partida, estavam estruturadas para serem assindéticas, exemplifica uma redundância que advém do uso cumulativo da conjunção “e” e da vírgula, remetendo para a simplicidade das estruturas de coordenação, típicas da oralidade informal (**ex.:** “...e então a princesa disse ao rei que mandasse reunir a corte toda, e toda a gente que ele quisesse, e que aquele que adivinhasse de que tinha...”).
- A coesão é feita, sobretudo, através da pontuação que demarca, também, a progressão narrativa. A pontuação surge como substituto da entoação, dos ges-

---

<sup>32</sup> O que acabámos de referir remete-nos para as funções lúdica e moralizante destas narrativas. Por um lado, estas histórias visavam entreter a comunidade, mas, também moralizar, denunciar os defeitos e vícios e levar as pessoas a escolherem o caminho do bem e a ignorar o do mal.

tos, ou seja, dos elementos prosódicos que acompanhavam, naturalmente a narração oral.

- O vocabulário denota características típicas de comunidades rurais e pequenas (ex.: “*uma filha que costumava catá-lo [...] que da pele se fizesse um tambor [...] Há-de ser com tal tenção [...] Hás-de levar com um bordão. / Eu hei-de comer pão alvo*”).

## EXEMPLO DE CONTO POPULAR<sup>33</sup>

**Conto Popular**  
**XXXIX**

**A PELLE DO PIOLHO**

Era um rei que tinha uma filha que costumava catá-lo e um dia encontrou-lhe um piolho na cabeça e disse: «Meu pai e senhor, vossa majestade tem aqui um piolho.» Então o rei respondeu: «Deixa-o ficar, pois quero que ele cresça.» Cresceu tanto o piolho que já não cabia na cabeça do rei; e então este ordenou que se matasse e que da pele se fizesse um tambor. Assim se fez, e então a princesa disse ao rei que mandasse reunir a corte toda, e toda a gente que ele quisesse, e que aquele que adivinhasse de que tinha sido feito o tambor seria seu esposo. Ora o rei andava com muitos desejos de casar a filha, e por isso aceitou logo a proposta, e deu ordens para que se reunisse muita gente; e que aquele que adivinhasse de que tinha sido feito o tambor casaria com sua filha. Havia na corte um fidalgo de que a princesa muito gostava, e que também se apresentou para adivinhar, e quando estavam já muitos homens reunidos, chegou o rei e a princesa e perguntaram: «De que foi feito este tambor?» e mostraram o tambor que era levado por um velho criado do rei. A princesa então aproximou-se do fidalgo que amava e disse-lhe: «Pele de piolho» mas ele não ouviu, e o criado que conduzia o tambor, como estivesse atrás da princesa, ouviu o que ela dizia; e então aproximou-se do rei e disse: «Saiba vossa majestade que este tambor foi feito da pele dum piolho.» Então o rei respondeu logo: «Adivinhaste, e como palavra de rei não volta atrás, casarás com a princesa.» Então, ela toda lavada em lágrimas, chegou-se ao pé do velho e disse-lhe:

«Se eu casar contigo, velho,  
Há-de ser com tal tenção,

### Produtor textual

Anónimo / ser coletivo / contador / intérprete (tantas versões, quantos os contadores)

### Circuito de transmissão

- Oral, de geração em geração, que assegura a manutenção de um património cultural

### Estrutura do texto

- Situação Inicial  
- Parte preparatória  
- Nó da intriga  
- Desfecho  
- Situação final

### Marcas linguísticas

- Presença de velocidades narrativas redutoras: sumários, elipses e desvalorização das pausas descritivas  
- Pretérito perfeito simples do indicativo (predominante), dando ênfase e primazia aos momentos de avanço, à narração  
- 3.<sup>a</sup> pessoa (afastamento relativamente ao que se conta)  
- Localizadores que veiculam um valor temporal de anterioridade em relação ao momento da enunciação (passado remoto que valida a história e a sua exemplaridade)  
- Conectores típicos do oral. (coesão feita, sobretudo,

<sup>33</sup> O conto selecionado, “A Pelle do Piolho”, é classificado por Adolfo Coelho como sendo sentimental. Contudo, encontramos-lhe outras características que pertencem ao *maravilhoso*, como é o caso de um piolho crescer tanto que se pode fazer um tambor da sua pele, ou características da *facécia*, na medida em que a Princesa escarnece, humilhando, o velho que teve a ousadia de, através de um subterfúgio, pretender casar com ela. Pensamos que o conto que escolhemos é um bom exemplo daquilo que Nelly Novaes Coelho refere na sua obra *O Conto de Fadas*: “...têm (referindo-se aos contos com princesas, velhos, reis, gigantes, objetos mágicos,...) como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher”.

De eu dormir em boa cama,  
E tu velho nesse chão,  
E tu velho se falares,  
Hás-de levar com um bordão.  
Eu hei-de comer pão alvo,  
E tu velho, de rolão,  
E se tu velho falares,  
Hás-de levar com um bordão.»

Em vista disto o velho não quis casar com a princesa, e disse-lhe que casasse ela com o fidalgo; e assim se fez.

(Coimbra)

Coelho, Adolfo (1988). *Contos Populares Portugueses*.  
Lisboa: Dom Quixote/Círculo de Leitores. pp. 196-197

através da pontuação e de conectores típicos da oralidade que demarcam, também, as sequências narrativas)  
- Cariz oralizante  
- Vocabulário específico de determinado contexto (rural, meio pequeno, tradicional)

## PERCURSO DIDÁTICO

### Análise comparativa de contos populares (3.º Ciclo do Ensino Básico, Ensino Secundário)<sup>34</sup>

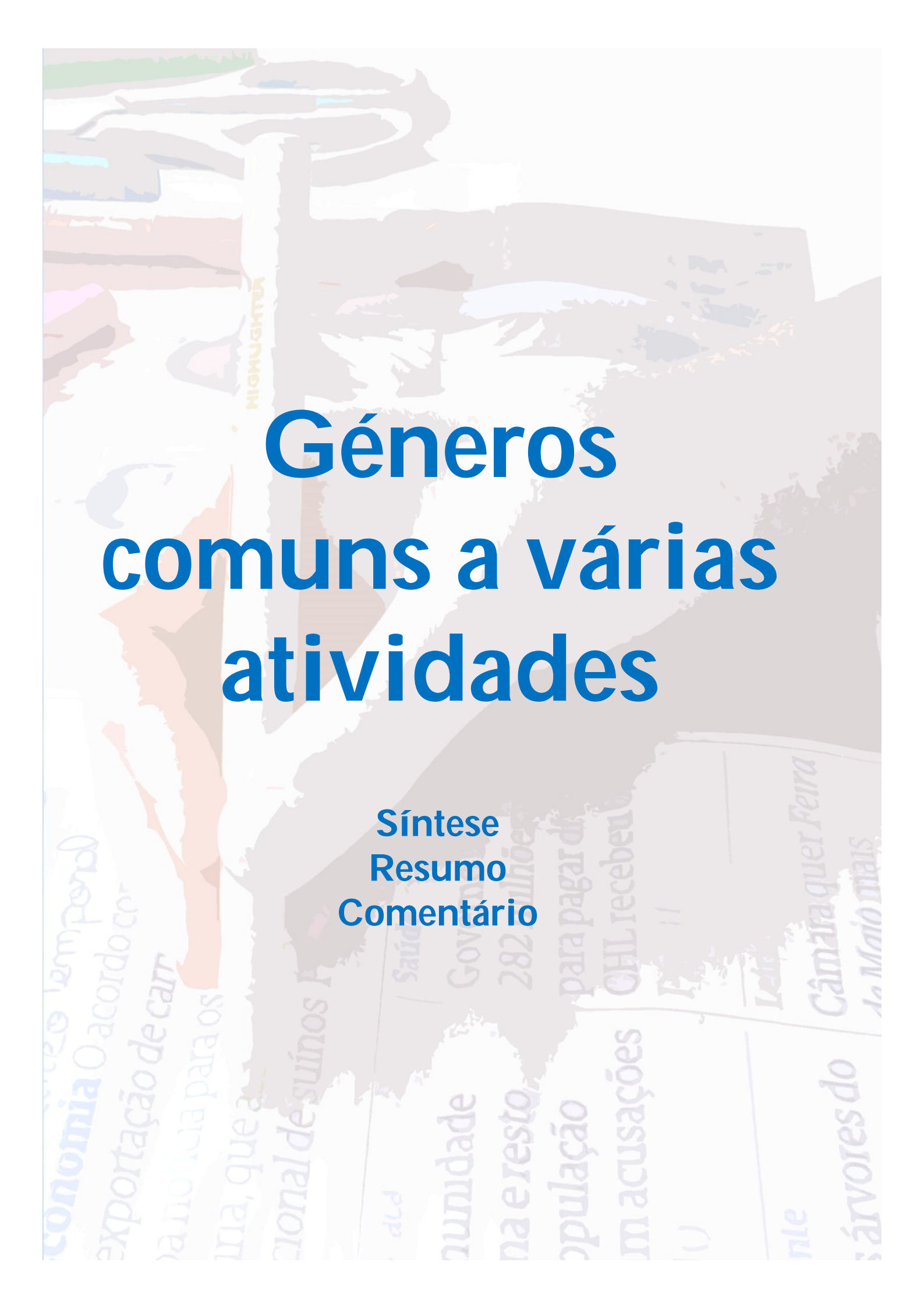
1. Este percurso didático pressupõe uma primeira abordagem a este género, em aula, com vários textos e com informação sobre as várias partes constitutivas deste tipo de narrativa. Os alunos ficarão com esta informação e poderão usá-la para analisar o seu texto. De igual modo, poder-se-á disponibilizar a tipologia e variedade temática do conto popular, de acordo com o que é proposto por Reis & Lopes (2002). Poder-se-á também recorrer aos registos áudio dos programas mencionados nos aspetos contextuais, a fim de levar os alunos a ouvir as diferenças de sotaque, de região para região. A audição de alguns programas (um do norte e outro do sul, por exemplo) servirá como ponto de partida para o trabalho a desenvolver (*brainstorming*).
2. Serão disponibilizados contos aos alunos (um por grupo) pertencentes à recolha e organização de Adolfo Coelho, Almeida Garrett ou Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos ou Consiglieri Pedroso, no suporte escrito, e uma grelha de análise comparativa em que são especificadas as marcas linguísticas em análise.

<sup>34</sup> Sugere-se a seleção de, pelo menos, dez contos, já que trabalhar em grupo com mais de três elementos poderá ser contraproducente.

### Grelha de análise comparativa de contos populares

		Texto A	Texto B	Texto C	
Produtor textual (papel social)					
Objetivo do texto (função cultural, moralizadora, lúdica, outra)					
Tema / tipologia					
Função / personagem-tipo (relacionado com a tipologia e tema)					
Plano do texto	Situação inicial				
	Parte preparatória				
	Nó da intriga				
	Desfecho				
	Situação final				
Marcas linguísticas	Pessoa gramatical				
	Tempo(s) verbal(ais)				
	Léxico / vocabulário (relacionado com as comunidades rurais / tradicionais)				
	Expressões com valor	espacial			
		temporal			
Marcas que dão um cariz oralizante ao texto					

3. Já organizados em grupo, mas individualmente, os alunos leem os textos e analisam-nos; posteriormente e já em grupo, preenchem a tabela.
4. Os alunos de cada grupo elegem o porta-voz do grupo que partilha o resultado do trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.



# Géneros comuns a várias atividades

Síntese  
Resumo  
Comentário

# SÍNTESE

MARIA DA CONCEIÇÃO PIRES<sup>35</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>36</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

Do grego *synthesis*, que significa “composição” (reunião de dados / elementos sobre um tema e fusão num todo coerente), a síntese é um texto (oral ou escrito) produzido a partir da seleção do conteúdo informativo mais relevante de outros textos-fonte para cumprir uma intenção comunicativa, habitualmente associada ao desenvolvimento de um tema ou de uma problemática.

A síntese está integrada noutros géneros textuais publicados e divulgados pelos meios de comunicação social (jornais, revistas, rádio, televisão) e pelos diversos suportes orais e escritos de outras áreas de conhecimento e de atividade, como a academia universitária e a investigação científica.

A síntese deve ser entendida como um *género incluído* porque não circula de forma autónoma ou independente e não está associada a uma atividade social específica. Contudo, em contexto escolar e em certas áreas profissionais (ex: advocacia), a síntese surge como um género textual, que obedece a um modelo rígido na sua organização e na sua dimensão, descurando as condições e o contexto da sua produção e sustentando-se apenas num texto-origem.

O autor da síntese não tem de ser um especialista ou perito na matéria sobre a qual versa a sua síntese. Esta implica a apropriação, memorização e (re)construção do conhecimento, revelando-se uma atividade reflexiva complexa por nela se cruzarem duas capacidades distintas: a de leitura / compreensão dos textos a sintetizar e a de produção do novo texto.

---

<sup>35</sup> **Maria da Conceição Quinteira** Pires é professora no Agrupamento de Escolas João de Araújo Correia – Peso da Régua.

<sup>36</sup> **Referências bibliográficas:** Brassart, 1993; Coutinho, 2014; Coutinho, 2019 (no prelo); Jorge (no prelo); Rastier, 2001; Rodrigues, 2005.



## Caracterização: aspetos organizacionais

A dimensão e a organização da síntese, enquanto *género incluído*, variam em função de cinco fatores: a(s) finalidade(s) da síntese; as escolhas pessoais da informação dos textos-fonte por parte de quem produz a síntese; a atividade em que esta se situa; o seu meio de circulação e o suporte em que essa síntese se inscrever. Num texto jornalístico, a síntese será muito mais reduzida, tal como o *corpus* de documentos utilizados como textos-fonte, por oposição à que consta num artigo científico.

Em contexto escolar, a síntese deve corresponder a cerca de um terço da extensão do texto-fonte.

A síntese tem sempre de respeitar um plano de texto que integre as informações recolhidas e selecionadas, agora reordenadas numa nova sequência lógica – introdução, desenvolvimento e conclusão –, de acordo com a relevância e o grau de importância que o autor lhes confere, afastando-se, assim, da estrutura organizacional do(s) texto(s)-fonte.

A síntese deve, ainda, ser marcada pela objetividade, clareza, fidedignidade em relação à(s) fonte(s) e ligação das próprias ideias do seu autor com a de outro(s) na construção e partilha de conhecimentos.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- A presença de um *corpus* mais ou menos vasto subjacente à elaboração da síntese manifesta-se:
  - nas diversas referências bibliográficas, embora abreviadas, ou nominais dos textos-fonte ao longo da síntese;
  - nas transcrições dos textos-origem (indicação obrigatória da página nas sínteses dos artigos científicos), com recurso a aspas e a verbos introdutores do relato do discurso, nomeadamente de verbos que indicam o ato de dizer (verbos *dicendi*, como *referir* e *afirmar*) ou que exprimem outros valores, como a perceção cognitiva / avaliativa do autor do texto-fonte (**ex:** *considerar*, *julgar*), ou a própria organização do texto-fonte (**ex:** *concluir*, *deixar um conjunto de recomendações*), entre outros;
  - na inclusão de imagens, esquemas, tabelas, quadros, fotografias e infografias dos textos-fonte.
- A elaboração da síntese privilegia a supressão de recursos tipográficos dos textos-fonte, como os negritos e itálicos, de acordo com as ideias que o autor do texto da síntese quiser destacar.
- Nos textos jornalísticos e nas práticas escolares, a síntese é marcada pela distância enunciativa (uso da 3.<sup>a</sup> pessoa); por oposição, nos artigos científicos, recorre à presença da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (evidenciando um elevado grau de implicação do produtor textual) ou do plural.

- Ocorrem também formas de presente do indicativo quer com valor perfeitivo (os textos-fonte foram produzidos antes da síntese), quer com valor genérico (sobretudo nos artigos científicos).
- A interpretação ou apropriação das ideias / informações dos textos-fonte leva não só à inserção de parênteses explicativos ou justificativos, quando o autor do novo texto entender necessário, como também à supressão de referências bibliográficas do texto-fonte, agora substituídas pelo nome do seu autor / entidade produtora de tal texto-fonte.
- Para cumprir as finalidades da sua síntese, o autor do novo texto suprime a informação que ele considera acessória dos textos-fonte, como as repetições ou redundâncias, e utiliza construções mais económicas, através do recurso a procedimentos linguísticos geradores de coesão lexical (a reiteração e substituição de léxico) e coesão referencial (diferentes tipos de anáfora).
- Em contexto escolar, a síntese caracteriza-se ainda pela supressão de comentários e explicações do autor deste novo texto, assim como de transcrições do texto-fonte.
- A síntese, nomeadamente a que ocorre nos artigos científicos, pode incluir palavras ou expressões – modalizadores – com valor apreciativo e com valor epistémico (como é o caso dos advérbios de predicado, de frase, de inclusão e de exclusão; enunciados de valor assertivo negativo; verbos modais; adjetivos qualificativos com valor afetivo ou avaliativo), exprimindo a atitude do autor do novo texto relativamente à verdade ou falsidade dos conteúdos proposicionais baseados nos textos-fonte, exprimindo juízos de valor sobre os mesmos.
- O plano da síntese pode ser mais ou menos marcado, mas, em geral, ela integra conectores que estabelecem conexões entre partes do texto e orientam a exposição da informação. Por vezes, introduz um contraste nessa articulação devido à inclusão ou manifestação do posicionamento pessoal do autor da síntese relativamente à informação seleccionada dos textos-fonte.

## EXEMPLO DE SÍNTESE INCLUÍDA EM NOTÍCIA

### SOCIEDADE

## Mecanismos contra corrupção e fraude na gestão de donativos do Revita “não foram eficazes”

### INCÊNDIOS

Patrícia Carvalho

Habitacões afectadas pelos incêndios de Pedrógão Grande não foram as principais beneficiadas pelo Fundo Revita. 58% da verba foi para apoio aos prejuízos agrícolas sem que se tenha controlado a sua utilização. Há 815 mil euros por aplicar, que devem ser aplicados rapidamente. É o que diz auditoria do Tribunal de Contas.



Ainda que a reconstrução e reabilitação de habitacões afectadas pelos incêndios de Pedrógão Grande, em Junho de 2017, tenham sido apresentadas como as prioridades do Fundo Revita, a verdade é que 58% do valor ali congregado acabou por ter como destino o apoio a prejuízos agrícolas. E, ao contrário do que se passou com as intervenções nas habitacões, nesta área “não foram aplicados mecanismos de controlo da efectiva utilização dos apoios concedidos”.

Esta é uma das conclusões da auditoria do Tribunal de Contas (TdC) ao fundo criado pelo Governo para gerir os donativos destinados à reparação de danos dos incêndios de Junho de 2017. Conclui-se também que os mecanismos de prevenção de fraude e corrupção “não foram eficazes”.

Embora considere que, em geral, os apoios geridos pelo Revita foram “distribuídos para os fins destinados e na proporção das necessidades”, o TdC aponta muitos aspectos que não funcionaram como deveriam. O grau de transparência é considerado “não satisfatório” em aspectos que partem, desde logo, dos critérios de acesso ao fundo e passam pelas várias alterações que foram sendo introduzidas ao processo. “Decidiu-se, por exemplo, apoiar prejuízos agrícolas, tendo para o efeito sido despendidos 58% dos fundos”, refere-se na auditoria.

A aplicação dos fundos nesta área não era proibida pelo regulamento do Revita, que previa que parte das verbas pudesse ser encaminhada para “outras necessidades de apoio” além da construção / reabilitação de habitacões ou o seu apetrechamento, mas os respectivos critérios “não foram definidos” e não existiram mecanismos de controlo para verificar se a verba foi efectivamente aplicada ao fim a que se destinava. Na prática, refere o TdC, quem solicitou apoio nesta área preencheu um formulário e submeteu uma declaração de prejuízos. Concedidos os apoios, ninguém verificou de que forma é que eles foram usados.

Este é apenas um dos exemplos do que o TdC diz serem “critérios imprecisos e insuficientemente divulgados” e de “procedimentos de verificação insuficientes”. Na auditoria refere-se que, ao contrário do que se passou com os donativos em dinheiro, não há informações claras sobre os donativos em espécie, insiste-se na falta de envolvimento da população e no peso excessivo das autarquias, com os municípios a terem “muitas oportunidades de controlar e influenciar os processos em todas as suas



Local da publicação  
Público, secção “Sociedade”

Produtor textual  
Jornalista (não especialista no assunto sobre o qual escreve)

Intenção comunicativa  
- Divulgar o relatório da auditoria do Tribunal de Contas ao Fundo Revita

Estrutura da notícia  
- Apresentação de uma listagem de conclusões seriadas e detalhadas apenas sobre aspetos que não funcionaram como deviam sobre o Fundo Revita, sempre acompanhados de exemplos  
- Apresentação da conclusão geral da auditoria  
- Justificação da dedução de acusação do Ministério Público contra 28 arguidos  
- Destaque de duas recomendações da auditoria

↓  
Seleção de aspetos do relatório da auditoria em função do objetivo principal desta notícia: listar alguns aspetos (mais sensacionalistas) que não funcionaram no Fundo Revita e que despertariam a atenção do público leitor

fases, neutralizando a colegialidade e os controlos previstos”.

“Devia ter havido mais segregação de funções”, defende o TdC. O facto de isso não ter acontecido levou a que acontecessem situações como as que envolveram denúncias chegadas ao Revita e que o documento descreve: “[Tanto] os membros da comissão técnica como os do conselho de gestão do fundo validaram e aprovaram os apoios e os pagamentos, mesmo em casos duvidosos, essencialmente por terem confiado ou terem sido convencidos pelos representantes das autarquias respectivas que as obras diziam respeito a habitações permanentes.”

O que nos leva a outra conclusão da auditoria, que refere que “os mecanismos de prevenção de fraude e corrupção não foram eficazes”. O TdC considera, depois de analisado o processo e exercido o contraditório, que “não foram antecipados os riscos de comportamento não ético ou de fraude e corrupção nos processos de concessão da ajuda; não foram dadas orientações específicas sobre os comportamentos a evitar; os controlos aplicados não foram inteiramente adequados; não houve controlo sobre eventuais conflitos de interesses; a transparência não foi suficiente; e nenhuma entidade implementou activamente mecanismos de recepção de denúncias”.

### Há 815 mil euros por aplicar

Em tom que aparenta ser crítico, o TdC refere: “A conclusão geral é a de que nem foram antecipados os riscos nem foram aplicados mecanismos suficientes para os reduzir, ou seja, que os eventuais desvios éticos na execução da ajuda e as consequentes irregularidades podiam ter sido melhor prevenidos, designadamente nas fases de definição e verificação dos critérios de concessão dos apoios.”

O Ministério Público de Coimbra anunciou no início deste mês que deduziu acusação contra 28 arguidos no âmbito do inquérito que investiga alegadas irregularidades no processo de reconstrução das casas afectadas pelo incêndio de Pedrógão Grande. Entre os arguidos está o presidente da Câmara de Pedrógão Grande, Valdemar Alves, acusado de 20 crimes de prevaricação de titular de cargo político, 20 de falsificação de documentos e 20 de burla, cinco dos quais na forma tentada. Por causa deste processo em curso, há 15 casas que iriam beneficiar do apoio do Revita e cuja intervenção está suspensa. Dos 7,3 milhões de euros que tinham integrado o fundo até Março deste ano, existem ainda 815 mil euros por aplicar, refere o TdC, apelando à sua utilização rápida.

A auditoria deixa ainda um conjunto de recomendações, nomeadamente, à Assembleia da República e ao Governo para que ponderem “um quadro legislativo global que regule a ajuda humanitária e solidária” e, ao último, para que promova “a definição de um sistema coordenado de planeamento de auxílio à reconstrução e reabilitação na sequência de calamidades”.

Carvalho, Inês, in *Público*, 19/07/2019, p. 16

### Textos-fonte sintetizados<sup>37</sup>

- “Auditoria ao Fundo REVITA Reparação de danos causados pelos incêndios de 2017 (junho)– Relatório – Julho de 2019”

- “Regulamento do Funcionamento e Gestão do Fundo REVITA”

- Despacho de acusação do Ministério Público do Departamento de Investigação e Ação Penal de Coimbra contra 28 arguidos

### Marcas linguísticas da síntese

- Identificação explícita dos textos-fonte, com recurso a nomes próprios (substituídos repetições / reiteraões, sinónimos, anáforas nominais, pronominais e elipse) e verbos e de expressões que remetem para o relatório e para algumas das suas ideias

- Verbos introdutórios do relato do discurso, nomeadamente de verbos que indicam o ato de dizer (*verbos dicendi*)

- Presença subtil do sujeito de enunciação

- Aspas nas transcrições de excertos do relatório incluídas nas sínteses (contribuem para destacar as conclusões negativas seleccionadas, (demarcando-se a jornalista da sua autoria) e para conferir veracidade ao texto

<sup>37</sup> Do confronto do relatório da auditoria com a síntese de alguns dos seus aspetos constantes nesta notícia do *Público*, verificaram-se as seguintes situações: três casos em que as transcrições desrespeitam o texto-fonte: inclusão de outras palavras que não constam no texto-origem; início das aspas no lugar errado do constituinte frásico e truncação da frase transcrita sem qualquer indicação gráfica. Também a citação do regulamento do *Revita* desrespeita o texto-fonte pela introdução de outras palavras.



## EXEMPLO DE SÍNTESE ENQUANTO GÉNERO ESCOLAR

### Etapa 1: Compreensão do texto-fonte (260 palavras)

#### Identificação/seleção:

- das ideias-chave do texto;
- das palavras que constituem a **rede lexical** do tema;
- dos **marcadores** que estabelecem conexões entre os enunciados.

O povoamento dos Açores, iniciado ainda no segundo quartel do século XV, prende-se com os mesmos desígnios socioeconómicos e geopolíticos da expansão ultramarina, que motivaram a descoberta do arquipélago. De facto, após a conquista de Ceuta em 1415, a ocupação de Marrocos agrava irremediavelmente as carências cerealíferas de Portugal, vindo as ilhas açorianas a transformar-se no principal celeiro do Reino e das praças do Norte de África. Do mesmo modo, a contínua exploração da costa ocidental africana impõe a navegação pelo mar alto, que sobrevaloriza o posicionamento geográfico dos Açores no Atlântico. Por último, na segunda metade da centúria<sup>1</sup> de Quatrocentos, as suspeitas da existência de terras a ocidente dos Açores e a possibilidade aventada<sup>2</sup> por muitos estudiosos de se atingir a Índia navegando na mesma direção contribuem também para uma ocupação mais efetiva de todas as ilhas.

A história das primitivas orgânica administrativa e exploração económica do arquipélago dos Açores ressen-te-se, entretanto, da escassez de documentação inovadora. Por isso, encontramos-nos cingidos a alguns diplomas régios já divulgados e às informações de vários cronistas nacionais e estrangeiros dos séculos XV e XVI que, embora contemporâneos dos grandes empreendimentos marítimos de Portugal, chegam a veicular notícias díspares. Todavia, presume-se que a ocupação das ilhas enfrentou inúmeras dificuldades, que originaram um povoamento demasiado moroso e descontínuo. A comprová-lo, relembre-se a súplica de um degredado perpétuo "nas ilhas de S. Miguel" que, em 1453, roga a D. Afonso V a sua transferência, sem comutação de pena, para a cidade de Ceuta "... pois as ditas ilhas não eram tais para nelas homens poderem viver".

Avelino Freitas de Menezes, "Povoamento e Administração", in *Oceanos*, n.º 1, junho de 1989

1. século. 2. sugerida.

#### Tópicos

- Origem do povoamento dos Açores: século XV.
- Desígnios da expansão ultramarina:
  - fonte de abastecimento de cereais face às carências sentidas na época;
  - importância do posicionamento das ilhas do Atlântico.
- Dificuldade em estabelecer a história do povoamento por escassez de documentação.
- Povoamento dos Açores: moroso e descontínuo.

Preparação para o Exame Final Nacional. Português 12.º Ano.  
Porto: Porto Editora, p. 55-6 (adaptado)

### Etapa 2: Redação (80-100 palavras)

#### Síntese

Segundo Avelino Menezes, o povoamento dos Açores foi um processo moroso e descontínuo. Iniciado no século XV, relaciona-se com os desígnios da expansão, já que aquele se torna uma fonte de abastecimento de cereais face às carências sentidas na época e, devido à sua localização estratégica, facilita a exploração da costa africana, o caminho para a Índia e a descoberta de terras a ocidente destas ilhas.

Menezes considera que é difícil estabelecer a história do povoamento do arquipélago, devido à escassez e à pouca fidedignidade da documentação disponível (diplomas régios e relatos dos cronistas coevos).

(99 palavras)

Preparação para o Exame Final Nacional. Português 12.º Ano.  
Porto, Porto Editora, 2018, p. 55-6 (adaptado)

#### Marcas da síntese

- Apresentação de **informação** objetiva, relevante e segundo o grau de importância que o autor lhe confere
- Referência à **opinião do autor do texto-fonte**
- Ausência das marcas do autor da síntese
- Os tópicos selecionados na leitura: plano da síntese a escrever
- Desrespeito do plano do texto-fonte
- Apresentação de um **discurso** conciso, com **construções mais económicas**
- Recurso à **elipse, pronominalização** (coesão referencial) à **repetição** e ao **hiperónimo / hipónimo** (coesão lexical), e a **conectores** (coesão interfrásica)
- Supressão dos marcadores discursivos do texto-fonte

## PERCURSOS DIDÁTICOS (ENSINO SECUNDÁRIO)

### Compreensão de artigo científico e de síntese aí incluída<sup>38</sup>

1. Os alunos são divididos em grupos de quatro elementos, que leem silenciosamente as páginas 1 e 2 do artigo científico “O impacto do telemóvel na sociedade contemporânea: panorama de investigação em Ciências Sociais”, de Patrícia Dias (publicado na revista *Comunicação & Cultura*, n.º 3, 2007, nas páginas 77 a 96, disponível também em [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10379/1/03\\_04\\_Patricia\\_Dias.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10379/1/03_04_Patricia_Dias.pdf), consultado em 31/07/2019).
2. Em diálogo com o professor, os alunos são orientados quanto à organização e estrutura deste texto, atividade essencial para para a aplicação dos conhecimentos adquiridos sobre o género a uma nova situação.
3. Em seguida, cada grupo preenche uma grelha a partir da informação recolhida no tópico 2 (“A conectividade social: comunicar mais com as mesmas pessoas”) do referido artigo científico, de modo a conhecer as características do género incluído *síntese*.

#### Grelha de análise de artigo científico

		Artigo científico	
Texto-fonte	Identificação / Referências bibliográficas		
	Informação(ões) selecionada(s)		
	Objetivos da presença de textos-fonte		
	Marcas linguísticas	Verbos introdutórios do relato do discurso	
		Transcrições	
		Parênteses explicativos ou justificativos	
Novo texto	Produtor textual (papel social)		
	Suporte e meio de circulação		
	Atividade em que se insere		
	Objetivo do novo texto		
	Tema		
	Plano do novo texto		
	Marcas linguísticas	Mecanismos de coesão	lexical
			referencial
			interfrásica
		Expressões com valor	epistémico
			apreciativo
Pessoa gramatical			
Tempo(s) verbal(ais) e respetivos valores			
Deícticos			

<sup>38</sup> A proposta de percurso didático que agora se apresenta implica que o aluno deste nível de ensino já domine as características específicas dos géneros textuais *artigo científico*, *artigo de divulgação científica* e *texto de opinião*.

7. Os grupos partilham o resultado do seu trabalho com os colegas, fundamentando as suas respostas.
8. Pela pertinência temática e relevância na formação para a cidadania, os alunos avançam para a leitura do tópico 8 do referido artigo científico (“A dependência: a imprescindibilidade do telemóvel no quotidiano”), a partir do qual trocam impressões orais.

## Compreensão de síntese incluída em artigo de divulgação científica

1. A propósito da dependência do ser humano em relação ao telemóvel, os alunos leem, ainda, um excerto do artigo de divulgação científica “Como o cérebro consegue combater os vícios”, retirado da edição de setembro de 2017 da revista *National Geographic Portugal* (disponível em <https://nationalgeographic.sapo.pt/ciencia/grandes-reportagens/1555-como-o-cerebro-consegue-combater-os-vicios>, consultado em 31/07/2019), depois da orientação do professor quanto à temática, estrutura e organização deste artigo.
2. Posteriormente, os alunos preenchem uma grelha de análise comparativa entre a síntese incluída em artigo de divulgação científica e a respetiva fonte.

**Grelha de análise de artigo de divulgação científica<sup>39</sup>**

			Artigo de divulgação científica	
Texto-fonte	Identificação / Referências bibliográficas			
	Informação(ões) selecionada(s)			
	Objetivos da presença de textos-fonte			
	Marcas linguísticas	Verbos introdutórios do relato do discurso		
Transcrições				
Parênteses explicativos ou justificativos				
Novo texto	Produtor textual (papel social)			
	Suporte e meio de circulação			
	Atividade em que se insere			
	Objetivo do novo texto			
	Tema			
	Plano do novo texto			
	Marcas linguísticas	Mecanismos de coesão	lexical	
			referencial	
			interfrásica	
		Expressões com valor	epistémico	
			apreciativo	
		Pessoa gramatical		
Tempo(s) verbal(ais) e respetivos valores				
Deícticos				

<sup>39</sup> Poder-se-á optar por uma grelha única, que integre a análise da síntese em ambos os géneros (artigo científico e artigo de divulgação científica).



3. Os grupos partilham o resultado do seu trabalho com os colegas, fundamentando as suas respostas.
4. As marcas específicas do género incluído *síntese* são sistematizadas e registadas sob a orientação do professor.

## Produção escrita de uma síntese enquanto género incluído

1. Posteriormente, e respeitando os grupos já constituídos, alguns alunos leem um de dois artigos de opinião:

- “Ler a *Guerra e Paz* num ecrã de telemóvel”, de José Pacheco Pereira, publicado no jornal *Público*, na página 8 da sua edição de 27 de julho de 2019 (disponível também em <https://www.publico.pt/2019/07/27/cultura/ipsilon/opiniao/ler-guerra-paz-ecra-telemovel-1881428>, consultado em 31/07/2019);
- o “O livro é na escola: leitura e escrita no reino digital”, de António Carlos Cortez, publicado no jornal *Público*, na página 30 da edição de 24 de julho de 2019 (disponível também em [www.publico.pt/2019/07/24/sociedade/opiniao/livro-escola-leitura-escrita-reino-digital-1878973](http://www.publico.pt/2019/07/24/sociedade/opiniao/livro-escola-leitura-escrita-reino-digital-1878973), acesso em 31/07/2019).

2. Com base nessa leitura, os alunos preencherão a grelha de análise de dois artigos de opinião.

### Grelha de análise comparativa de dois artigos de opinião

		Artigo de opinião de José Pacheco Pereira	Artigo de opinião de António Carlos Cortez	
Produtor textual (papel social)				
Objetivo do texto				
Tema				
Plano do texto				
Marcas linguísticas	Pessoa(s) gramatical(ais)			
	Tempo(s) verbal(ais)			
	Conectores que introduzem	partes do texto		
		argumentos		
		contra-argumentos		
	Expresões com valor	exemplos		
epistémico				
	deontico			

3. Os grupos partilham o resultado do seu trabalho com os colegas, fundamentando as suas respostas.
4. Finalmente, o professor solicita a cada grupo de alunos a produção de uma síntese do seu artigo de opinião, sustentados na referida grelha. Cabe a cada grupo:
  - selecionar a informação que considerar pertinente para o desenvolvimento da temática ou problemática escolhida para a sua síntese;
  - elaborar o plano da síntese escrita;
  - redigir o texto, revendo-o sempre que necessário;
  - avaliar a síntese produzida quanto ao cumprimento das características específicas da síntese enquanto género incluído.

### Produção escrita de uma síntese enquanto género escolar

1. Posteriormente, e respeitando os grupos já constituídos, os alunos leem o artigo de opinião de José Pacheco Pereira, intitulado “Ler a *Guerra e Paz* num ecrã de telemóvel”, publicado no jornal *Público*, na página 8 da sua edição de 27 de julho de 2019 (disponível também em <https://www.publico.pt/2019/07/27/culturaipsilon/opiniao/ler-guerra-paz-ecra-telemovel-1881428>, acesso em 31/07/2019).
2. Com base nessa leitura, os alunos preencherão a grelha de análise de um artigo de opinião.
3. Os grupos partilham o resultado do seu trabalho com os colegas, fundamentando as suas respostas.
4. Finalmente, o professor solicita a cada grupo de alunos a produção de uma síntese do seu artigo de opinião, sustentados nos dados constantes na referida grelha. Cabe a cada grupo selecionar a informação que considerar pertinente para o desenvolvimento da temática ou problemática escolhida. Em seguida, elaboraram o plano da síntese escrita e redigem o texto, revendo-o sempre que necessário.
5. Terminada a produção escrita, os alunos preenchem uma grelha que os há de orientar na avaliação do seu texto quanto ao cumprimento das características específicas da síntese enquanto género escolar. De facto, e sob a orientação do professor, concluem que a síntese escrita produzida se afasta das sínteses dos textos anteriores porque se trata, agora, de uma síntese enquanto género escolar cujas características específicas serão, neste momento, sistematizadas pelo professor, em colaboração com os seus alunos, num guião a ser utilizado posteriormente, em momentos de produção de sínteses (enquanto género escolar).

## Guião de produção de uma síntese enquanto género escolar

		O nosso texto	
<b>Texto-fonte</b>	Identificação / Referências bibliográficas		
	Informação(ões) selecionada(s)		
	Objetivos da presença de texto-fonte		
	Marcas linguísticas	Verbos introdutores do relato do discurso	
Transcrições			
Parênteses explicativos ou justificativos			
<b>Novo texto</b>	Produtor textual (papel social)		
	Suporte e meio de circulação		
	Atividade em que se insere		
	Objetivo do novo texto		
	Tema		
	Plano do novo texto		
	Marcas linguísticas	Mecanismos de coesão	lexical
			referencial
			interfrásica
	Marcas linguísticas	Expressões com valor	epistémico
			apreciativo
	Pessoa gramatical		
	Tempo(s) verbal(ais) e respetivos valores		
	Deíticos		

# RESUMO

NOÉMIA JORGE & ANTÓNIA COUTINHO<sup>40</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>41</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

O resumo é um género de texto que, tal como a síntese, é produzido em várias atividades sociais, nomeadamente a jornalística, a académica e a escolar.

Em termos gerais, o resumo consiste na versão condensada, mas fiel, de um texto-fonte, dando conta do seu plano, terminologia nova e informação significativa; consequentemente, recorre a procedimentos de exposição e condensação, suprimindo redundâncias e exemplificações.

Assim, é frequente ver resumos em textos produzidos no âmbito das práticas editoriais (**ex.:** resumo de livro ou filme, incluído em contracapas ou catálogos), jornalísticas (**ex.:** resumos incluídos em críticas de livros ou filmes) e académicas (**ex.:** resumos de artigos, teses, comunicações orais, também conhecidos por “abstracts”). Nestes casos, o texto resumido consiste na seleção de informação essencial de outro texto (texto-fonte), sendo essa seleção feita em função do objetivo do texto e do suporte / meio de comunicação, o que limita a dimensão e as características estruturais e linguísticas do resumo. A título de exemplo, refira-se que o resumo integrado na contracapa de um romance ou filme policial é um texto bastante curto, que consiste, *grosso modo*, no enquadramento da ação e na referência às peripécias iniciais, mas que não relata o desfecho da ação.

Enquanto género escolar<sup>42</sup>, o resumo tende a ser caracterizado como texto em que se condensa a informação essencial de um texto-fonte, mantendo o plano de texto e as coordenadas enunciativas do mesmo<sup>43</sup>, mas recorrendo a estruturas linguísticas originais.

---

<sup>40</sup> **Noémia Jorge** é professora adjunta convidada no Instituto Politécnico de Leiria (ESECS – Departamento de Línguas e Literaturas), professora no Colégio Verde Água (Maфра) e investigadora no CLUNL. **Antónia Coutinho** é professora associada na NOVA FCSH (Departamento de Linguística) e investigadora no CLUNL.

<sup>41</sup> **Referências bibliográficas:** Brassart, 1993; Coutinho, 2019 (no prelo); Dolz & Schneuwly, 2004; Grize, 1992; Jorge, 2008; Jorge (no prelo); Rastier, 2001; Rojo & Cordeiro, 2004; Schneuwly & Dolz, 1997; Vignaux, 1973.

<sup>42</sup> No sentido de géneros elaborados e sustentados pela própria instituição escolar, de acordo com Schneuwly & Dolz, 2004: 76-77).

<sup>43</sup> É aqui que reside a principal diferença entre o resumo e a síntese enquanto géneros escolares (já que o resumo visa a transmissão objetiva da informação essencial do texto-fonte, ao passo que a síntese implica a interpretação do que é dito, evidenciando as intenções do produtor do texto-fonte) – cf. Pires, neste volume.

## Caracterização: aspetos organizacionais

Nas práticas sociais, o resumo pode corresponder a um texto completo ou a um bloco textual, encaixado noutro texto (funcionando como *género incluído*). Embora a sua dimensão não seja fixa (já que difere de acordo com o objetivo com que o texto é produzido e com o meio / suporte de comunicação), o resumo tende a apresentar um plano de texto semelhante ao do texto fonte, a fim de transmitir, com fidelidade, a informação essencial do mesmo.

O resumo enquanto género escolar corresponde a um texto completo, em que se condensa a informação essencial do texto-fonte, recuperando-se o plano do texto e da hierarquia da informação do mesmo e mantendo-se entre um quarto e um terço da sua extensão.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

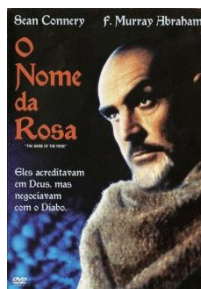
- Dado que consiste na condensação da informação essencial de um texto-fonte, ao nível do léxico, o resumo caracteriza-se pela manutenção da terminologia desse mesmo texto.
- Por se tratar de um texto original que condensa os aspetos essenciais de um outro texto, o resumo recorre a procedimentos que visam a contração e a generalização de informação, de que são exemplos a hiperonímia, a sinonímia, a pronominalização anafórica, a transformação de orações (substantivas, adjetivas e adverbiais) em sintagmas (nominais, adjetivais, preposicionais) equivalentes.
- Para manter o plano e a hierarquização da informação do texto-fonte, o resumo recorre a estruturadores da informação que evidenciam nexos, lógicos ou de outra natureza, considerados essenciais.
- Por visar a transmissão objetiva de informação, o resumo tende a ser redigido na terceira pessoa gramatical (sem marcas de 1.<sup>a</sup> pessoa, que denunciariam a implicação enunciativa do autor do resumo).
- Nos resumos, o tempo gramatical a utilizar é determinado pelo objetivo do texto: há resumos em que se privilegia o presente do indicativo (cf. resumos incluídos em contracapas, que recorrem ao presente narrativo para cativar o leitor); noutros mantém-se o tempo gramatical utilizado no texto-fonte (**ex.: resumos escolares**).
- Nas práticas sociais de referência (jornalísticas, editoriais, académicas), o resumo tende a apresentar marcas que assinalam a relação com o texto-fonte (**ex.: referência ao título ou ao autor do texto-fonte através de nomes próprios, nomes comuns ou retomas anafóricas**) e a refletir o estilo de escrita do autor do resumo (ao contrário do que acontece no resumo escolar).

## EXEMPLOS DE RESUMOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS

### Texto 1 – Resumo em cartaz de filme (atividade editorial)

#### O Nome da Rosa

Título original: *The Name of the Rose*  
De: Jean-Jacques Annaud  
Com: Christian Slater, Elya Baskin, F. Murray Abraham, Sean Connery  
Gênero: Drama, Policial  
Outros dados: ITA/FRA/ALE, 1986, Cores, 126 min.



Jean-Jacques Annaud, realizador de filmes tão conhecidos como *A Guerra do Fogo* (1981), *O Urso* (1988) ou *O Amante* (1991), adaptou ao cinema um dos maiores *best-sellers* dos anos 80. *O Nome da Rosa* de Umberto Eco é uma história de crime e mistério passada num mosteiro italiano no século XIV, em plena Idade Média. Depois da morte misteriosa de um jovem iluminista num mosteiro beneditino no norte de Itália, em que a vítima aparece com os dedos e a língua roxos, William de Baskerville (Sean Connery), um respeitado monge franciscano, é enviado para ajudar a determinar a causa da morte. Os monges estão convencidos de que se aproxima o apocalipse. A medida que a investigação avança vão ocorrendo mais mortes. William e o seu ajudante novico Adso de Melk (Christian Slater) apercebem-se que a chave do mistério se encontra na imensa e fabulosa biblioteca do mosteiro, cujo acesso lhes é vedado. Jean-Jacques Annaud ganhou o César de melhor filme estrangeiro de 1987.

PÚBLICO.PT, [https://cincartaz.publico.pt/Filme/39536\\_o-nome-da-rosa](https://cincartaz.publico.pt/Filme/39536_o-nome-da-rosa)  
(consultado em 19/08/2019)

#### Resumo como gênero incluído em cartaz de filme

- Referência ao texto-fonte ("*O Nome da Rosa*" de Umberto Eco")

- Enquadramento  
- Referência às peripécias iniciais  
(- Sem referência ao desfecho da ação)

#### Marcas linguísticas

- 3.ª pessoa gramatical (sem marcas de 1.ª pessoa)  
- Presente narrativo  
- Estruturadores da informação, com valor temporal



**Objetivo:** apresentar o filme

### Texto 2 – Resumo em texto de opinião (atividade jornalística)

#### O bibliotecário e o Nome da Rosa

20/2/2016

O primeiro e mais célebre romance de Umberto Eco é o resultado de todas as suas grandes paixões juntas numa história de mistério e linguagem.

*O Nome da Rosa* tinha de acontecer. Era uma questão de tempo. O primeiro romance de Umberto Eco reúne todos os temas que trabalhava há muito – mais do que isso, juntava as suas maiores paixões. A semiótica e a história medieval, a religião e a Europa, os símbolos, a lógica e a Academia mas também os comuns mortais, os leigos de conhecimento e a cultura de massas, juntamente com a Arte e a eterna discussão entre o que é e o que não é belo. [...]

Acontece tudo num mosteiro beneditino, no Norte da Itália. Há um assassino que ameaça os monges e é o frade William of Baskerville que chega, acompanhado do seu fiel seguidor Adso, e acaba por investigar a ocorrência. Começa com a tal suspeita de que um dos monges se atirou de uma torre mas as pistas não dizem isso ao sábio franciscano que por ali passa com uma missão com o carimbo do Papa. E à medida que vai querendo saber mais também vai presenciando a morte de mais uns quantos fiéis religiosos. Há uma biblioteca que guarda os segredos dos acontecimentos, livros e iluminuras que escondem respostas difíceis de descobrir à primeira e à segunda. Mas William of Baskerville parece empurrado por uma sabedoria que, apesar das vestes, tem

#### Resumo como gênero incluído em texto de opinião

- Enquadramento  
- Referência às peripécias iniciais  
(- Sem referência ao desfecho da ação)

#### Marcas linguísticas

- 3.ª pessoa gramatical (sem marcas de 1.ª pessoa)  
- Presente narrativo  
- Estruturadores da informação, com valor temporal e de contraste  
- Recursos expressivos (construções perifrásticas) – cf. estilo do autor

pouco de divina ou sobrenatural. É o homem esforçado a fazer uso da dúvida constante e isso é fascinante. Mais ainda é vermos continuamente a figura do autor na personagem principal. Mesmo que Sean Connery tenha brilhado quando Jean-Jacques Annaud fez uma certa adaptação ao cinema, faz em Setembro 30 anos.

PEREIRA, Tiago, <https://observador.pt/2016/02/20/bibliotecario-nome-da-rosa/>  
(consultado em 19/08/2019)

↓  
**Objetivo:** apresentar enredo, para poder opinar sobre o filme

## EXEMPLO DE RESUMO ENQUANTO GÉNERO ESCOLAR

### Texto-fonte

Dia a dia, milhares de quilos de papel, por vezes ainda a cheirar a tinta, desaparecem das mãos dos ardinhas, fazem baixar os montes nos quiosques. Uma sede de informação penetrou as pessoas que encontram nos jornais um mediador para as satisfazer.

Na monotonia do quotidiano que se repete, há quem os leia no intervalo apressado proporcionado por uma viagem de autocarro, no café, antes de entrar para o trabalho, em período de lazer, no espaço recatado da casa de cada um. Lêem e devoram informação sobre o joelho, palavras, números, gravuras.

Luísa Bessa (adaptação)

COBRADO, José (2002). *Resumo de texto – Ensino Secundário*. Porto: ASA, p. 14 (com supressões)

### Seleção de informação

**Dia a dia**, milhares de **quilos de papel**, por vezes ainda a cheirar a tinta, **desaparecem das mãos dos ardinhas**, fazem baixar os montes nos quiosques. **Uma sede de informação penetrou as pessoas que encontram nos jornais um mediador para as satisfazer.**

Na monotonia do quotidiano que se repete, **há quem os leia no intervalo** apressado **proporcionado por uma viagem** de autocarro, **no café**, **antes de entrar para o trabalho**, **em período de lazer**, **no espaço** recatado **da casa de cada um**. Lêem e **devoram informação** sobre o joelho, **palavras, números, gravuras.**

*Ibidem*, p. 17

### Resumo de texto

Vendem-se **diariamente** milhares de **jornais**: estar-se informado é a obsessão de **um público** que neles se satisfaz.

Por isso, **lê-se avidamente** quanto neles se **escreve**, sempre que possível, e **nas mais diversas circunstâncias.**

*Ibidem*, p. 22

### Resumo de texto

- Manutenção do plano do texto-fonte, da informação essencial e da hierarquia entre a mesma
- Manutenção da pessoa gramatical (3.ª) e do tempo verbal (presente) do texto-fonte
- Generalização de informação (sinonímia, pronominalização anafórica, hiperonímia)



## PERCURSOS DIDÁTICOS

### Identificação de regularidades em resumos de livros (Ensino Básico)

1. Em pares ou pequenos grupos, os alunos leem resumos de narrativas indicadas no Plano Nacional de Leitura<sup>44</sup>.

1  
O inspetor Max vai ser decisivo para a prisão de uma quadrilha que pretende fazer explodir uma bomba num concerto musical, localizando o esconderijo do engenho e impedindo que os cabecilhas fujam.

2  
Um rapaz à procura de emprego encontra-o na quinta de um homem rico com um negócio incompreensível e três netos, que têm tanto de encantador como de assustador. O mistério sobre aquela família adensa-se.

3  
Edmond Dantes, marinheiro, devido a uma conspiração é preso no Castelo de If, em Marselha. Consegue fugir da prisão, ao fim de 14 anos e encontra um tesouro escondido, num local que lhe fora revelado por um companheiro de prisão. Repentinamente rico, vai utilizar este dinheiro para tecer uma incrível e terrível vingança sobre as três pessoas que o denunciaram.

4  
O “Nautilus” é um submarino, que se move com eletricidade, comandado pelo Capitão Nemo. Perante os problemas surgidos com outras embarcações e confundido com um monstro marinho é alvo de perseguição. Ao longo de muitos quilómetros (20000 léguas submarinas), as peripécias vão surgindo e as maravilhas e os segredos do fundo do mar relatados.

5  
O jovem Jim Hawkins, um rapaz corajoso que ajuda a mãe na estalagem Almirante Benbow, decide partir com um grupo de adultos na nau Hispania em busca de um tesouro, enterrado pelo terrível capitão Flint, numa ilha distante. As aventuras vividas que ele nos narra e os perigos que teve de superar não impedem um regresso feliz à sua terra.

6  
Para ganhar uma aposta, Mr. Fogg vai dar a volta ao mundo em oitenta dias, acompanhado do seu criado Passepartout. Recorrendo aos mais diversos e inesperados meios de transporte, vive aventuras incríveis e acaba por atingir o seu objetivo.

2. Com base nos resumos, os alunos identificam os títulos das obras em causa, explicando os indícios presentes nos resumos que justificam as opções tomadas.

<i>Alerta no megaconcerto</i>	<i>A volta ao mundo em 80 dias</i>
<i>A Ilha do Tesouro</i>	<i>O Conde de Monte Cristo</i>
<i>As três vidas</i>	<i>Vinte mil léguas submarinas</i>

3. Coletivamente, com apoio de grelha de análise, os alunos identificam as regularidades dos resumos lidos (página seguinte).

4. Os alunos refletem sobre os dados obtidos, debatendo as questões:

- Por que razão os resumos não fazem referência ao desfecho da ação?
- Por que motivo se recorre ao presente do indicativo em todos os resumos?
- Por que razão não haverá marcas de 1.<sup>a</sup> pessoa nos resumos?

<sup>44</sup> Os resumos são da responsabilidade do Plano Nacional de Leitura 2027 e encontram-se disponíveis em [http://www.pnl2027.gov.pt/np4/livrospln?cat\\_livrospln=catalogo\\_blx](http://www.pnl2027.gov.pt/np4/livrospln?cat_livrospln=catalogo_blx) (consultado em 19/08/2019, adaptado).

### Grelha de análise comparativa de resumos

		1	2	3	4	5	6
<b>Objetivo</b>	Com que intenção o resumo foi escrito?						
<b>Plano de texto</b>	O resumo contém um enquadramento da obra resumida? Se sim, sublinha-o a cor verde.						
	O resumo faz referência às peripécias da narrativa resumida? Se sim, sublinha essas partes a cor azul.						
	O resumo faz referência ao desfecho da ação? Se sim, sublinha-o a cor vermelha.						
<b>Marcas linguísticas</b>	Qual é o tempo gramatical mais utilizado?						
	Qual é a pessoa gramatical mais utilizada?						

### Produção de resumos a incluir no catálogo da biblioteca da escola (Ensino Básico e Secundário)

1. Individualmente, os alunos constroem resumos originais dos livros lidos, a integrar no catálogo da biblioteca da escola. Como forma de motivação e de respeito relativamente à criação intelectual, os autores dos resumos deverão ser identificados.

Poderá seguir-se a estrutura proposta no catálogo do Plano Nacional de Leitura.

#### Vinte mil léguas submarinas

AUTOR(ES): Verne, Jules, 1828-1905; Neuville, Alphonse de, 1836-1885, il.;

Oliveira, Carlos Correia de, trad.

PUBLICACAO: Lisboa : Relógio D'Água, cop. 2017

DESCR. FISICA: 505, [10] p. : il

COLECAO: Clássicos

NOTAS: Tit. orig.: *Vingt mille lieues sous les mers*

#### RESUMO:

O "Nautilus" é um submarino, que se move com eletricidade, comandado pelo Capitão Nemo. Perante os problemas surgidos com outras embarcações e confundido com um monstro marinho é alvo de perseguição. Ao longo de muitos quilómetros (20000 léguas submarinas), as peripécias vão surgindo e as maravilhas e os segredos do fundo do mar relatados.

[Resumo da responsabilidade do Plano Nacional de Leitura 2027]

<http://catalogolx.cmlisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=&profile=pnl2027&source=-!rbml&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024-!451609-!34&ri=16&aspect=subtab11&res=298&menu=search&ipp=1&spp=1&staffonly=&term=aventura&index=.GW&uindex=&menu=search&ri=16> [consultado em 19/08/2019]

# COMENTÁRIO

TERESA PALMA<sup>45</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>46</sup>

A noção de comentário é bastante abrangente, podendo cruzar-se com a de outros géneros textuais, como são exemplos o texto de opinião ou a crónica. O comentário é tradicionalmente associado ao comentário de texto literário em contexto escolar, resultando num exercício metatextual. É fruto de diferentes contextos de produção (desportivo, político, jurídico, etc.), podendo tratar-se de textos orais ou escritos que circulam em diversos meios, sendo mais comum no meio jornalístico ou nas redes sociais – onde, por vezes, surge com a etiqueta autorreferencial de *comentário*.<sup>47</sup> São exemplos de produtores de texto o jornalista, o utilizador das redes sociais ou um especialista numa dada matéria alvo de comentário.<sup>48</sup>

Consequentemente, e dadas as suas especificidades, que dependem do contexto de produção e do produtor, poderão considerar-se vários subgéneros dentro do género comentário (**ex.:** [comentário político](#), [comentário de texto](#)).

As temáticas abordadas nos comentários prendem-se, essencialmente, com desporto, política, economia, educação, entre outros. Para além disso, apesar de partirem da análise de um texto-fonte ou de um determinado acontecimento, os comentários pressupõem sempre uma marca de originalidade por parte do produtor.

## Caracterização: aspetos organizacionais

Precisamente por ser um género de difícil delimitação, relativamente a géneros como a crónica, o texto de opinião, a apreciação crítica, a síntese, as memórias ou o ensaio, pode apresentar-se como um bloco de texto, ainda que com marcas linguísticas específicas, que é parte integrante do plano de outros géneros textuais. Embora o comentário assuma características particulares por ser fruto de contextos heterogé-

---

<sup>45</sup> **Teresa Palma** é professora bibliotecária no Colégio do Sagrado Coração de Maria – Lisboa.

<sup>46</sup> **Referências bibliográficas:** Coutinho, 2015; Coutinho, 2019 (no prelo); Fidalgo, 2017; Jorge & Ribeiros, 2013; Martins, 2007; Miranda, 2007; Palma, 2017; Prada, 2004; Segate, 2010.

<sup>47</sup> O comentário nem sempre surge acompanhado de etiqueta autorreferencial, nomeadamente quando é parte integrante do plano de outros géneros textuais.

<sup>48</sup> De facto, na atualidade, o género comentário está associado a diversas práticas sociais que extrapolam o tradicional contexto escolar, onde este género tem sido didatizado.

neos e produtores distintos, podendo mesmo falar-se em diferentes géneros, é possível encontrar traços comuns. É frequente o produtor construir o seu discurso (ou metadiscurso) a partir de um texto-fonte ou de um acontecimento vivido ou observado, que é analisado, e expressar o seu ponto de vista sobre a matéria em causa, verificando-se assim o predomínio das estruturas expositivas e argumentativas.

### Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Os comentários são textos subjetivos e valorativos, em que são expressos juízos de valor e considerações pessoais. Assim, verifica-se o carácter autoral através do uso de deícticos pessoais (1.<sup>a</sup> pessoa do singular) e da marcação de pontos de vista, o que revela implicação do produtor (comentar implicado) – características próprias do discurso expositivo implicado. Ocorrem também casos em que é utilizada a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural com valor genérico (**ex.** *assistimos, devemos*).
- Observam-se ainda casos em que ocorre o apagamento do sujeito enunciador (comentar não implicado), não havendo, portanto, a utilização de deícticos pessoais.
- Por versarem temas da atualidade, os comentários são marcados pelo uso de tempos verbais deícticos (presente, pretérito perfeito composto e futuro). Pode registar-se também o uso do presente com valor gnómico (**ex.** *tem-se, espere-se*). É comum também a utilização de deícticos temporais (**ex.** *hoje em dia, há uns anos*).
- A expressão da opinião assume um papel central nos comentários. Nesse sentido são frequentes:
  - frases exclamativas, imperativas e interrogativas;
  - expressões com valor apreciativo (**ex.** *felizmente, desagrada-me, satisfaz-me*), epistémico (**ex.** *é possível, parece-me, claro*) e deontico (**ex.** *podemos, não devemos*);
  - adjetivos com valor afetivo (**ex.** *bom, mau, medíocre, interessante, preocupante*);
  - figuras de retórica (**ex.** *ironia, personificação, metáfora, hipérbole, adjetivação*).
- A escolha lexical prende-se com o tema alvo de comentário.
- É recorrente a utilização de marcadores discursivos estruturadores de informação com função de ordenação (**ex.** *primeiramente, em segundo lugar, por outro lado*), conectores (**ex.** *ainda por cima, portanto, mas, contudo*), reformuladores (**ex.** *ou seja, melhor dizendo*) e operadores discursivos (**ex.** *de facto, na realidade, por exemplo*).
- No comentário oral, é comum o recurso a interjeições (**ex.** *ah!, ui!, oxalá!*).

## EXEMPLOS DE COMENTÁRIOS

### Texto A – Comentário escrito

#### O sol, a água e o vento não fazem greve



Lídia Pereira,  
eurodeputada  
do PSD

Os problemas associados à greve e o caos a que esta **pode votar** o país por tempo indeterminado (e de frequência imprevisível), **devem fazer-nos** refletir sobre a **nossa** dependência diária de combustíveis.

Num verão ainda **tímido**, **assistimos** à revolta e à greve dos motoristas de matérias perigosas. **É** a segunda **este ano**. Numa situação **normal** de negociação entre sindicatos e empresários, com ou sem greve, **çabê** aos representantes de ambos chegarem a acordo. Nesta situação em particular, **depois de** o Governo ter aberto um precedente, e **erradamente ter-se intrometido** na negociação de abril, **é natural que** muitos portugueses **esperem** o mesmo desta vez. E esse **é** um problema **para o futuro**.

Numa perspetiva **distinta**, os problemas associados à greve e o caos a que esta **pode votar** o país por tempo indeterminado, **devem fazer-nos refletir** sobre a **nossa** dependência diária de combustíveis fósseis e **levar-nos** a exigir uma **verdadeira** transição energética.

Nos últimos meses **tem-se falado**, em crescendo, sobre o ambiente e as alterações climáticas. **Hoje assistimos** a marchas pelo clima lideradas pelos mais jovens, pela geração que, **previsivelmente**, mais **irá ser afetada** pelos desequilíbrios ambientais. Carlos Pimenta, uma das referências políticas na matéria, disse que “a luta pelo ambiente **é** uma das formas mais **nobres** de luta pela cidadania”. Guerrilhas políticas à parte, **devemos ter** a ambição de **nos sentarmos todos** à mesa e discutir o ambiente, **porque** este **é** um assunto de todos; **é** garantir o futuro das **novas** gerações.

Ainda **precisamos** de combustíveis para a produção de energia que **permite** ter a funcionar hospitais, portos ou aeroportos. **Mas talvez seja importante** **perguntarmos** que tipo de investimento **tem sido feito** em matéria de infraestruturas, eficiência energética em edifícios e transportes, e qual **tem sido** a evolução da fiscalidade verde.

**O sol, água e o vento não fazem greve**, e a transição energética **exige** uma visão **holística**, que **convoque** todos os agentes da nossa sociedade. Numa Europa líder no combate às alterações climáticas, Portugal **já é** um dos campeões na energia eólica. As condições naturais que **possuímos** (também como país mais **soalheiro** da Europa) perante este **grande** desafio da transição energética, **obrigam-nos** a estar no pelotão da frente.

Pereira, Lídia, in *Observador*, 18/08/2019, disponível em <https://observador.pt/opiniao/o-sol-a-agua-e-o-vento-nao-fazem-greve/> [consultado a 14/08/2019, com supressões]

**Nota:** Dada a extensão do texto original, procedeu-se a uma seleção de alguns blocos considerados mais significativos do mesmo.

#### Produtor textual

Eurodeputada (especialista no assunto sobre o qual opina)

#### Estrutura do texto

- Apresentação do tema a analisar: greve dos transportadores de matérias perigosas e situação ambiental



- Contextualização da situação alvo de crítica  
- Fundamentação da crítica, recorrendo a argumentos e exemplos. → Marcação da posição do comentador  
- Conclusão: retoma do argumento inicial com reforço da crítica feita

#### Marcas linguísticas

- **Tempos verbais deíticos** (presente e pretérito mais-que-perfeito composto e futuro)  
- **Presente com valor gnómico**  
- **Deíticos pessoais** (1.<sup>a</sup> pessoa do plural)  
- **Deíticos temporais**  
- **Expressões com valor deóntico**  
- **Expressões com valor epistémico**  
- **Expressões com valor apreciativo**  
- **Adjetivos com valor afetivo**  
- **Linguagem irónica e metafórica**  
- **Conector com valor argumentativo** (“*porque*”) e **contrastivo** (“*Mas*”)

#### Local da publicação

*Jornal Observador*  
secção “Política”, separador “Greve”

## Texto B – Transcrição de partes de comentário oral

### Comentário Diário – 21082019



Bom dia. Edição do dia 21 de agosto do ano da graça de 2019. Estamos a falar de *A Cor do Dinheiro*, como já percebeu. [...]

**Bem... então, de facto, parece que estamos** finalmente com bons dias, não é? O que é que vamos ter hoje?! Vamos ter aqui uma salganhada brutal de histórias e de informação. [...]

**Vamos lá** com a edição de hoje, que é uma edição muitíssimo longa e com muitas matérias no período da ordem do dia. E como percebeu ontem, houve matérias que transitaram de ontem para hoje. Vamos ver se conseguimos dar conta de tudo aquilo que temos em agenda.

**Primeiro ponto** no período da ordem do dia, o *Jornal de Notícias* diz hoje que falta contratar mil funcionários para o Ministério da Educação, “mil funcionários que ficarão adstritos às escolas e que são aqueles funcionários que fazem falta para que as escolas possam funcionar como deve de ser”.

**Bom, eu não sou bruxo**, não sou técnico do Ministério da Educação e, **portanto**, não sei se, **primeiro**, faltam funcionários, em **segundo lugar**, se existe um problema de racionalização de gestão e de meios no Estado e, **portanto**, não lhe posso garantir que as escolas precisam mesmo de mil funcionários. **Mas** quem disse que precisavam não fui eu, foi o Governo em fevereiro deste ano e que tinha prometido contratar estas pessoas até ao início do período das aulas. **Ora**, segundo a minha filha, as aulas dela estão por, mais ou menos, menos de um mês e ficamos a saber, pelo *Jornal de Notícias*, que estes mil funcionários nunca serão contratados antes de outubro.

**Espera aí...** quem é que planeou esta marmelada?! Fui eu?! Bom, eu não acredito que isto seja por causa das eleições – só em outubro, **porque** as eleições são a seis de outubro. **Mas**, quem é que planeou isto? Não foi você, não fui eu, foi o Governo. **Portanto**, das duas uma: ou alguém não sabe planear rigorosamente nada no Ministério da Educação, a começar pelo excelentíssimo senhor ministro (o que não me espanta nada, também é verdade!), ou então há aqui outra intenção, que foi alguém que correu a fazer promessas em fevereiro deste ano com um único fito, que é chegar às eleições (no run up das eleições), **ou seja**, na pré-campanha para as eleições, a dizer “vamos criar mais mil postos de trabalho no Estado”, sendo que a maior parte destas pessoas (ao que tudo indica), a serem contratadas, vão ser pessoas no grupo dos precários. **Bom, julgue você**.

Lourenço, Camilo, *A cor do dinheiro* [em linha], 21/08/2019, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NUEGcAVnwNE&t=895s> (consultado a 25 de agosto de 2019, com supressões)

#### Produtor textual

Jornalista económico, professor universitário, colunista e comentarista

#### Estrutura do texto

- Saudação ao interlocutor e contextualização
- Apresentação da matéria a analisar e comentar (crítica ao facto de o Governo pretender contratar funcionários para o Ministério da Educação, em período eleitoral)
- Análise e comentário (fundamentação da crítica, recorrendo a argumentos, exemplos e interrogações retóricas)
- Conclusão (reforço da crítica feita e apelo à reflexão do interlocutor)

#### Marcas linguísticas

- Tempos verbais deíticos (presente e pretérito mais-que-perfeito composto e futuro)
- Deíticos temporais
- Deíticos pessoais que remetem para o enunciador (nós / eu) e para o destinatário (você)
- Deíticos temporais
- Expressões com valor deóntico
- Expressões com valor epistémico
- Expressões com valor apreciativo
- Linguagem irónica e metafórica

#### Marcadores discursivos

- estruturadores da informação (“primeiro ponto”, “primeiro”, “em segundo lugar”)
- conectores discursivos (“mas”, “porque”, “portanto”)
- reformuladores (ou seja, ora, bom);
- operadores discursivos (“de facto”)
- marcadores conversacionais (“Vamos lá”, “Espera aí...”)

#### Local da publicação

Youtube, canal *A cor do dinheiro*



## Texto C - Comentário de texto literário

### Maria Campaniça

Debaixo do lenço azul com sua barra amarela  
os lindos olhos que tem!  
Mas o rosto macerado  
de andar na ceifa e na monda  
desde manhã ao sol-posto,  
mas o jeito  
das mãos torcendo o xaile nos dedos  
é de mágoa e abandono...  
Ai Maria Campaniça,  
levanta os olhos do chão  
que eu quero ver nascer o sol!

Manuel da Fonseca, *Obra Poética*, 7.ª ed., Caminho, 1974

### Comentário

Neste poema, o sujeito poético descreve Maria Campaniça, destacando os seus olhos, rosto e mãos. Os olhos, **apesar de "lindos"**, expressam tristeza e submissão; o rosto "**macerado**" revela tristeza e desgosto; as mãos, que torcem... "**o xaile nos dedos**", sugerem acanhamento.

A descrição é feita de forma bastante **emotiva** – o sujeito poético **começa por descrever** subjetivamente a beleza dos olhos (vv. 1-2) recorrendo **depois** a um tom **melancólico** (vv. 2-8) e **concluindo** o poema com um pedido **emocionado**, em que **revela** toda a sua empatia pela figura descrita vv. 9-10).

Com base nas características e no próprio apelido da figura retratada, pode inferir-se que Maria Campaniça pertence à classe trabalhadora nos latifúndios alentejanos. Ao descrevê-la, o sujeito poético denuncia a opressão e as condições de vida **deprimentes** a que os camponeses **pobres** se encontram sujeitos numa região caracterizada pelas condições climatéricas **adversas**.

Jorge, N. (2019). *Gramática – Português, 3.º Ciclo*.  
Porto: Porto Editora, p. 271

### TEXTO-FONTE

### COMENTÁRIO

#### Estrutura do texto

- Introdução (apresentação do texto alvo de comentário)
- Desenvolvimento / conclusão (análise do poema, acompanhada de observações subjetivas e valorativas)

#### Marcas linguísticas

- Presente com valor gnómico
- 3.ª pessoa do singular
- Deítico espacial
- **Adjetivos com valor afetivo**
- **Expressões com valor epistémico**
- Marcadores discursivos
  - estruturadores da informação ("começa por", "depois", "concluindo")
  - conectores discursivos ("apesar de")

#### Local da publicação

Gramática do Português, 3.º Ciclo



## PERCURSOS DIDÁTICOS

### Leitura e análise de comentários (Ensino Secundário)<sup>49</sup>

1. O professor divide a turma em três grandes grupos e distribui um texto (em suporte de papel) aos grupos. Cada grupo fica responsável pela leitura e análise de um comentário, a partir da tabela disponibilizada. O professor orienta o trabalho dos grupos, esclarecendo eventuais dúvidas e verificando o preenchimento das tabelas.

Grelha de análise comparativa

Parâmetros de análise		Texto A	Texto B	Texto C
Contexto de produção	Produtor (papel social)			
	Local de publicação			
	Suporte			
Objetivo do texto (função cultural, informativa, pedagógica, outra)				
Tema				
Estrutura do texto	Divisão em partes			
	Marcadores discursivos			
Marcas linguísticas	Léxico			
	Pessoas gramaticais predominantes			
	Tempos verbais predominantes			
	Deícticos			
	Palavras que expressam modalidades (epistémica, deôntica, apreciativa)			
	Recursos expressivos			

2. Concluído o preenchimento das tabelas, cada grupo apresenta oralmente o comentário analisado. Durante a apresentação, cada aluno deverá preencher os campos da tabela referentes aos textos apresentados pelos outros grupos.

<sup>49</sup> O percurso didático proposto pressupõe a análise prévia de textos (orais e escritos) do género em estudo e explicitação, por parte do professor, das suas características e marcas de linguagem.

## Oficina de escrita

1. O professor disponibiliza um conjunto de textos escritos e orais, imagens e vídeos.

### A) Texto de José Tolentino de Mendonça

#### A rotina não basta ao coração do homem

A rotina começa por ser um esforço de regularidade nos vários planos da existência, esforço que, temos de dizer, é em si positivo. A vida seria impossível se o eliminássemos de todo. As rotinas têm um efeito saudável: tornando o quotidiano um encadeado de situações expectáveis, permitem-nos habitar com confiança o tempo. Mas o que começa por ser bom esconde também um perigo. De repente, a rotina substitui-se à própria vida. Quando tudo se torna óbvio e regulado, deixa de haver lugar para a surpresa. Cada dia é simplesmente igual ao anterior. A nossa viagem passa para as mãos de um piloto automático, que só tem de aplicar, do modo mais maquinal que for capaz, as regras previamente estabelecidas. Os sentidos adormecem. Bem podem os dias ser novos a cada manhã ou o instante abrir-se como um limiar inédito, que nunca os cruzaremos assim. Os nossos olhos sonolentos veem tudo como repetido. E, sem nos darmos conta, acontece-nos o que o salmo bíblico descreve a propósito dos ídolos: “Têm boca, mas não falam; olhos têm, mas não veem./ Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram./ Têm mãos, mas não palpam» (Sl 115,5-7). Podemos equivocadamente pensar que nos é possível viver assim. Mas chega a estação, como recorda o livro do Eclesiastes, em que «a vista não se sacia com o que vê, nem o ouvido se contenta com o que ouve” (Ecl 1,8). A rotina não basta ao coração do homem.

Mendonça, José Tolentino (2014). “A rotina não basta ao coração do homem”, in *A Mística do Instante*. Lisboa: Paulinas

### B) Curta-metragem *Man*, de Steve Cutts



Cutts, Steve (2012). *Man*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdaICIU> (consultado em 05/09/2019)

### C) Incêndios na Amazônia



Fotografia da Agência Lusa, disponível em <https://agencia.ecclesia.pt/portal/amazonia-bispos-da-america-latina-pedem-intervencao-urgente-para-travar-catastrofe-com-proporcoes-planetarias/> (consultado em 05/09/2019)

### D) Opinião de Ruth Manus



#### Não adianta salvar o meio ambiente se você não souber tratar bem a sua avó

Teletransportados daquele “inútil” ambiente familiar para seus ricos núcleos (ou bolhas) de debates, terminam por ser um corpo presente na mesa e uma ausência gritante naquele raro momento de partilha

As novas gerações ainda vão salvar o mundo. Ou não. Mas honestamente acredito que existe uma grande probabilidade do mundo só não acabar por causa dessas novas gerações que che-

gam gerando incómodo e questionando os nossos hábitos encardidos e egoístas que matam o planeta um pouquinho por dia.

Todavia, juventude e arrogância são duas palavras que costumam andar de mãos dadas. E isso não é exclusividade dessa geração. Todos nós, no auge da ingenuidade / ignorância dos nossos 18 anos, já pensamos ser os soberanos, donos da verdade, cheios de certezas que, com o tempo, vão caindo pelo caminho.

As novas gerações são vegetarianas. Veganas. Anti-plástico. Anti fast-fashion. São defensoras dos animais. Não toleram conservantes. Corantes. Touradas. Estão dispostas a reduzir o consumo (de tudo). A reutilizar e a reciclar. Se negam a comer agrotóxicos. Se negam a consumir transgênicos. E, acima de tudo, se negam a tolerar tais comportamentos à sua volta.

Sim, pelo jeito eles vão salvar o mundo. Ainda bem. Se não fossem seus berros de revolta, talvez eu não tivesse mudado nem metade dos comportamentos que mudei. E por isso sou grata – e acho que todos nós que já temos mais de 30 devemos sê-lo. Entretanto, como toda boa juventude, eles são ótimos para falar e péssimos para ouvir. Sabe como é. Conversa de gente mais velha é sempre uma perda de tempo (até o dia em que a gente se dá conta que todo jovem que aprende muito, acaba por se tornar um velho).

E então a cena se repete: muito preocupados com as suas nobres causas, tiram o iPhone do bolso no meio do almoço de domingo e, em uma fração de segundo, já não estão mais ali. Teletransportados daquele “inútil” ambiente familiar para seus ricos núcleos (ou bolhas) de debates, terminam por ser um corpo presente naquela mesa e uma ausência gritante naquele raro momento de partilha.

Mas de repente eles voltam. Porque sentiram o cheiro da carne assada preparada pela avó. Poderia ser um bom momento de memória afetiva, mas, na verdade, voltam porque sentem a necessidade (quicá o direito) de começar um longo sermão acerca do absurdo que é aquele consumo de carne vermelha em pleno século XXI. Carne essa comprada numa rede de supermercados que não se preocupa com a maneira de produção, com o uso de hormonas e com a forma de abate. E sim, eles tem razão. Negam-se a comer a carne, permanecendo na salada, não sem antes perguntar se são de agricultura biológica.

Na sequência, criticam as garrafas de plástico com bebidas açucaradas que a avó disponibilizou em cima da mesa, bem como se queixam na hora do café, por tratar-se de grande marca multinacional e não de uma produção local de cultivo sustentável. Pouco depois de suas pertinentes e doloridas críticas, voltam para seus iPhones sem nenhuma dúvida sobre seu direito de apontar tantos erros e sem nenhum indício das mágoas que causam em quem ouve tal discurso.

Não sei, mas me parece que, de fato, na vida tudo é uma questão de equilíbrio. E que acima disso também há algo chamado bom senso. De tão preocupados que estão com os temas urgentes da esfera pública, se esquecem de que a vida se faz na nossa esfera privada. E que por mais importante que sejam suas causas e bandeiras, há quem não tenha a mesma disposição ou clareza para abraçá-las. Mas são essas mesmas pessoas que seguem ali, presentes e fiéis, com um abraço certo e cotidiano à disposição. Mesmo que esse abraço venha em forma de carne assada, de embalagem plástica ou de sobremesa cheia de corantes artificiais.

Manus, Ruth, in Observador, 04/08/ 2019, disponível em <https://observador.pt/opiniao/nao-adianta-salvar-o-meio-ambiente-se-voce-nao-souber-tratar-bem-a-sua-avo/> (consultado a 29 de agosto de 2019)

2. A pares, os alunos selecionam um texto, uma imagem ou um vídeo e escrevem um comentário.
3. Os melhores comentários serão coligidos num portefólio de textos produzidos pela turma.

# REFERÊNCIAS

## BIBLIOGRÁFICAS

---

### Textos, géneros de texto e ensino de géneros de texto

- Amor, E.** (1999). *Didáctica do Português – Fundamentos e metodologias*. Lisboa: Texto Editora.
- Bono, E.** (2005). *Os seis chapéus do pensamento*. Lisboa: Pergaminho.
- Chartrand, S.-G., Émery-Bruneau, J.; Sénéchal, K.**, com a colaboração de P. Riverin (2015). *Caractéristiques de 50 genres pour développer les compétences langagières en français*. Disponível em: [https://www.enseignementdufrancais.fse.ulaval.ca/fichiers/site\\_ens\\_francais/modules/document\\_section\\_fichier/fichier\\_a0567d2e5539\\_Caracteristiques\\_50\\_genres.pdf](https://www.enseignementdufrancais.fse.ulaval.ca/fichiers/site_ens_francais/modules/document_section_fichier/fichier_a0567d2e5539_Caracteristiques_50_genres.pdf) (consultado em 21/07/2019).
- Coutinho, A.** (2004), A ordem do expor em géneros académicos do português europeu contemporâneo, *Calidoscópio*, 2(2), pp. 9-15, disponível em <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6445> (consultado em 28/07/2019).
- Coutinho, A.** (2007). *Descrever géneros de texto: resistências e estratégias*, pp. 639-647, disponível em <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/20.pdf> (consultado em 20/07/2019).
- Coutinho, A.** (2008). “Marcadores discursivos e tipos de discurso”. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, pp. 193-210. Disponível em <http://clunl.fcsh.unl.pt/wpcontent/uploads/sites/12/2018/02/2lmariacoutinho.pdf> (consultado em 20/07/2019).
- Coutinho, A.** (2012). Dos géneros de texto à gramática, *Delta*, 28 (1), disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-4450201200010002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4450201200010002) (consultado em 27/07/2019).
- Coutinho, A.** (2014). Géneros de texto: noção teórica e ferramenta didática. Disponível em [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Formacao/es\\_conf\\_generos\\_texto\\_ac.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Formacao/es_conf_generos_texto_ac.pdf) (consultado em 25/07/2019).
- Coutinho, A.** (2015). *Géneros de texto, modos de locução e sequências prototípicas. Texto de apoio para Linguística do texto*. Lisboa: FCSH/NOVA (Moodle).
- Coutinho, A.** (2019, no prelo). *Texto e(m) linguística: teorias, cruzamentos, aplicações*. Lisboa: Colibri.

- Coutinho, A., & Correia, C. N.** (2013). Uma leitura de 'Homero'. In J. Markic & C. N. Correia (ed.), *Descrições e contrastes. Tópicos de gramática portuguesa com exemplos contrastivos eslovenos* (pp. 121-136). Ljubljana: Univerza v Ljubljani.
- Coutinho, A.; Leal, A.; Cunha, L.; Jorge, N.** (2013). Géneros de texto e ensino da escrita. In L. A. Pereira; I. Cardoso (coord.), *Reflexão sobre a escrita. O ensino de diferentes géneros de textos* (pp. 183-200). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Coutinho, A.; Tanto, C. & Luís, R.** (2015). O conhecimento explícito dos textos e da língua. In *Formação docente. Textos, teorias e práticas* (pp. 133-164). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Cunha, C.; Cintra, L.** (1986). *Breve gramática do português contemporâneo*. 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dolz, J. ; Schneuwly, B.** (1999). Os géneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, 11, pp. 10-11.
- Dolz, J.; Schneuwly, B.** (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- Guimarães, A. M. M.** (2006). Construindo propostas de didatização de gênero: desafios e possibilidades, *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 6 (3), pp. 347-374. Disponível em [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/341](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/341) (consultado em 29/07/ 2019).
- Jorge, N.; Coutinho, A.** (2017). Percursos (linguísticos) para análise (literária). *Palavras*, 50-51, pp. 77-87.
- Jorge, N.; Coutinho, A.**; (coord.) (2019). Ensinar Português: conteúdos, estratégias e atividades. *Palavras em Linha*, 2, pp. 121-134.
- Machado, A. R.; Bezerra, M. A.** (org.) (2002). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Marcushi, L. A.** (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Marcushi, L. A.** (2013). Géneros textuais: definição e funcionalidade. In A. Dionísio, A. Machado & M. Bezerra (org.), *Gêneros textuais e ensino* (pp. 19-36). Rio de Janeiro: Lucerna.
- ME-DGE** (2008). *Dicionário terminológico para consulta em linha*. Disponível em <http://dt.dge.mec.pt/> (consultado em 27/07/2019).
- Meurer, J.; Bonini, A. & Motta-Roth, D.** (org.) (2006). *Gêneros, Teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Miranda, F.** (2010). *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCG/FCT.
- Miranda, F.** (2015). Considerações sobre o ensino de géneros textuais: pesquisa e intervenção. In E. Leurquin, A. Coutinho & F. Miranda (ed.), *Formação docente: textos, teorias e práticas*. Campinas: Mercado das Letras.
- Muniz-Oliveira, S.** (2013). O interacionismo sociodiscursivo: elaboração de modelo didático para o ensino de géneros textuais. *Revista Educação e Linguagens*, 2(3),

pp. 75-88. Disponível em <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacao/linguagens/article/viewFile/641/377> (consultado em 27/07/2019).

**Pereira, L. A.; Cardoso, I.** (coord.) (2013). *Reflexão sobre a escrita. O ensino de diferentes gêneros de textos*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

**Rastier, F.** (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.

**Rojo, R. & Cordeiro, G. S.** (org.). (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras.

**Schneuwly, B. & Dolz, J.** (1997). Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d'enseignement. Disponível em [http://www.cndp.fr/zeprep/oral/art\\_bs.htm](http://www.cndp.fr/zeprep/oral/art_bs.htm) (trad. port.: Cordeiro, G. S. (1999). Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objectos de ensino, *Revista Brasileira de Educação*, 11, pp. 5-16).

**Schneuwly, B. & Dolz, J.** (2004). *Gêneros orais e escritos na escola* (trad. e org. R. Roxo & G. Cordeiro). S. São Paulo: Mercado das Letras.

**Segate, A.** (2010). Gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa. *Linha D'Água*, 23, 13-24. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37333> (consultado em 25/07/2019).

**Silva, P.** (2012). *Tipologias textuais*. Coimbra: Editora Almedina.

**Silva, M. R.** (2013). Gêneros Textuais como Recurso para Ensino e Aprendizado de Língua Portuguesa. *Moinhos*, 3(3), pp. 91-110. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2431> (consultado em 24/07/2019).

## Gêneros da atividade jornalística

**Araújo, C.; Barbosa, S.** (2003). Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. *Interdisciplinar, Edição Especial Abralim*, VIII(7), pp. 325-341.

**Bräkling, K. L.** (2000). Trabalhando com o artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro. In R. Rojo (org.), *A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs* (pp. 221-248). São Paulo: EDUC / Campinas: Mercado de Letras.

**Cândido, A.** (2003). A vida ao rés-do-chão. In *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática.

**Cunha, D.** (2002). O funcionamento dialógico do gênero artigo de opinião. In A. Dionizio, A. Machado & M. Bezerra (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

**Gonçalves, M.; Jorge, N.** (org.) (2018). *Literacia científica na escola*. Lisboa: NOVA FCSH-CLUNL. Disponível em <http://www.literaciacientifica.pt/publicacoes> (consultado em 24/07/2019).

**Jorge, N.** (2019). A exposição oral no 5.º ano de escolaridade – relato de percurso didático. In *Atas do 13.º ENAPP*, pp. 59-70.

**Jorge, N.; Gonçalves, M.** (2019). A escrita de gêneros expositivos e argumentativos em diferentes disciplinas ao longo da escolaridade obrigatória – gênero artigo / texto de opinião, *VI Eire 2019* (comunicação oral em mesa redonda).



- Khales, D.** (2015). La lettre ouverte dans le manuel scolaire de français de première année secondaire. Tese de mestrado. Université Abderrahmane Mira-Bejaia. Disponível em <http://www.univ-bejaia.dz/dspace/bitstream/handle/123456789/1115/La%20lettre%20ouverte%20dans%20le%20manuel%20scolaire%20de%20fran%C3%A7ais%20de%20premi%C3%A8re%20ann%C3%A9e%20secondaire.pdf?sequence=1&isAllowed=y> (consultado em 01/08/2019).
- Neiva, É.** (2005). Questionamento e reflexões no exercício cronístico de Clarice Lispector. *Caligrama*, 1(2). Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2005.64275> (consultado em 13/08/2019).
- Ohuschi, M.; Barbosa, F.** (2011). O gênero artigo de opinião: da teoria à prática em sala de aula. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 33(2), pp. 303-314.
- Reis, C.** (2005). O tempo da crónica, *Jornal de Letras*, 25 de outubro, p. 12.
- Uber, T.** (2010). Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo. Disponível em [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_terezinha\\_jesus\\_bauer\\_uber.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_jesus_bauer_uber.pdf) (consultado em 13/08/2019).
- Vézina, C.** (2011). *Vulgarisation scientifique. Notes de cours*. Laval: Université Laval.

## Gêneros do campo autobiográfico

- Brauer-Figueiredo, M.; Hopfe, K.** (org.), (2002). *Metamorfoses do Eu: o Diário e outros gêneros autobiográficos na literatura portuguesa do séc. XX*. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita.
- Figueiredo, C.** (2012). Relato de viagem: gênero jornalístico ou literário? Estudo de caso / análise de *Viagem ao Crepúsculo* (Samarone Lima). In *XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0760-1.pdf> (consultado em 13/08/2019).
- Gonçalves, M.** (2013). *José Saramago: da viagem ao viajante*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Comunicação. Universidade de Lisboa.
- Hanenbergh, P.** (2002). Caderno de um viajante de Aquilino Ribeiro. In M. F. Brauer-Figueiredo; K. Hopfe (org.). *Metamorfoses do Eu: o Diário e outros gêneros autobiográficos na literatura portuguesa do século XX* (pp. 84-93). Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita.
- Hatavara, M.** (2013), in Reis, C. (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos* (p. 35). Coimbra: Almedina.
- Jolly, M.** (Ed.) 2001. *Encyclopedia of life writing* (2 vols.). London/Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.
- Jorge, N.** (2014). *O gênero memórias – Análise linguística e Perspetiva Didática*. Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Jorge, N.** (2016). O gênero textual memórias – análise e didatização, *Palavras*, 48-19, pp. 79-93.



- Lejeune, P.** (2003), in Reis, C. (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos* (p. 35). Coimbra: Almedina.
- Lejeune, P.** (1975). *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil.
- Lejeune, P.** (2005). *Signes de vie. Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil.
- Lejeune, P.; Bogaert, C.** (2006). *Le journal intime: histoire et anthologie*. Paris: Textuel.
- Martins, J.; Azevedo, F.** (2016). O Diário: uma representação polifônica do Eu. Reflexões sobre a obra *O Diário de Anne Frank*. *Acta Scientiarum, Human and Social Sciences*, 38(1), pp. 105-114.
- Paschen, H.** (2002). Os dias são Eu – a forma diarística na narrativa breve de Mário de Sá-Carneiro. In M. F. Brauer-Figueiredo; K. Hopfe (org.). *Metamorfoses do Eu: o Diário e outros géneros autobiográficos na literatura portuguesa do século XX* (pp. 119-130). Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita.
- Pullig Bastos, A.** (2016). O Diário na sala de aula: articulando análise linguística, leitura e produção textual. *Linguagens & Letramentos*, 1(2), pp. 203-222.
- Reis, C.** (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina.
- Rocha, C.** (1992). *Máscaras de Narciso – Estudos sobre Literatura autobiográfica em Portugal*. Lisboa: Almedina.
- Sá, A.** (2019). *Relato de viagem*. Disponível em <https://knoow.net/arteseletras/literatura/relato-de-viagem/> (consultado em 13/08/2019).
- Schemes, E.** (2015). A literatura de viagens como gênero literário e como fonte de pesquisa. In *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Disponível em [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917\\_ARQUIVO\\_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf) (consultado em 13/08/2019).

## Géneros da atividade literária

- Bernardes, J. A. et al.** (dir.) (1998). *Biblos – Enciclopédia das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. 1. Lisboa: Verbo.
- Coelho, A.** (1988). *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Dom Quixote / Círculo de Leitores.
- Faria, R.** (2009). *O Conto popular Português*. Disponível em <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/14315/2/tesedoutcontopopular000074266.pdf> (consultado em 05/08/2019).
- Galhoz, M. A.** (1995). Sobre a tradição oral algarvia. I – Poesia recolhida na freguesia de Querença. As orações. In *Estudos de Literatura Oral*, 1. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/1380> (consultado em 13/08/2019).
- Reis, C.** (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*, Coimbra: Almedina.
- Reis, C.; Lopes, A. C.** (2002). *Dicionário de Narratologia*, 7.<sup>a</sup> edição. Coimbra: Almedina.

## Géneros comuns a várias atividades

- Brassart, D. G.** (1993). Remarques sur un exercice de lecture-écriture: la note de synthèse ou synthèse de documents. *Pratiques*, 79, pp. 95-113. Disponível em [http://www.pratiquescresef.com/p079\\_br1.pdf](http://www.pratiquescresef.com/p079_br1.pdf) (consultado em 30/07/2019).
- Fidalgo, M.** (2017). Comentar revisões e rever comentários: estratégias de (co)produção textual em contexto profissional. In *Cadernos WGT: Comente o seguinte texto*. Disponível em [http://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/09/9\\_Fidalgo\\_cadernos16WGT.pdf](http://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/09/9_Fidalgo_cadernos16WGT.pdf) (consultado em 14/08/2019).
- Jorge, N.** (2019). “A exposição oral no 5.º ano de escolaridade – relato de percurso didático”, Atas APP, pp. 59-70. Disponível em <https://www.app.pt/10901/percursos-da-interdisciplinaridade-em-portugues-dos-projetos-as-praticas/> (consultado em 22/07/2019).
- Jorge, N.** (no prelo). A síntese como género escolar transdisciplinar: o contributo da disciplina de Português. *Revista Portuguesa de Educação*.
- Jorge, N. & Ribeiros, I.** (2013). Oficina. Do comentar ao comentário: atitudes discursivas e género textual. 5.º *Encontro Internacional de Reflexão sobre a Escrita*. Aveiro: Universidade de Aveiro (comunicação oral).
- Martins, A.** (2007). Como fazer um comentário. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/como-fazer-um-comentario/20999> (consultado em 19/07/2019).
- Prada, E.** (2004). Como fazer o comentário de um texto. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/como-fazer-o-comentario-de-um-texto/13451> (consultado em 28/07/2019).
- Rodrigues, R.** (2005). Os géneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In J. Meurer, A. Bonini & D. Motta-Roth (org.), *Géneros, Teorias, métodos, debates* (pp. 152-183). São Paulo: Parábola Editorial.
- Palma, T.** (2017). *O lugar do comentário na disciplina de Português*. Trabalho realizado no âmbito da Unidade Curricular *Linguística do Texto*. Universidade Nova de Lisboa.

**Ensinar géneros de texto:**  
**conteúdos, estratégias e materiais**  
congrega trabalhos sobre treze  
géneros de texto distintos,  
produzidos em **atividades  
sociais** diversas:

- géneros produzidos no âmbito da atividade jornalística: **artigo de divulgação científica, texto de opinião, carta aberta, crónica;**
- géneros pertencentes ao campo autobiográfico: **memórias, autobiografia, diário, relato de viagem;**
- géneros integrados na literatura tradicional: **oração protetiva, conto popular;**
- géneros comuns a várias atividades: **síntese, resumo, comentário.**

Apoios

